

Marcos de Abreu Melo

**O RIO QUE CORRE PELA ALDEIA: RELAÇÕES
ESTABELECIDAS POR TORCEDORES COMUNS DE
BELO HORIZONTE COM O TORCER, COM A
VIOLÊNCIA E COM O NOVO ESTÁDIO
INDEPENDÊNCIA**

Belo Horizonte

2013

Marcos de Abreu Melo

**O RIO QUE CORRE PELA ALDEIA: RELAÇÕES
ESTABELECIDAS POR TORCEDORES COMUNS DE
BELO HORIZONTE COM O TORCER, COM A
VIOLÊNCIA E COM O NOVO ESTÁDIO
INDEPENDÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Área de Concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação *O rio que corre pela aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo Estádio Independência* de autoria do mestrando **Marcos de Abreu Melo** defendida e aprovada em 8 de março de 2013, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (UFMG)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
Fundação Getúlio Vargas

AGRADECIMENTOS

Essa talvez seja a parte mais difícil de escrever em uma dissertação de mestrado. É preciso olhar para trás, não apenas dois anos, mas vários, e ter a sensibilidade e a humildade de reconhecer quantas pessoas foram tão importantes para mim. Quantas situações ordinárias e extraordinárias me trouxeram até aqui. Quantas experiências, encantos e desencantos, encontros e desencontros formaram o que sou. E há sempre o risco de se esquecer de mencionar alguém relevante nessa longa travessia, risco que tenho que correr para homenagear e agradecer pessoas tão especiais em minha vida.

Mas antes talvez seja bom pedir desculpas. Vinícius de Moraes já disse uma vez que “a maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, o que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro”. Estou certo que, ao longo desse curso de mestrado, em alguns momentos acabei sendo um homem encerrado em mim mesmo e não dei tudo o que podia para muitas pessoas que mereciam e esperavam. Torço para que me perdoem.

Dito isso, aos agradecimentos!

Primeiramente, à família. Obrigado, pai, por ser um exemplo tão grandioso de homem, sempre um farol e um porto seguro, mesmo agora que já estou crescendo. Dizem que me pareço com você e isso é o maior elogio que posso receber. Obrigado, mãe, por seu carinho infinito, seu jeito alegre e sua presença luminosa em minha vida. Sem você, não sei o que seria de mim, sinceramente. Obrigado, irmão, por tudo que vivemos juntos, tudo o que crescemos juntos. Sua mente e sua postura são sempre um delicioso desafio e aprendizado para mim. Obrigado pelo seu perdão e por ser meu amigo mais antigo. Obrigado a vocês três, Fernando, Simone, Lucas, por serem minha querida família!

Agradeço também à minha avó, aos meus tios e tias, primos e primas, em Belo Horizonte, em Brasília e em Araguari por todo o apoio e o carinho. É bem mais fácil e agradável caminhar com tantas pessoas queridas.

Ao Silvio, muito mais que um orientador ou tutor. Entramos juntos na Escola de Educação Física e você me apresentou caminhos fantásticos que eu não imaginara possíveis. Sua amizade, cumplicidade, confiança e sabedoria são, como você diria, muito caros para mim. Caríssimos. Obrigado por acreditar e investir em mim.

A toda nação gefutense, desde os membros mais antigos até as mais novas contratações do grupo. O GEFuT tem sido, nos últimos seis anos e meio, parte primordial da minha formação acadêmica e profissional e de quebra me permitiu encontrar grandes pessoas. Ao meu capitão, Luiz, amigo querido, com coração ainda maior que o meu e homem de uma integridade e bondade inigualáveis, meu muito obrigado por tudo (e tudo é tanta coisa que não caberia numa dissertação). Ao Shortinho (eu tentei escrever Tiago, mas ficou estranho), amigo querido, de uma sabedoria profunda e uma postura sempre inspiradora, meu muito obrigado, a você e a sua família fantástica que sempre me recebeu tão bem. Ao Luisinho, ao Tio Phill, ao Andrezão e ao Tejota (além do Saint-Clair e do Marlon), vocês estão indelevelmente em meu coração; meu muito obrigado por mostrarem que a vida pode ser diferente, que a alegria pode andar de mãos dadas com a seriedade, por me apresentarem o Pé de Cachorro *way of life*. Ao Brunão, doutor capoeirista, que sempre esteve ao meu lado, por sua inteligência ímpar, sua disponibilidade e humildade, meu muito obrigado. À Pri, pela longa caminhada juntos no GEFuT, meu muito obrigado pelos inúmeros ensinamentos. À Letícia, companheira ao longo de todo o curso de Educação Física, meu muito obrigado pelo compartilhar de tantos momentos, bons e ruins. Ao Plínio, novo no grupo, mas que já deixa sua marca e que, em tão pouco tempo, tanto me ajudou na pesquisa de mestrado, meu muito obrigado. Ao Yuri, ao Mauro, à Gabi, à Débora, à Ananda, ao Gibson, à Izabela, à Ju, ao Cadu, ao Primo, ao Cris, à Natasha, ao João, à Letícia, à Mari, ao Gino, à Marina, ao Rogério, à Luiza, ao Bill e aos que chegam ao GEFuT, meu agradecimento profundo pelas contribuições e por fazerem parte dessa história.

Agradeço também a todos que fizeram parte dos projetos de extensão do GEFuT, nas escolas e na Rádio UFMG Educativa. Um abraço especial para Kamila, Marina e Mariana, do COLTEC, que tanto me inspiraram a ser professor. E outro para Tico, Enderson, Gabi, Elias e Pacífico, do Óbvio Ululante, pelos inesquecíveis momentos nesse maravilhoso veículo de comunicação.

Às pessoas que estiveram comigo nas escolas em que estagiei e trabalhei: Centro Pedagógico, Colégio Pitágoras e Instituto Libertas. Aprendi muito nesses tempos e espaços. E um agradecimento especial a toda comunidade da Escola Municipal IMACO, onde trabalho nos últimos dois anos.

Agradeço aos professores José Alfredo Debortoli e Bernardo Buarque de Hollanda por contribuírem com a qualificação dessa pesquisa e por aceitarem o convite e me darem a honra de avaliarem esse trabalho.

A todos os torcedores que participaram da minha pesquisa de mestrado, pacientemente respondendo questionários ou entrevistas, expondo suas revoltas, satisfações e experiências.

Agradeço ao Cruzeiro e ao futebol, talvez minhas paixões mais antigas e que foram o combustível para meus estudos nos últimos anos.

Ao Tipão, comigo durante tanto tempo, uma mão na roda para a pesquisa e para tudo mais. Saudade.

Aos colegas do Mestrado em Lazer, pela jornada nem sempre tão próxima, mas compartilhada ao longo desses dois anos. Agradeço também aos colegas da Graduação em Educação Física, em especial a turma de Licenciatura, pelos tantos bons momentos e aprendizados contínuos.

A todos os professores que contribuíram com minha formação ao longo da Graduação e do Mestrado. Um agradecimento especial ao Tatá, um poeta disfarçado de professor (ou um professor disfarçado de poeta?) e ao Zé Alfredo, um sábio que tanto me ensinou sobre as crianças e a vida.

Agradeço aos funcionários da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, por todo o suporte e trabalho fundamentais para o bom andamento dos cursos que realizei na instituição.

Ao pessoal do PET Lazer, do qual nunca fiz parte, mas sempre me senti parte. Vocês contribuíram enormemente para minha formação e devo dizer que minhas experiências nas Colônias de Férias foram absolutamente indescritíveis. Nenhum trabalho nunca será tão prazeroso como foram essas Colônias. E, de quebra, ainda pude conhecer pessoas fantásticas nesse grupo. À Poly, amiga

empolgada, por todas as experiências surreais, pelas intensas emoções, pelo ouvido e pela compreensão. À KK, pelas viagens memoráveis, os momentos de angústia e júbilo, pela simplicidade e conhecimento que sempre demonstrou e pelo carinho comigo. À Ranucy, que felizmente impregnou minha jornada de risadas e abraços, por permitir que eu fizesse parte de tanta coisa importante na sua vida, tornando-se também tão importante para mim.

Agradeço à Débora, namorada linda, que chegou de mansinho e conquistou um espaço especial em minha vida, por seu carinho, seu amor, sua paciência e seu companheirismo. Sua presença é luz e inspiração.

Agradeço também aos amigos de longa data, que já viram tantos “Marcos” diferentes ao longo dos anos e, mais que isso, contribuíram decisivamente para essas mudanças, crescimentos, aprendizagens. Cada um de vocês tem lugar cativo na minha história, mesmo que o tempo e a distância por vezes não nos deixem tão próximos. Ao Gui, ao Hermont, ao Baião, ao Paulinho, à Camila, à Mari, ao Luiz Eduardo e ao Thiago, muito obrigado pela amizade.

Por fim, agradeço a Deus por me possibilitar conhecer tantas pessoas fantásticas.

Dizer que estas pessoas pagaram os seus *shillings* para ver vinte e dois mercenários a pontapear uma bola é como dizer que um violino é só madeira e intestinos de ovelhas, que Hamlet é só papel e tinta.

(John B. Priestley)

RESUMO

A presente dissertação teve como problema central investigar como os torcedores comuns de Belo Horizonte se relacionam com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Estádio Raimundo Sampaio (Independência), na capital mineira. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, caracterizada como documental e de campo, de caráter quantitativo e qualitativo. Foram feitas incursões a nove partidas de futebol realizadas no estádio Independência, tendo o América Futebol Clube, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube como mandantes ao longo do segundo turno do Campeonato Brasileiro das Séries A e B de 2012. Foram feitos registros de campo antes, durante e após esses jogos e aplicados questionários com um total de 231 torcedores. Posteriormente, cinco desses torcedores foram selecionados para entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados tendo em vista três eixos centrais: a relação do torcedor com o torcer e o seu clube; a relação do torcedor com o estádio; e a relação do torcedor com a violência. Foi possível perceber diferenças e semelhanças entre os torcedores de cada um dos três clubes pesquisados. Os dados indicaram que os americanos tem grande orgulho do Independência, repudiam, em sua maioria, os xingamentos e cantos ofensivos nos estádios e não possuem um grande rival para reafirmar seu pertencimento clubístico. Os torcedores do Atlético, por sua vez, tem na própria torcida do time uma de suas maiores razões de serem atleticanos, aceitam bem o Independência como palco dos jogos do clube e fazem grande uso dos cambistas como forma de adquirir ingressos. Já os cruzeirenses não se identificam com o Independência, tem forte influência dos títulos conquistados na construção do seu pertencimento clubístico e veem nas cinco estrelas um símbolo importante do clube. Por outro lado, os torcedores dos três times aprovaram a reforma no Independência e a atuação dos policiais militares em dias de jogos, embora tenham alegado uma sensação de segurança baixa sobretudo no entorno do estádio. Os torcedores também concordaram serem a localização e a modernidade os principais pontos positivos do novo Independência, ao passo que o estacionamento e a visibilidade do jogo foram apontados como os principais aspectos negativos. A análise dos dados permitiu observar permanências

e discontinuidades no ato de torcer na capital mineira, explicitando avanços e tensões no processo de modernização dos estádios de futebol.

Palavras-chave: torcer, futebol, Independência, violência, lazer.

ABSTRACT

The present dissertation was highly concerned about how ordinary football supporters from Belo Horizonte behave within the supporting atmosphere felt during matches at the recently-inaugurated Stadium Raimundo Sampaio (Independência), in the capital of Minas Gerais. The documentary and field research developed can also be characterized as descriptive, displaying both quantitative and qualitative features. The stadium was visited nine times in 2012 when América Futebol Clube, Clube Atlético Mineiro and Cruzeiro Esporte Clube were playing as hosts. Such visitations were carried out during the second season of the Brazilian National Championship in both Premier and Second leagues. Field registers were recorded before, during and after the matches, and 231 football supporters filled in questionnaires. Afterwards, five supporters from the previous sample were selected to answer semi-structured interviews. The data were collected and analyzed considering three main foci: the relationship between the supporters and their supporting feeling and football club; the relationship between the supporters and the stadium; and the relationship between the supporters and the violence. It was possible to notice differences and similarities among the supporters' beliefs from each of the football clubs investigated in this research. The data indicate that América supporters are very proud of Independência, the majority of them despise bad language and songs in the stadiums, and they do not have a great rival in order to reaffirm their sense of belonging to a football club. Supporters from Atlético, on their turn, see in their own supporting group one of the greatest reasons for supporting the team. They embrace Independência as the stadium for Atlético's matches and buy tickets on the black market. Cruzeiro supporters, on the other hand, have no sense of belonging to Independência. They rely greatly on previously-won championships and cups in order to reinforce their feeling of belonging. Their five-star symbol, in addition, is very important for Cruzeiro. Nevertheless, the supporters from all three teams approved Independência being rebuilt and the Military Police Force presence during the matches, although they felt a lack of safety mainly around the stadium area. The stadium's location and newness pleased the supporters, even though its parking lot and the match visibility from the grandstand were regarded as negative aspects of the new Independência. The data analysis not only allowed to

observe the ebb and flow of the act of supporting in the capital of Minas Gerais but also highlighted advances and tensions in the modernization process of football stadiums.

Key-words: supporting, football, Independência, violence, leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Mapa do entorno do Independência e as modificações de trânsito na região em dias de jogos	43
Figura 3.1 – Mapa da linha de metrô em operação em Belo Horizonte	47
Figura 3.2 – Sinalização provisória de interdição de vias no entorno do Independência em dias de jogos	48
Figura 3.3 – Visão de um torcedor sentado em um dos “assentos com visibilidade prejudicada”	90
Figura 3.4 – Visão de um torcedor sentado em um dos “assentos com visibilidade prejudicada”	90
Figura 3.5 – Peripécias de um torcedor tentando assistir o jogo no setor de “assentos com visibilidade prejudicada”	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 – Caracterização dos jogos pesquisados	39
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 – Distribuição de torcedores participantes da pesquisa nos jogos de cada time	40
Gráfico 3.1 – Média de idade dos torcedores (em anos)	62
Gráfico 3.2 – Distribuição do sexo dos torcedores (em %)	63
Gráfico 3.3 – Distribuição da cidade em que moram os torcedores (em %)	64
Gráfico 3.4 – Distribuição dos times de coração dos torcedores (em %)	65
Gráfico 3.5 – Distribuição da relação que os torcedores de cada time tem com outros clubes (em %)	67
Gráfico 3.6 – Distribuição dos clubes mais odiados pelos torcedores (em %)	69
Gráfico 3.7 – Distribuição dos clubes que geram mais simpatia por parte dos torcedores (em %)	70
Gráfico 3.8 – Distribuição do principal motivo que levou os torcedores a torcerem pelo seu clube (em %)	72
Gráfico 3.9 – Distribuição do símbolo mais importante do clube para os torcedores (em %)	75
Gráfico 3.10 – Distribuição do modo de aquisição do ingresso por parte dos torcedores (em %)	76
Gráfico 3.11 – Distribuição do modo como os torcedores costumam acompanhar seu clube (em %)	79
Gráfico 3.12 – Distribuição do modo como os torcedores costumam acompanhar seu clube (em %)	80
Gráfico 3.13 – Distribuição da frequência dos torcedores a estádios nos jogos do América (em %)	82

Gráfico 3.14 – Distribuição da frequência dos torcedores a estádios nos jogos do Atlético (em %)	83
Gráfico 3.15 – Distribuição da frequência dos torcedores a estádios nos jogos do Cruzeiro (em %)	84
Gráfico 3.16 – Distribuição da média de pontos positivos e negativos apontados por torcedor	85
Gráfico 3.17 – Distribuição dos pontos <u>positivos</u> do Independência segundo os torcedores (em %)	87
Gráfico 3.18 – Distribuição dos pontos <u>negativos</u> do Independência segundo os torcedores (em %)	87
Gráfico 3.19 – Distribuição da avaliação dos torcedores sobre a reforma no Independência (em %)	93
Gráfico 3.20 – Distribuição da avaliação dos torcedores sobre a colocação de cadeiras nas arquibancadas em estádios (em %)	94
Gráfico 3.21 – Distribuição do testemunho de cenas de violência por parte dos torcedores (em %)	98
Gráfico 3.22 – Distribuição do testemunho de cenas de violência por parte dos torcedores em diferentes estádios (em %)	98
Gráfico 3.23 – Distribuição da sensação de segurança dos torcedores (em %)	100
Gráfico 3.24 – Distribuição dos fatores que diminuem a sensação de segurança dos torcedores (em %)	102
Gráfico 3.25 – Distribuição da relação dos torcedores com xingamentos e cantos ofensivos nos estádios (em %)	105
Gráfico 3.26 – Distribuição da associação entre a violência no futebol e as torcidas organizadas na opinião dos torcedores (em %)	108

Gráfico 3.27 – Distribuição da avaliação dos torcedores sobre a presença e atuação da polícia militar e demais agentes de segurança no Independência (em %)

..... 111

LISTA DE SIGLAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

EDT – Estatuto de Defesa do Torcedor

GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	SOBRE O PESQUISADOR E A PESQUISA	18
1.1	Sobre o pesquisador	18
1.2	Sobre a pesquisa	23
1.2.1	Introdução	23
1.2.2	Justificativa	32
1.2.3	Objetivo geral	34
1.2.4	Objetivos específicos	34
2	METODOLOGIA E CAMPO	35
2.1	Metodologia	35
2.1.1	Os jogos e os sujeitos	38
2.2	O campo	40
2.2.1	Independência: breve retrospectiva	40
2.2.2	Rotina de observação	42
3	SOBRE OS DADOS	45
3.1	Dados dos registros de campo	45
3.1.1	Antes do jogo	46
3.1.2	Durante o jogo	52
3.1.3	Depois do jogo	59
3.2	Dados dos questionários e entrevistas	61
3.2.1	Sobre a relação com o torcer e com o clube	61
3.2.2	Sobre a relação com o estádio	81
3.2.3	Sobre a relação com a violência	97
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICES	126

CAPÍTULO 1 – SOBRE O PESQUISADOR E A PESQUISA

Na primeira parte desse capítulo, retomo um pouco da minha trajetória, de torcedor a estudioso do futebol, expondo expectativas e frustrações, paixões e interesses, mudanças e recomeços. Um caminho um tanto tortuoso que me trouxe até aqui e sobre o qual vale o leitor tomar conhecimento para que o ajude a entender algumas das motivações, escolhas, decisões que são feitas ao longo da pesquisa.

Em um segundo momento do capítulo, retomo não mais a minha trajetória, mas a do futebol como objeto de estudo das ciências humanas e sociais. Dentro desse quadro, destaco especialmente o torcer no futebol como uma possibilidade de vivência do lazer, expondo a conexão da presente pesquisa com esse campo de estudos. Apresento, por fim, o problema, a justificativa e os objetivos desse trabalho.

1.1 Sobre o pesquisador

É comum que muitos torcedores aleguem serem torcedores do seu clube desde o nascimento, como se isso fosse uma espécie de gene futebolístico, característica inerente à humanidade ou algo semelhante. Não parece ter sido meu caso.

Não é sem algum constrangimento que confesso que o cruzeirense que hoje sou quase foi... Atleticano! Quando criança, por influência de um tio querido que jogara no Clube Atlético Mineiro (que daqui em diante será chamado simplesmente de Atlético), eu cheguei muito perto de vestir as cores preto e branco para sempre. Porém, eu morava em um prédio com muitas crianças de idade próxima à minha e a grande maioria delas era fanática pelo Cruzeiro Esporte Clube (ou Cruzeiro, como será designado).

Eu cresci nesse impasse e não sei ao certo o que me fez enfim ceder ao lado azul e branco. Talvez tenham sido as molecagens geniais de Ronaldinho com a

camisa cruzeirense em 1993 e 1994 que encantaram os olhos do garoto de nove anos de idade. Talvez tenham sido as defesas absolutamente impensáveis do jovem goleiro Dida de 1994 em diante, que faziam aquele menino imaginar o pior e sentir o alívio de ver a bola longe das redes defendidas pelo arqueiro. Talvez tenham sido os grandes títulos que o clube conquistou na década de 1990, campeonatos sempre permeados de partidas emocionantes, imprevisíveis, absolutamente apaixonantes aos olhos do guri que crescia. Talvez tenha sido justamente o clima que esses importantes jogos criavam no prédio em que esse menino morava, algo tão extraordinário que envolvia tudo e todos...

Lembro-me que dia de partida decisiva do Cruzeiro era dia especial para mim e para os outros moleques que moravam no prédio. Havia toda uma preparação, os amigos mais próximos iam para os apartamentos uns dos outros vestindo camisas azuis, carregando bandeiras estreladas, levando toda sorte de vestimentas ou objetos que remetessem ao Cruzeiro ou que dessem sorte. Acompanhávamos as partidas pela televisão. O vizinho que tinha uma espécie de varanda maior, na parte de trás do edifício, sempre soltava fogos de artifício barulhentos para anunciar o jogo, mas, sobretudo, para decretar o fim da peleja, quando aquele glorioso time cruzeirense da década de 1990 venciam. Então, saíamos todos de casa, tarde da noite, e íamos para a singela praça em frente ao prédio para comemorarmos com cores e sons mais um triunfo. Os carros passavam, estranhos ao volante. Mas quando os estranhos eram também cruzeirenses, faziam explodir o som da buzina que ecoava ainda mais forte com nossos gritos em resposta.

Êxtase. Ao menos até nossas mães começarem a chamar das janelas, pois tínhamos aula no dia seguinte, era preciso dormir cedo. Subíamos. Eu demorava a dormir e demorava mais ainda a sumir do rosto aquele sorriso de júbilo em harmonia com as buzinas e fogos que invadiam o apartamento pela janela.

É. Talvez tenha sido por isso que eu de fato tenha nascido cruzeirense. Não é à toa que lágrimas escorrem desobedientes dos meus olhos enquanto escrevo essas linhas.

Eu só fui frequentar o Mineirão com mais assiduidade nos anos 2000, já crescido. Tinha ido a algumas partidas esparsas com meus pais na década de 1990, mas de alguma maneira acho que preferia o meu prédio ao estádio para as celebrações.

Minha paixão pelo Cruzeiro nasceu e cresceu acompanhada por minha paixão pelo próprio futebol. Eu e meus vizinhos vivíamos jogando bola na frente do prédio, tendo o portão de sua garagem como baliza. O campo tinha no meio um murinho de chapisco que ia até a altura dos joelhos e de vez em quando os esfolava. Ali fiz muitos gols, narrando tantos deles aos berros, dizendo-me Ronaldinho, Marcelo Ramos, Alex Alves... Ali alimentei meu sonho de ser camisa dez da Seleção Brasileira um dia.

Sonho que era nutrido também na escola, nas partidas bagunçadas do recreio ou nas mais organizadas das aulas de Educação Física. Sonho que não resistiu às evidências crescentes da realidade. Eu não era um perna de pau, mas estava longe de ser um craque. Fui para o gol. Passei boa parte da minha adolescência tentando evitar que os colegas e amigos marcassem tentos. Em um campeonato escolar, quando eu tinha 14 ou 15 anos, tive o que deve ter sido a atuação mais espetacular da minha carreira, quando fechei o gol na final, garantindo um zero a zero improvável e defendendo duas penalidades na disputa de pênaltis. Fomos campeões.

O novo sonho era ser arqueiro da Seleção Brasileira. Novamente, a realidade acabou se mostrando indiferente ao sonho. Não cheguei nem a 1,75 metros e era franzino, longe das características de um goleiro de alto nível. Decidi fazer um curso de Engenharia no vestibular. Entrei na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para me tornar engenheiro químico, embora nunca tenha tido clareza do que isso significava e se era o que eu queria para minha vida. Eu ainda jogava peladas nessa época e o desejo de ser goleiro foi sendo substituído pelo sonho de ser treinador de futebol. Dois anos depois, abandonei a Engenharia para enfim perseguir esse sonho seriamente: entrei para o curso de Educação Física da UFMG, em 2006.

Logo procurei as pessoas que trabalhavam com treinamento esportivo, tentei timidamente me familiarizar com o futebol de alto rendimento, mas comecei a

perceber que aquele era um ambiente muito diferente do que eu imaginava. Pareceu-me um espaço com princípios e valores muito distantes dos meus e eu me questionava se era aquilo mesmo que eu desejava. Conheci, então, duas outras possibilidades de atuação na Educação Física: a Escola e o Lazer. Encantei-me com ambas, muito mais alinhadas com o que eu acreditava, com o que eu queria trabalhar e desenvolver.

O professor Silvio Ricardo foi quem esteve à frente das primeiras aulas que tive sobre o Lazer, ainda no primeiro semestre de 2006. Ele também tinha acabado de ser admitido no curso de Educação Física da UFMG (no corpo docente, naturalmente) e no mesmo ano criou o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) para realizar uma pesquisa encomendada pelo Ministério do Esporte, que tinha como objetivo verificar o cumprimento das normas do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) em vários estádios do Brasil e analisar como os torcedores se relacionavam com aquela nova lei. O GEFuT foi o responsável por tal pesquisa em Minas Gerais, especificamente no Mineirão, a partir de julho de 2006. Em setembro, fui convidado pelo professor Silvio a fazer parte do grupo e da pesquisa. Começava ali uma trajetória que eu nunca previra.

O menino que cresceu querendo fazer gols com a camisa do Brasil, adolesceu sonhando evitar os gols com a mesma camisa e perseguiu a formação como treinador de futebol, acabou mesmo iniciando uma trajetória como estudioso desse fascinante esporte e do torcer. Fico me perguntando onde isso vai parar. Ou se vai parar...

Hesitei muito em aceitar o convite para fazer parte do GEFuT. Em algum grau eu sabia que isso poderia me afastar do desejo de ser um treinador. Mas a perspectiva de estudar algo que eu amava tanto – o futebol – falou mais alto. Fiz parte do referido estudo sobre o EDT, que ganhou desdobramentos e ampliações em 2007, em um trabalho coletivo riquíssimo que se constituiu como porta de entrada e base para a minha formação no mundo da pesquisa. As reuniões semanais do grupo para avaliação e refinamento do estudo bem como para a leitura

e debate de vários autores do campo das ciências humanas e sociais foram sem dúvida cruciais.

Ao término dessa primeira pesquisa, conseguimos nos aprofundar em duas frentes: nas diferenças entre torcedores de voleibol e futebol no que diz respeito ao EDT; e na violência no futebol e segurança dos torcedores de futebol. Trabalhei mais intensamente nesta frente uma vez que o tema da violência no torcer me chamara a atenção. Ali talvez estivesse a raiz do meu primeiro projeto de mestrado, anos mais tarde.

Antes disso, porém, segui minha formação diretamente ligada ao GEFuT, participando de grande parcela das pesquisas que o grupo conduziu ao longo dos anos. Em 2008 fiz parte da equipe que realizou um extenso levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais no período compreendido entre 1980 e 2007. Tal experiência permitiu-me ter contato com importantes autores dessa área (ou dessas áreas) e compreender mais claramente o desenvolvimento histórico do futebol como campo de estudo.

Entre 2009 e 2011, participei dos dois projetos de extensão do GEFuT. Um deles envolvia o trabalho do futebol e do torcer com alunos de Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas de Belo Horizonte. Foi sem dúvida um período iluminado e delicioso da minha formação e que contribuiu muito com a minha decisão de abraçar a Licenciatura e de querer dar aulas de Educação Física em escolas, algo que faço desde a conclusão do meu curso na UFMG, no início de 2010.

O outro projeto de extensão do grupo, ao qual estou ligado até hoje, é a produção e participação em um programa de rádio que aborda o futebol sob diferentes olhares, fugindo dos formatos mais comuns de programas esportivos. Trata-se de uma parceria entre o GEFuT e a Rádio UFMG Educativa, com a veiculação semanal do programa Óbvio Ululante. Outra experiência enriquecedora e que permite que o GEFuT divulgue muito do conhecimento científico acumulado sobre o futebol para uma parcela mais ampla da população.

Nesse meio tempo, acompanhei (mais de longe, é verdade) a pesquisa que o GEFuT conduziu sobre o mapeamento e perfil das torcidas organizadas de

Cruzeiro, Atlético e Ipatinga, entre 2009 e 2010. Paralelamente, o grupo mantinha suas reuniões semanais de estudo, proporcionando a mim contato com outros autores das ciências humanas e sociais, tendo eles abordado o futebol diretamente ou não (Norbert Elias, Pierre Bourdieu, José Guilherme Cantor Magnani, Michel Foucault e Michel de Certeau foram alguns desses nomes).

Em 2011, ingressei no curso de Mestrado em Lazer – Interdisciplinar, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Meu projeto de pesquisa original, como já anunciei anteriormente, retornava ao tema da violência e buscava entender como ela se dava em diferentes eventos de massa relacionados ao lazer: partidas de futebol, de voleibol e shows de música.

O projeto, quase como um ser vivo, foi tomando outras formas à medida que os estudos das disciplinas de mestrado prosseguiam. Em um determinado momento, decidi focar meus estudos somente no Cruzeiro e investigar a relação dos seus torcedores com o clube e com o ato de torcer em estádios. Essa deveria ter sido a pesquisa caso alguns contratemplos imprevisíveis, incontroláveis e de grande magnitude não tivessem inviabilizado o andamento do projeto.

Acabei optando por e conduzindo a atual pesquisa, o que definitivamente não é visto por mim com pesar e dialoga intensa e intimamente com as versões anteriores dos projetos elaborados. O desafio a que este trabalho se propõe é investigar como o torcedor de Belo Horizonte se relaciona com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Estádio Independência. Anuncio o problema de pesquisa antecipadamente apenas para finalizar essa retomada de travessia que foi por mim proposta. O detalhamento de como cheguei a esse problema de pesquisa está descrito no tópico seguinte desse capítulo.

1.2 Sobre a pesquisa

1.2.1 Introdução

O futebol sem sombra de dúvida é um importante elemento cultural da sociedade brasileira, estando presente no dia-a-dia de nosso país das mais diversas maneiras e encontrando inúmeros meios de expressão. Os grandes jogos realizados em estádios, as partidas nos campos de várzea, as peladas nas ruas e escolas. As transmissões televisivas, a cobertura esportiva dos jornais, os blogs e comunidades virtuais na internet. Aqueles que acompanham seu time nas arquibancadas, os que escutam os jogos pelo rádio, as torcidas organizadas, os torcedores que assistem jogos em bares. As camisas de clubes nas ruas, as piadas no trabalho, as conversas em botecos. Em tudo isso se pode encontrar o futebol.

Não é a toa que Damo (1998, p.11) afirma que “o futebol é um dos símbolos da identidade brasileira [e] pode ser encontrado tanto nos discursos do senso comum quanto nos trabalhos acadêmicos”. É bem verdade que as pesquisas da área das ciências humanas e sociais durante muito tempo deixaram o futebol em segundo plano como objeto de estudo. Silva et al. (2009) mostraram, em seu levantamento da produção científica sobre o futebol nos referidos campos, que somente na década de 1990 houve um crescimento elevado no número de trabalhos publicados sobre este esporte nas ciências humanas e sociais. Atualmente, segundo os autores, as pesquisas nesta área já tem maior aceitação e destaque, tanto que os mesmos encontraram 626 obras sobre o futebol, entre teses, dissertações, livros e artigos, no período pesquisado (1980 a 2007).

A relevância do futebol, no entanto, extrapola a de um objeto de estudo científico. Como afirmam DaMatta et al. (1982), o futebol é uma forma de expressão da sociedade brasileira, veículo para o homem nacional extravasar suas mais profundas emoções, constituindo-se em uma atividade social que sem dúvida provoca sentimentos profundos de identidade individual e coletiva entre os brasileiros. O próprio Roberto DaMatta vai além, ao apontar que “o futebol tem servido como um instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira” (DAMATTA, 1994, p.16). O autor encontra coro em Daolio (2006, p.124), o qual diz que “o futebol, como um dado da cultura brasileira, espelha a própria sociedade, com todas as suas características e contradições”.

Seguindo uma linha semelhante, mas trazendo novos olhares sobre o futebol, Franco Júnior (2007) faz a seguinte consideração, que resume bem a complexidade e a relevância deste esporte:

Assim como essas formas culturais [cinema, teatro, literatura e artes em geral], o futebol expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que à sua maneira, em outro registro, com instrumentos próprios. Por canalizar com eficácia as esperanças e frustrações da sociedade, ele desperta emoção tão envolvente e adesão tão intensa que claramente se destaca de qualquer outra manifestação contemporânea (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 394).

De maneira ainda mais sucinta, mas não menos eficiente, Toledo (2000, p.67) afirma simplesmente que seria “difícil imaginar, hoje, o Brasil sem o futebol”.

Até mesmo as pessoas que não tem ligações muito fortes com esse esporte acabam tendo que lidar com ele no cotidiano. Nas grandes cidades, em dias de jogos dos seus times de futebol mais populares, os espaços urbanos ganham novos significados, pintam-se com as cores dos clubes futebolísticos, são invadidos por torcedores com seus gestos, gritos, cantos e bandeiras, como aponta Toledo (1996a). Essa relação do torcedor com o seu time de futebol, relação de paixão e fidelidade, é, segundo alguns estudiosos da área (SILVA, 2001; DAMO, 1998), a grande mola propulsora do gosto pelo futebol, sendo expressa diariamente nos mais diversos espaços. Trata-se do que Damo (1998) chama de “pertencimento clubístico”, algo que o autor define numa interessante comparação ao dizer que “como no caso da culinária e do vestuário, onde se afirma que ‘somos o que comemos e o que vestimos’ (Fine e Leopold, 1993), no futebol somos o clube para o qual torcemos” (DAMO, 1998, p. 13). Uma espécie de herança cultural, que geralmente se dá de pai para filho, e que pode ser considerada como parte do processo educacional de muitas das crianças dentro de suas famílias.

Diante da construção até aqui estabelecida, é importante destacar que o futebol, como os demais esportes, não pode ser considerado apenas como uma prática de atividade física em si. Por mais que pareça óbvio, convém ressaltar tal conclusão. O “jogar” um esporte constitui-se como uma possibilidade de vivência do lazer, sim. Mas, para além disso, como apontam Marcellino (1996) e Elias e Dunning (1992), a assistência a um esporte também pode ser uma prática de lazer. O torcer no futebol, conseqüentemente, se encaixa nesse quadro e pode ser visto como um

momento de possível lazer para os torcedores. Quando trato do lazer, agrada-me a compreensão que Chirstianne Gomes (2011) traz deste. Segundo a autora, “o lazer é caracterizado pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço social” (GOMES, 2011, p.149).

Quando falo do torcer, refiro-me a uma possibilidade de experiência do lazer atrelada ao pertencimento clubístico, que envolve a paixão e o acompanhamento de uma equipe esportiva, no caso, de futebol. E aqui cabe destacar duas palavras que, acima de quaisquer outras, parecem estar ligadas ao torcer: experiência e paixão.

Experiência é uma palavra polissêmica, que inclusive possui sentidos um tanto contaminados por vieses das ciências naturais. Não é o caso aqui. Ao tratar de experiência, falo do que Jorge Larrosa Bondía (2002) define como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Experiência que, segundo o próprio autor, é rara nos nossos dias por excesso de informação e de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho.

Experiência que, ainda segundo Bondía, envolve perigos e travessias e torna o sujeito da experiência um território de passagem. Torna, também, a experiência uma paixão. Paixão essa que está relacionada a um sofrimento e um padecimento; a um amor e um desejo; a uma liberdade dependente vinculada ao alvo dessa paixão:

Na paixão se dá uma tensão entre liberdade e escravidão, no sentido de que o que quer o sujeito é, precisamente, permanecer cativo, viver seu cativo, sua dependência daquele por quem está apaixonado. Ocorre também uma tensão entre prazer e dor, entre felicidade e sofrimento, no sentido de que o sujeito apaixonado encontra sua felicidade ou ao menos o cumprimento de seu destino no padecimento que sua paixão lhe proporciona. O que o sujeito ama é precisamente sua própria paixão. Mas ainda: o sujeito apaixonado não é outra coisa e não quer ser outra coisa que não a paixão (BONDÍA, 2002, p. 26).

Essa experiência e essa paixão parecem estar presentes, em maior ou menor grau, em vários torcedores de futebol no Brasil. Carlos Drummond de Andrade, em crônica de 1974, quando da Copa do Mundo daquele ano, já afirmava, em tom de ironia serem “bem aventureiros os que não tem paixão clubística, pois não sofrem de janeiro a janeiro, com apenas umas colherinhas de alegria a título de

bálsamo, ou nem isso”. (ANDRADE, 2002, p. 135). E concluía esse seu belo texto com um sonoro “para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração” (idem, p. 137).

Enfim, os torcedores, por sua paixão pelo futebol e/ou pelo clube, vivenciam experiências as mais diversificadas em suas relações. Experiências que são singulares e individuais, mesmo em meio a uma grande multidão, como em um estádio de futebol. Afinal, “torcedor” designa vários tipos diferentes de pessoas e grupos, cada qual com relações específicas com um jogo ou clube de futebol. Tostão (2012), por exemplo, ao falar do trabalho de comentarista esportivo, constata:

Falamos muito de jogadores, técnicos e até de dirigentes, mas nos esquecemos dos torcedores. (...) Há torcedores de todos os tipos: participativos, solitários, extrovertidos, tímidos, violentos, dóceis, entediados, palpiteiros... A maior parte possui várias dessas características. Todos tem, em comum, a paixão por seus clubes e/ou pelo futebol (TOSTÃO, 2012, p. 47).

Há também, em trabalhos científicos, tentativas de se categorizar os torcedores. Reis (1998), por exemplo, divide aqueles que frequentam jogos de futebol em estádios em quatro categorias: espectadores, torcedores, torcedores uniformizados e torcedores organizados.

É interessante notar que estes últimos, os torcedores organizados, parecem ser os que mais chamam a atenção dos pesquisadores das ciências sociais e humanas em seus trabalhos acadêmicos. Uma rápida consulta ao levantamento feito por Silva et al (2009), já citado anteriormente, mostra vários estudos em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul sobre as torcidas organizadas. Estudos muitas vezes associados à questão da violência e da agressividade do torcer.

São bem menos frequentes as pesquisas científicas que tem como foco os torcedores que, na falta de melhor palavra, chamarei de comuns, ou seja, aqueles que não fazem parte de torcidas organizadas, mas que frequentam estádios da mesma maneira. Silva (2001), por exemplo, estudou a relação dos torcedores com o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, apontando aspectos importantes dessa paixão e desse pertencimento. Mais recentemente, Campos (2010) pesquisou o

envolvimento de torcedoras (mulheres) do Cruzeiro com o time e com o estádio, contribuindo para a compreensão do gênero e do torcer no futebol.

E não é a toa que, em quase todas essas pesquisas, um dos elementos centrais dos estudos sejam os estádios de futebol. Uma das maneiras de se expressar o torcer, mas não a única, está nas idas aos estádios nos dias de jogos, o que, para muitos, constitui-se em uma experiência absolutamente catártica e especial.

Nesse sentido, é interessante notar a peculiaridade de Belo Horizonte em relação aos seus estádios nos últimos anos, como um resultado da preparação da cidade para a Copa do Mundo de 2014. Durante quase dois anos, os dois principais estádios de futebol da capital mineira (o Mineirão¹ e o Independência²) estiveram fechados simultaneamente, ambos sendo reconstruídos em nome de uma modernização que os colocasse em condições de receber partidas esportivas de maneira mais segura, organizada e agradável. Nesse período, os principais times de Belo Horizonte, o Cruzeiro Esporte Clube, o Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube, tiveram que sediar seus jogos fora da capital, em estádios que aparentemente não foram abraçados da mesma maneira pelos torcedores desses times.

Somente em abril de 2012 o estádio Independência foi reaberto (o Mineirão permaneceria em reforma até dezembro do mesmo ano) e os três grandes clubes da cidade puderam voltar a mandar seus jogos de futebol na capital, com aumento significativo da média de público nas partidas. A imagem que se quer transmitir é que se trata de um novo estádio, moderno, seguro e que atende as necessidades do torcedor. Mas como o próprio torcedor está se relacionando com

¹ O Estádio Governador Magalhães Pinto, ou simplesmente Mineirão, é o maior estádio de futebol do estado e, ao longo de sua história, costumou receber os jogos do Cruzeiro e do Atlético. Sua reforma, tendo em vista a Copa do Mundo de 2014, teve início em junho de 2010 e foi concluída somente em dezembro de 2012. O jogo de reabertura do estádio ocorreu no dia três de fevereiro de 2013, justamente um clássico entre a equipe cruzeirense e a atleticana.

² O Estádio Raimundo Sampaio, popularmente conhecido como Independência, tem o América Futebol Clube como proprietário, embora atualmente seja administrado por uma empresa privada (a BWA). Segundo maior estádio da capital mineira, com capacidade para mais de vinte mil torcedores, o Independência esteve em reforma entre janeiro de 2010 e abril de 2012, quando foi reaberto e tornou-se o grande palco dos jogos de futebol em Belo Horizonte ao longo do referido ano. É utilizado ainda pelo América Futebol Clube (a que me referirei simplesmente como América) e pelo Atlético para mandar boa parte de suas partidas.

esse novo espaço? Será que ele o percebe como um avanço? Será que ele de fato se sente seguro e satisfeito com essa modernização?

Como foi dito, o estádio é, para muitos torcedores, um ambiente de catarse. Segundo alguns estudiosos (PIMENTA, 1997; DAOLIO, 2006; REIS, 2006), trata-se de um espaço que se constituiu historicamente no Brasil como um ambiente de afrouxamento de algumas regras sociais, em que há a permissividade de uma forte violência simbólica. Violência que se expressa por meio de gritos, gestos, figuras e cantos ofensivos, em geral destinados ao time adversário e ao juiz. Tais atos, que seriam mal vistos na sociedade em situações cotidianas, parecem ser normais em um estádio. Porém, no limite, como frisa Pimenta (1997), essa violência simbólica pode gerar agressões físicas entre os torcedores, tanto no interior quanto fora dos estádios.

Apesar de julgar válidas as análises dos autores, cabe questionar até que ponto de fato atualmente os estádios de futebol são mais permissivos a uma suposta violência simbólica do que outros lugares e/ou situações sociais no Brasil, sobretudo com o recente processo de higienização e modernização das “arenas” futebolísticas visando a Copa de 2014. Além do mais, vale também se perguntar até que ponto todos os torcedores que frequentam estádios de fato participam desses atos de violência simbólica ou mesmo o que acham destes. Aliás, talvez caiba indagar antes de mais nada até onde um ato de violência pode ser considerado simbólico ou físico, uma vez que corpo e mente não são instâncias separadas e isoladas e o que se passa em um afeta o outro.

De qualquer maneira, dentro do que Elias (1994) e Elias e Dunning (1992) chamam de “processo civilizador”, tais agressões físicas ou mesmo simbólicas em eventos esportivos são inadequadas e mesmo contraditórias. Os esportes, segundo tais autores, acabaram constituindo-se como um dos importantes mecanismos da sociedade britânica no século XIX de controlar a violência física de seus cidadãos. Os esportes eram atividades que simulavam batalhas, com regras unificadas que limitavam a agressividade dos praticantes e o risco de lesionarem-se, mantendo, contudo, um elevado grau de tensão-excitação na sua prática. Exportados para

várias partes do mundo, esses esportes, o futebol inclusive, carregaram consigo esse caráter civilizador, presente até hoje em tais práticas.³

O futebol chegou ao Brasil no fim do século XIX, em São Paulo, por intermédio de padres jesuítas e marinheiros e funcionários ingleses⁴. Inicialmente era uma prática com ares modernizantes e pacificadores, abraçada pela elite local, mas logo atraiu as camadas populares, o que gerou significativas disputas sociais no início do século XX (FRANCO JÚNIOR, 2007). Foi nesse período, mais precisamente em 1904, que os primeiros registros do esporte em Belo Horizonte surgiram, de acordo com Ribeiro (2007). O futebol chegava à nova capital mineira com características semelhantes ao modo como chegou ao país, instalando-se primeiramente na elite local. Como demonstra Souza Neto (2010), já no fim da década de 1910 surgem notícias dos primeiros “sururus”, ou confusões, entre o público assistente nas partidas de futebol disputadas em Belo Horizonte.

Atualmente, a violência entre torcedores nos estádios tem grande destaque no imaginário social, na mídia e nas políticas públicas de lazer, com impactos profundos na nossa sociedade. Dados da Comissão Paz no Esporte⁵, em estudo de 2006, indicam que 79% dos torcedores apontaram a violência como a principal causa para deixarem de ir aos estádios de futebol. A pesquisa de Silva et al. (2007), realizada com torcedores no Mineirão, também mostrou serem a falta de

³ Contudo, vale frisar que nem todos os esportes foram criados na Inglaterra (ou mesmo na Europa) e nem todos surgiram em contextos políticos e sociais semelhantes (embora a grande maioria deles pareça estar inserida no bojo desse processo civilizador, em maior ou menor grau). O vôlei e o basquete, por exemplo, tiveram origem nos Estados Unidos no fim do século XIX sob outras prerrogativas. Marchi Jr (2001), ao realizar um interessante apanhado da história do vôlei, aponta que este esporte “nasceu respeitando os anseios de uma burguesia capitalista emergente, enquanto o Futebol foi balizado no refinamento de uma prática desportivizada escolar para os filhos da aristocracia inglesa” (MARCHI JR, 2001, p. 79-80).

⁴ Essa é uma versão mais aceita por historiadores da área, descrita por Pereira (2000). Há, no entanto, outras versões para a chegada do futebol no Brasil. A mais famosa e difundida delas atribui a Charles Miller, jovem da elite que fora estudar na Europa, a introdução deste esporte em São Paulo em 1894. Trata-se do mito fundador do futebol no Brasil. Contudo, segundo Pereira (2000), já na década de 1880 o esporte bretão podia ser visto em terras tupiniquins.

⁵ Formada em 2005 com objetivo de propor soluções para o problema no esporte, a Comissão Paz no Esporte é constituída por vários membros de órgãos governamentais e da sociedade civil. Mais detalhes sobre a Comissão e sobre o estudo estão disponíveis em: <<http://www.justica.sp.gov.br/Evento.asp?Evento=227>>. Acesso em: 22 set. 2010.

segurança e a violência as principais preocupações dos torcedores presentes neste estádio.

Nesse sentido, a violência nos estádios tornou-se uma questão de segurança pública. Tanto que, em 2003, o Governo Federal criou o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), que traz várias normas de proteção e defesa do torcedor, instituindo novas maneiras de socialização nos estádios. Como explicita a pesquisa de Campos et al. (2008), essa lei teve como principal foco a contenção da violência entre os torcedores. No entanto, não cumpriu plenamente tal objetivo⁶, o que levou à reformulação da lei e à promulgação, em julho de 2010, do novo EDT, tentando atender de maneira mais eficaz essa demanda de diminuição da violência. O novo EDT traz punições rígidas para atos violentos cometidos dentro e ao redor dos estádios, além de dar grande ênfase ao cadastro e controle das torcidas organizadas.

É possível perceber, na opinião pública e até mesmo em leis como a citada acima, que o futebol muitas vezes é tratado como o causador da violência ou ao menos um grande catalisador desta. Sem dúvida esse esporte possui peculiaridades, como o intenso contato físico e a construção de rivalidades históricas entre clubes (que passam pela construção de identidades e a desqualificação do adversário, do “outro”) que podem acirrar os ânimos dos torcedores que o acompanham. No entanto, o futebol não é, por si só, gerador de violência. Elias e Dunning (1992, p. 48) alertam que “os estudos do desporto que não sejam simultaneamente estudos de sociedade, são análises desprovidas de contexto”. Em outras palavras, é preciso que analisemos com mais atenção a sociedade em que o futebol se insere para podermos tirar conclusões sobre o esporte.

Esporte que, como já se demonstrou ao longo do texto, vai muito além de meras expressões de violência, sendo uma das grandes manifestações da cultura brasileira. E a presente pesquisa não tem como foco único a violência no torcer, apesar de ter a intenção de tratar desta. Já existem vários estudos concluídos tendo a violência e/ou as torcidas organizadas como objeto central, havendo certa carência

⁶ Como indica a própria pesquisa de Silva et al. (2007) ou as frequentes reportagens que aparecem na mídia nos últimos anos, retratando tumultos, brigas e mortes envolvendo torcedores de futebol em Belo Horizonte e em várias cidades brasileiras.

de trabalhos relacionados aos torcedores comuns e sua relação com a violência e a paixão clubística.

Nesse sentido, creio ser interessante realizar uma abordagem mais ampliada, tentando perceber como as ricas e complexas relações entre pessoas, atividades e situações se dão nos contextos aqui selecionados. Os esforços estarão, portanto, mais voltados para as relações, para as experiências, para a paixão. Aspectos que, reconheço, não são fáceis – se é que são possíveis – de se analisar, mensurar, investigar. Como nos alerta Manoel de Barros, “a ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá” (BARROS, 1996, p. 53). Há muito desse tipo de encanto no futebol, encanto intimamente relacionado à paixão clubística. Logo, o desafio a que este trabalho se propõe é investigar como o torcedor comum de Belo Horizonte se relaciona com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Estádio Independência.

1.2.2 Justificativa

Como destacam autores importantes (MARCELLINO, 1996; ELIAS e DUNNING, 1992), a prática da assistência a eventos esportivos pode ser considerada uma opção de lazer. No Brasil, país em que o futebol tem significativo valor para a sociedade, a assistência ou o torcer por este esporte constitui-se como uma prática de lazer muito difundida. Em Belo Horizonte não é diferente e o futebol se destaca, com times de grande expressão, como o Cruzeiro, o Atlético e o América.

Como uma manifestação cultural tão marcante no país, o futebol e o torcer tem chamado a atenção de pesquisadores de diversas áreas nas últimas décadas. Dentro do campo das ciências humanas e sociais, há inúmeras pesquisas sobre torcidas organizadas e sua relação com a violência no futebol. A violência presente nos estádios e em suas redondezas em dias de jogos de futebol é algo notório e tem sido apontada, pela mídia e por trabalhos acadêmicos (CAMPOS et al., 2008; PIMENTA, 2003), como um dos fatores que afasta as pessoas da fruição

dessa possibilidade de lazer. Porém, as ciências humanas tem dado pouca voz aos torcedores comuns (que frequentam estádios) e às ricas relações que estes estabelecem com outros torcedores, com o jogo, com o espaço e até com a própria violência. Torcedores que vivem experiências, no sentido de Bondía (2002), recheadas de paixão e que devem ser mais bem compreendidas.

Nessa direção, esta pesquisa pode configurar-se como um estudo relevante, capaz de preencher uma lacuna existente nos estudos do lazer, bem como do futebol e do torcer, devendo, inclusive, com seu caráter inédito – ao menos em Belo Horizonte – incentivar novos trabalhos acadêmicos nessas áreas. Esta pesquisa também pode fomentar maiores debates acadêmicos em torno da paixão clubística e sua influência na fruição do lazer, jogando luz nessa relação tão rica.

Além disso, vale ressaltar que, nos próximos anos, o Brasil será a sede de ao menos dois megaeventos esportivos: a Copa do Mundo de 2014⁷ e as Olimpíadas de 2016. Com isso, é possível perceber crescente investimento e preocupação por parte do poder público e da população com os eventos esportivos.

Mesmo não tendo sido reformado especificamente para utilização durante a Copa do Mundo de 2014, o Independência teve suas obras iniciadas nessa esteira de modernização das arenas e está entre os primeiros estádios no Brasil totalmente reformulados que foi reinaugurado nesse processo. Compreender como a população de Belo Horizonte se relaciona com esse novo espaço supostamente moderno pode nos dar pistas importantes da maneira como as pessoas estão percebendo as mudanças geradas para os megaeventos esportivos, não só na capital mineira, mas em todo o país.

Assim sendo, esta pesquisa também poderá subsidiar a elaboração de políticas públicas voltadas para esses eventos, trazendo novos elementos no que diz respeito ao torcer e aos torcedores.

⁷ Sobre a conquista do Brasil do direito de sediar a Copa do Mundo de 2014, Damo (2012) produziu um texto extremamente interessante, retomando todo o processo de negociação para um país tornar-se sede de um evento como esse. O autor faz ponderações valiosas, evitando as “posições extremas” (DAMO, 2012, p. 45), que ele chama de “promotoras” (no extremo dos que defendem a Copa no Brasil) e “contestadoras” (no extremo oposto, em que a vinda da Copa é um desastre). A leitura desse trabalho é sem dúvida preciosa para entender todo o processo de tentativa de modernização do futebol brasileiro.

1.2.3 Objetivo geral

O objetivo geral do trabalho é investigar como o torcedor comum de Belo Horizonte se relaciona com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Estádio Independência.

1.2.4 Objetivos específicos

- Investigar a relação do torcedor comum de Belo Horizonte com o próprio ato de torcer como uma expressão da paixão clubística;
- Compreender a relação que o torcedor comum estabelece com o espaço do novo Estádio Independência; e
- Analisar a relação do torcedor comum com manifestações violentas no torcer.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E CAMPO

Início esse capítulo apresentando e detalhando os métodos utilizados ao longo da pesquisa, desde a seleção dos sujeitos, tempos e espaços a serem analisados, passando pela formulação dos questionários, pelos registros de campo e, por fim, pelo trabalho com os dados.

Um tópico do capítulo está reservado para a apresentação do próprio campo estudado, o estádio Independência e suas redondezas. Faço uma breve retrospectiva histórica deste estádio e detalho minha rotina de pesquisa nos jogos que lá ocorreram.

Deixo, assim, para o capítulo seguinte a descrição das minhas idas a campo, contendo os principais apontamentos que pude obter a partir da interação com os sujeitos e os espaços nos dias dos jogos em que foi realizada a pesquisa. Também no Capítulo 3, faço a análise dos dados oriundos da aplicação de questionários e realização de entrevistas com torcedores.

2.1 Metodologia

Luna (1996) aponta que raramente um procedimento empregado é fruto de uma escolha. Ao falar em procedimentos, o autor se refere às técnicas para execução de uma pesquisa. Não obstante, tanto quanto as técnicas, as características de uma pesquisa não são objeto de uma escolha e, sim, conduzidas pelo problema. Neste sentido, o problema desta pesquisa solicitou a mescla das abordagens qualitativa e quantitativa, entendendo que ambas seriam importantes e complementares no intuito de alcançar os objetivos deste trabalho. Além disso, esta pesquisa apresentou-se como do tipo descritiva. Sampieri et al. (2003) apontam que os estudos descritivos buscam especificar as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou outro fenômeno que seja passível de submissão a uma análise, podendo, ainda, ao descrever, estabelecer relações e inferências acerca dos dados descritos.

A análise quantitativa dentro da presente pesquisa teve como fonte de dados os questionários realizados com torcedores no Independência nos dias de jogos selecionados. Não houve uma preocupação em estabelecer uma proporção exata entre as amostras coletadas (torcedores que responderam questionários) e a população total (torcedores presentes no jogo) ou tampouco recorrer a validações estatísticas para os dados. Tal decisão condiz com as características da pesquisa e não a deslegitima, conforme Tripodi, Fellin e Meyer (1975).

O questionário foi por mim elaborado tendo como base o problema e os objetivos da pesquisa, sendo, portanto, dividido em três partes: relação com o torcer; relação com o estádio; e relação com a violência. Uma versão inicial do questionário foi utilizada em um jogo teste no próprio Independência (Atlético contra Fluminense/RJ, no dia 21 de outubro de 2012, pelo Campeonato Brasileiro), permitindo que fossem detectados excessos, ausências, termos inadequados... Enfim, possibilitando um refinamento maior do instrumento, cuja versão final (Apêndice A) foi usada nas demais partidas. Em cada um desses embates, também obtive uma cópia do boletim financeiro do jogo, disponibilizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em seu sítio virtual⁸.

Para apreciação destes dados, foram utilizadas duas matrizes de análise. Uma com os dados que são apresentados em formato quantitativo, que foi realizada sob a luz da estatística descritiva (SAMPIERI et al., 2003; BISQUERRA et al., 2004). E outra para os dados apresentados como textos, que foram apreciados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1979).

Ainda ao longo da pesquisa, a abordagem qualitativa foi utilizada, auxiliando sobremaneira na tentativa de apreensão das complexas relações estabelecidas entre o torcedor, o estádio, a partida e o próprio ato de torcer. Para tal, lancei mão de duas estratégias. A primeira foi um registro pessoal das minhas observações em cada um dos jogos em que estive no Independência, seja redigindo, fotografando ou gravando o que me parecia digno de nota de acordo com os objetivos da pesquisa. A análise desses registros encontra-se no Capítulo 3.

⁸ A CBF divulga em seu sítio eletrônico oficial, após alguns dias da realização das partidas, o boletim financeiro de cada jogo das competições que organiza. Nesse documento estão informações relativas ao público no estádio, ingressos disponíveis para venda, receitas e custos gerados na partida. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/Competições/Série A/Tabela/2012>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

A segunda estratégia foram as entrevistas. Selecionei alguns dos torcedores que participaram da primeira fase da pesquisa (questionários) e que expressaram interesse em colaborar com a etapa seguinte da mesma. Os critérios de seleção basearam-se na análise quantitativa preliminar dos dados dos questionários, que apontou algumas tendências que mereciam ser estudadas mais a fundo. Para tal, realizei com os torcedores escolhidos entrevistas individuais semiestruturadas, com perguntas elaboradas por mim em consonância com os objetivos da pesquisa. O roteiro para as entrevistas está no Apêndice B da dissertação e o termo de consentimento livre e esclarecido para participação das mesmas encontra-se no Apêndice C. Segundo Bruyne et al (1991), a entrevista semiestruturada traz algumas vantagens ao pesquisador como incitações a responder e flexibilidade nas respostas. Isso direciona o entrevistado a responder sem, no entanto, retirar a liberdade de resposta do mesmo, como ocorre em uma entrevista estruturada ou questionário.

Cabe trazer aqui também o conceito de entrevista reflexiva, bem definido por Szymanski (2002), que certamente me ajudou a conduzir as intervenções junto aos sujeitos da pesquisa. Segundo a autora, a entrevista reflexiva é assim chamada “tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto à busca de horizontalidade” (SZYMANSKI, 2002, p. 15). Acrescenta ainda que “reflexividade tem aqui também o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador” (idem).

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, sendo enviadas para que os torcedores que dela participaram a aprovassem. Após esse processo, as entrevistas puderam ser apreciadas através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1979), similarmente utilizada para a apreciação dos meus registros no campo.

O uso rigoroso e a variação de procedimentos de coleta de dados tende a conferir mais validade e confiabilidade à pesquisa, pois permitiu a inter-relação entre eles e o cruzamento de informações. Com isso, espera-se ter articulado a problemática central, os objetivos, o objeto de pesquisa e a metodologia, na compreensão maior do fenômeno que se investigou.

2.1.1 Os jogos e os sujeitos

Os eventos selecionados para esta pesquisa foram as partidas de futebol do Cruzeiro, do Atlético e do América. Estes foram escolhidos por serem os maiores clubes de Belo Horizonte, com considerável torcida e mandando seus jogos do Campeonato Brasileiro (da Série A, no caso de Cruzeiro e Atlético, e da Série B, no caso do América) de 2012 no Estádio Independência⁹. O estudo foi efetuado nas rodadas finais do referido campeonato, entre 30 de outubro e 02 de dezembro de 2012, quando os torcedores já tinham alguns meses para ter conhecido e frequentado o estádio do Horto¹⁰, aspecto importante para os objetivos da pesquisa.

De acordo com o tempo disponível para a pesquisa e o cronograma de jogos no Independência em 2012, foram selecionadas nove partidas, sendo três do América, três do Atlético e três do Cruzeiro, conforme pode ser observado na Tabela 2.1. Esta apresenta alguns detalhes desses jogos, incluindo o público pagante, que foi aferido a partir dos boletins financeiros da CBF.

⁹ Nem todos os jogos dos três times pelas referidas competições foram realizados no Independência. O Cruzeiro, por exemplo, foi punido após incidentes no clássico contra o Atlético, válido pelo primeiro turno do Campeonato Brasileiro da Série A, e foi obrigado a mandar quatro de seus jogos no segundo turno da competição em cidades do interior de Minas Gerais, o que inclusive dificultou a organização dessa pesquisa.

¹⁰ Um dos apelidos do Independência é gigante do Horto, em referência ao bairro em que se localiza na cidade. Por isso, daqui em diante usarei também as expressões estádio do Horto ou gigante do Horto para referir-me ao Independência.

Tabela 2.1
Caracterização dos jogos pesquisados

Mandante	Adversário	Data	Horário	Público pagante	Média de Público
América	Asa/AL	30/10/2012	21:00	536	666
	ABC/RN	10/11/2012	17:00	615	
	Ipatinga/MG	23/11/2012	21:00	847	
Atlético	Flamengo/RJ	31/10/2012	21:50	19.945	18839,67
	Atlético/GO	18/11/2012	17:00	15.342	
	Cruzeiro/MG	02/12/2012	17:00	21.232	
Cruzeiro	Santos/SP	03/11/2012	19:30	16.331	11850,33
	Bahia/BA	11/11/2012	19:30	7.772	
	Coritiba/PR	25/11/2012	17:00	11.448	

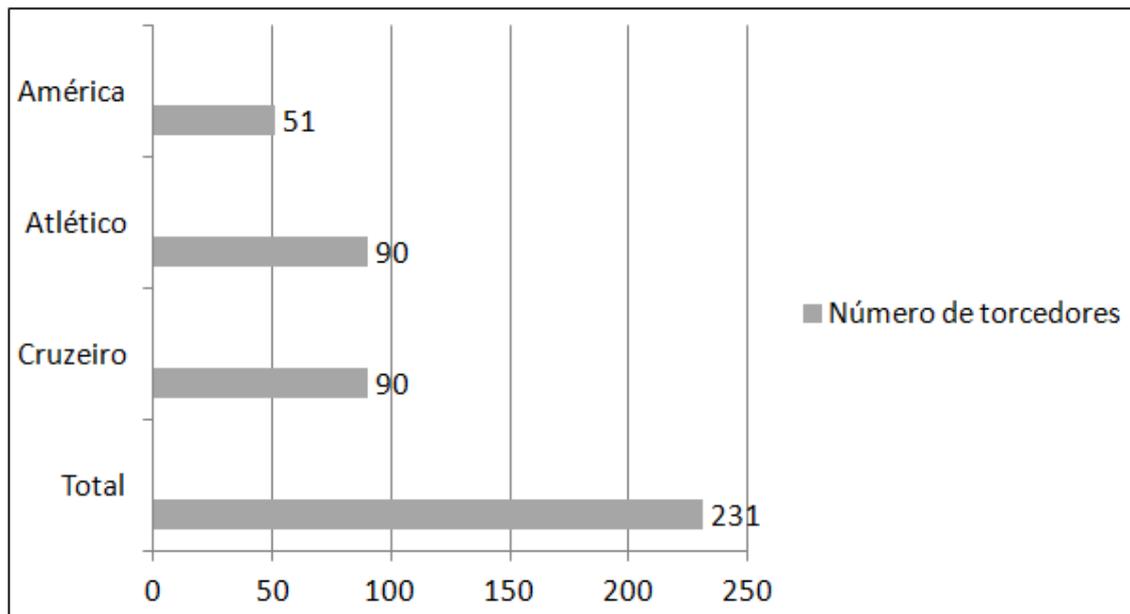
Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

A Tabela 2.1 mostra uma variação de público ampla nos jogos do Independência, algo previsível (tendo as partidas de rodadas anteriores como parâmetro), o que dificultaria qualquer tentativa de estabelecimento de uma amostra prévia de torcedores que deveriam participar da pesquisa. Tal aspecto foi então descartado e os questionários foram aplicados com o maior número de torcedores possíveis dentro dos limites temporais e logísticos da pesquisa.

Em cada um dos jogos havia uma equipe constituída por mim e mais dois ou três pesquisadores do GEFuT, identificados por um uniforme do grupo e treinados para a aplicação dos questionários. A equipe se reunia em uma das entradas do Independência, duas horas antes do início da partida do dia e os pesquisadores eram distribuídos nas ruas ao redor do estádio, sendo instruídos a abordar torcedores de forma aleatória para a aplicação dos questionários até 15 minutos antes do começo do jogo. Os únicos pré-requisitos para a participação desses sujeitos na pesquisa eram: que já possuíssem ingresso para a partida; e que fossem torcedores comuns (não participantes de torcidas organizadas) dos clubes.

O resultado foi a aplicação de questionários com um total de 231 torcedores ao longo dos nove jogos, conforme distribuição do Gráfico 2.1:

Gráfico 2.1
Distribuição de torcedores participantes da pesquisa nos jogos de cada time



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Alguns dos torcedores participantes desse primeiro momento de aplicação de questionários que voluntariamente se dispuseram a serem entrevistados posteriormente e que se encaixaram em alguns parâmetros estabelecidos após a análise quantitativa foram convidados para a fase de entrevistas, que ocorreu em janeiro de 2013.

Ao todo, foram realizadas cinco entrevistas (dois torcedores do Cruzeiro, dois do Atlético e um do América), em locais, datas e horários selecionados pelos próprios entrevistados. A transcrição das entrevistas encontra-se disponível nos arquivos do pesquisador para consultas em futuros estudos.

2.2 O campo

2.2.1 Independência: breve retrospectiva

O Independência está localizado em uma região tradicional de Belo Horizonte, próxima ao centro da cidade, no bairro Horto. Não foi o primeiro estádio construído na cidade, mas é o mais antigo ainda em funcionamento na capital mineira. Foi inaugurado em 1950 e utilizado na Copa do Mundo daquele ano, recebendo três partidas da competição (Iugoslávia 3 x 0 Suíça; Inglaterra 0 x 1 Estados Unidos; Uruguai 8 x 0 Bolívia). Porém, ao contrário do que costuma se afirmar, o Independência não foi construído para sediar a Campeonato Mundial de 1950, embora tal competição tenha permitido que suas obras recebessem maior aporte financeiro e fossem concluídas com mais rapidez.

Na realidade, o Independência foi idealizado para ser o estádio do Sete de Setembro, clube da capital mineira já extinto, mas de alguma expressão à época. Não só ele, mas também América, Atlético e Cruzeiro receberam verbas oficiais da Prefeitura de Belo Horizonte no ano de 1948 para reformar ou construir seus estádios. O Sete de Setembro era o único dos quatro clubes que não tinha estádio próprio e em 21 de agosto de 1948 iniciou as obras do Independência, nome ligado à própria alcunha da equipe. Somente em 1949 a Confederação Brasileira de Desportos, que organizava os esportes no Brasil, o futebol inclusive, e estava à frente da Copa de 1950, contactou a Prefeitura de Belo Horizonte sobre a possibilidade de a cidade sediar jogos do evento no ano seguinte. O nome do Independência surgiu como possibilidade e o estádio acabou recebendo investimentos da própria Confederação Brasileira de Desportos e da Prefeitura, tendo suas obras concluídas às vésperas da Copa.

O Sete de Setembro, mesmo com o maior estádio de Belo Horizonte (ao menos até a inauguração do Mineirão, em 1965), não se manteve entre os grandes clubes da cidade, experimentou o declínio e na década de 1990 fechou as portas, sendo incorporado pelo América, que se tornou também o proprietário do gigante do Horto. Após a última reforma do Estádio, finalizada em 2012 e com investimento dos Governos Estadual e Federal, o estádio passou a ser gerido pela BWA – Arena Independência Operadora de Estádio, empresa privada que administrará o gigante do Horto nas duas próximas décadas. Ainda em 2012, o Atlético confirmou uma polêmica parceria com a BWA, passando a ter ingerência no Independência, e

auferindo um percentual de lucro nos eventos que tenham o estádio como palco. O gigante do Horto, no entanto, continua sendo propriedade do América¹¹.

Palco de muitos momentos marcantes do futebol mineiro¹², o Independência voltou a ser o centro das atenções dos torcedores de Belo Horizonte no ano de 2012. Não à toa, tornou-se foco também da presente pesquisa.

2.2.2 Rotina de observação

Para todos os nove jogos no Independência que fizeram parte dessa pesquisa, estabeleci e segui uma rotina criteriosa que ia muito além da mera aplicação dos questionários com os torcedores no entorno do estádio antes das partidas. Isso me permitiu fazer observações valiosas sobre a própria rotina do estádio, ou melhor, as rotinas do estádio nos dias de jogos de futebol.

Em linhas gerais, meu papel como pesquisador tinha início três horas e meia antes do início de cada partida, quando eu saía de casa de carro em direção ao estádio. Por volta de três horas antes do apito inicial, eu estacionava o veículo em uma rua pacata do Bairro Santa Tereza (vizinho ao Horto), há aproximadamente dez quarteirões do Independência. Dessa forma eu podia evitar problemas com estacionamento e segurança e ainda me beneficiava de uma caminhada por ruas próximas ao estádio, observando o movimento nesses locais e fazendo registros.

¹¹ Essa breve retrospectiva histórica teve como fonte de dados o encarte especial “Gigante do Horto”, do jornal Hoje em Dia (Belo Horizonte), com edição e redação de Alexandre Simões, de março de 2012.

¹² Para o leitor interessado, indico a leitura do livro “Estádio Independência”, de Jairo Anatólio Lima (2012). Trata-se de uma obra leve e instigante, com o autor contando diversas histórias que ele presenciou ao longo de uma vida de relação com o gigante do Horto.



Figura 2.1
Mapa do entorno do Independência e as modificações de trânsito na região em dias de jogos



Fonte: Editado pelo autor da dissertação. Figura original disponível em:
<http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2012/05/25/noticia_atletico_mg_218026/mapa-mostra-como-e-o-acesso-ao-independencia-em-dias-de-jogos.shtml> Acesso em: 10 dez. 2012.

Aproximadamente duas horas e meia antes do início do jogo, eu chegava ao estádio pela Rua Pitangui (ver Figura 2.1) e efetuava uma volta completa no Independência, andando pelas quatro ruas que o cercam (a própria Pitangui, a Rua Marcionila Montijo, a Rua Ismênia Tunes e a Rua Alexandre Tourinho), tomando notas, conversando com funcionários do estádio, policiais, vendedores, moradores e torcedores.

Com duas horas restantes para o começo da partida, eu me encontrava com a equipe do GEFuT (dois ou três outros pesquisadores que me auxiliavam na aplicação dos questionários) em um dos portões de entrada do estádio e nos dividíamos para abordar os torcedores, tomando o cuidado de abrangermos a maior parte possível da área ao redor do Independência.

Em torno de 15 minutos antes do apito inicial, eu me reunia novamente com a equipe de pesquisadores, recolhia os questionários realizados e ouvia eventuais relatos dos colegas sobre o processo. Eu permanecia em torno do estádio ainda por aproximadamente 30 minutos, observando todo o movimento nas entradas e nas ruas. Só então retornava para o local em que tinha estacionado e voltava para casa, dando por encerrada a observação do dia.

Contudo, em três jogos, um de cada um dos times da capital mineira, eu modifiquei essa etapa final da rotina de pesquisa. Adquiriti ingresso para a partida no momento em que cheguei ao Independência (duas horas e meia antes do apito inicial) e entrei no estádio após a aplicação dos questionários, permanecendo em setores diferentes das arquibancadas em cada um dos jogos. Acompanhei integralmente cada partida, fazendo observações e circulando pelas dependências do estádio quando permitido. Permaneci ainda aproximadamente 15 minutos nas arquibancadas antes de realizar minha rotina de saída.

Os três jogos que acompanhei dentro do estádio foram: América x Asa/AL (Setor Especial, Portão 2); Cruzeiro x Bahia/BA (Setor Cadeira, Portão 7); e Atlético x Atlético/GO (Setor Especial, Portão 3).

No capítulo seguinte, estão as descrições dessas idas a campo juntamente com a análise dos dados dos questionários e entrevistas.

CAPÍTULO 3 - SOBRE OS DADOS

Nesse capítulo, apresento, analiso e discuto os dados obtidos de diversas maneiras ao longo da pesquisa. Para tal, optei por dividir o capítulo em dois grandes tópicos. No primeiro, trato dos meus registros de campo referentes aos jogos no Independência, dando maior ênfase à descrição dos tempos, espaços, relações e fenômenos por mim percebidos. No segundo tópico, volto minhas atenções para a apresentação dos dados oriundos dos questionários, dialogando-os com as entrevistas realizadas com torcedores e fazendo pontes com os referenciais teóricos selecionados.

3.1 Dados dos registros de campo

Nessa seção do texto, apresento minhas observações de campo, a partir dos registros por mim elaborados nas nove partidas estudadas. Tais registros foram de três tipos: anotações escritas, registros fotográficos e gravações de voz. A partir da análise deles, pude ter uma apreensão mais apurada dos tempos e espaços envolvidos em um jogo no Independência, de como os vários sujeitos se relacionam com esse evento, de quais permanências e discontinuidades se dão em diferentes partidas.

Dessa forma, pareceu-me uma opção mais interessante e esclarecedora dividir minha análise a partir dos tempos e espaços relativos à partida, quais sejam: antes do jogo (trajeto¹³ de ida e entorno do estádio); durante o jogo (dentro do estádio); e depois do jogo (entorno do estádio e trajeto de volta). Cada um desses pontos será destrinchado nos subtópicos a seguir.

¹³ Estou ciente de que o uso da palavra trajeto pode evocar o termo usado por Magnani (1998) para designar os fluxos recorrentes de pessoas dentro de uma cidade, no interior de uma determinada mancha. Porém, não é nessa acepção da antropologia urbana que utilizo o vocábulo trajeto (seria muito pretensioso fazê-lo nesse caso), mas sim no sentido mais comum da palavra, como caminho, trajetória.

3.1.1 Antes do jogo

No trajeto de casa para o Independência, não percebi, em qualquer dos nove jogos analisados, um grande aumento no fluxo de veículos ou pessoas com camisas dos clubes de futebol de Belo Horizonte. Também não foi possível notar, nas principais vias, qualquer esquema extraordinário de segurança por parte da Polícia Militar ou operações de trânsito especiais pelos órgãos responsáveis. Isso talvez se explique pelo fato de eu me deslocar para o gigante do Horto em um horário muito anterior às partidas, mas não exclui a possibilidade de que as intervenções de segurança e de trânsito só tenham se dado nas proximidades do estádio.

Um aspecto relevante do deslocamento de torcedores para o Independência é o uso do metrô. A única linha de trem urbano de Belo Horizonte passa próxima ao estádio (ver Figura 3.1) e tem uma estação no Horto, há poucos quarteirões da arena (ver Figura 2.1). Vários torcedores com quem conversei e mesmo alguns dos pesquisadores do GEFuT que me ajudaram na aplicação dos questionários alegaram usar o metrô para chegar ao Independência. O discurso da grande maioria deles foi de que o metrô era uma opção de transporte valiosa em dias de jogos e não houve relatos de brigas ou confusões entre torcedores em qualquer das estações ou vagões.

Figura 3.1
Mapa da linha de metrô em operação em Belo Horizonte



Fonte: Editado pelo autor da dissertação. Figura original disponível em: <http://www.metrobh.gov.br/cbtu/final/operacao/linhas/linhas.htm> Acesso em: 2 fev. 2013.

Para os torcedores que iam ao estádio de carro, havia todo um esquema especial de estacionamento e trânsito nas redondezas do Independência (ver Figura 2.1), com a presença significativa de policiais militares e de agentes da BH Trans para garantir sua manutenção. Cartazes provisórios (como o observado na Figura 3.2), afixados dois dias antes de cada partida, e cavaletes eram usados para sinalizar as ruas fechadas para trânsito.

Figura 3.2
Sinalização provisória de interdição de vias no entorno do
Independência em dias de jogos



Fonte: Foto tirada pelo autor da dissertação.

No entanto, tais interdições variavam de acordo com a magnitude da partida. Como é possível ver na Figura 3.2, o fechamento das vias no dia 30/10/12 (jogo entre América e Asa/AL, às 21h00) se deu somente duas horas antes da partida, enquanto no dia 31/10/12 (jogo entre Atlético e Flamengo/RJ, às 21h50), a interdição das ruas se deu quatro horas antes da partida. Nos três jogos do América acompanhados, a operação de trânsito nas redondezas teve início duas horas antes da partida. Nos três jogos do Atlético e nos três do Cruzeiro, tal operação iniciou-se com quatro horas de antecedência.

Além disso, em jogos de grande rivalidade, como foi o caso de Atlético contra Flamengo/RJ e de Atlético contra Cruzeiro, o número de vias interditadas cresceu, aumentando o raio de atuação da polícia militar no entorno do Independência. Os policiais inclusive proibiram o trânsito de torcedores a pé em algumas ruas antes desses dois jogos, alegando que tais vias faziam parte do trajeto dos ônibus que trariam as delegações dos times visitantes.

Ainda para os torcedores que se deslocavam de carro, um grande problema eram os locais para estacioná-los. O Independência possui três estacionamentos em seu interior (A, B e C), mas nenhum deles é voltado para os torcedores, atendendo somente funcionários do estádio, delegações e imprensa. As ruas próximas ao estádio estavam fechadas para a circulação e o estacionamento de veículos. Os torcedores, portanto, tinham que parar seus carros em ruas relativamente longínquas e ainda eram abordadas por flanelinhas que chegavam a

exigir R\$20,00 para “cuidar” dos automóveis. A insatisfação dos torcedores com esse aspecto era enorme e ficou evidente nos questionários aplicados (ver o tópico 3.2 desse mesmo capítulo).

Em conversas informais com moradores da região, percebi que todo esse processo para a realização de partidas no Independência os afetava sobremaneira. Havia basicamente dois tipos de moradores no entorno do estádio. O primeiro tipo era composto pelos insatisfeitos, que se viam privados de transitar normalmente e estacionar seus carros nas ruas, além de terem que conviver com toda a bagunça comum em dias de jogos: grande número de pessoas, lixo espalhado pelas ruas, barulheira até tarde da noite, cheiro de urina no ar, eventuais depredações.

O segundo tipo incluía os moradores que aproveitaram o grande aporte de pessoas na região para transformar suas casas em verdadeiros comércios, que atendiam várias das necessidades dos torcedores. Na maioria dos casos, o que esses moradores faziam era simplesmente abrir os portões de suas garagens por volta de três horas antes dos jogos, atravessar uma mesa (que servia de balcão) nesse espaço e anunciar a venda de souvenirs, camisas, bandeiras, água, refrigerante, cerveja, espetos de carnes e o famoso tropeirão.

O tropeirão merece um texto à parte. Tradicional dentro e no entorno do Mineirão antes de sua reforma, o prato de feijão tropeiro (em geral acompanhado de arroz, couve, carne e coberto com um ovo frito) tornou-se quase uma obrigação para muitos torcedores de Belo Horizonte. Porém, nos estabelecimentos no interior do Independência, não era vendido o tropeirão. Os comerciantes do entorno do estádio, então, trataram de aproveitar esse lapso e a maioria dos bares e das casas do lugar anunciavam em destaque a venda dessa iguaria. Decidi experimentar o tropeiro de um desses estabelecimentos antes do confronto entre Atlético e Flamengo. Não tinha o mesmo sabor e não caiu tão bem como o prato servido no antigo Mineirão.

O tropeirão ainda foi o centro de uma interessante manifestação dos barraqueiros no último jogo do ano no Independência (Atlético contra Cruzeiro). Antes da partida, em meio à multidão de atleticanos na Rua Pitangui, um grupo de aproximadamente vinte barraqueiros do antigo Mineirão, iniciou uma passeata com cartazes de protesto contra a política de banir as barracas de comidas do entorno do novo Mineirão (então ainda sequer inaugurado). Após quase uma hora de

caminhada, eles se postaram em frente a uma das bilheterias do Independência e começaram a entoar cantos como “Volta tropeirão! O tropeirão é tradição!”¹⁴, além de distribuírem feijão tropeiro gratuitamente para os torcedores.

Voltemos, porém, aos comerciantes do entorno do Independência. Pelo que conversei com alguns desses moradores/vendedores, o negócio era uma espécie de bico, com ajuda de toda a família nos dias de jogos. As partidas do América eram as que rendiam menos, pois havia menor número de torcedores. Segundo os moradores, as partidas que ocorriam nas tardes dos fins de semana eram as mais lucrativas, pois o calor era maior e os torcedores passavam horas seguidas bebendo e beliscando no entorno do estádio. Parece-me, de alguma forma, o retomar de uma tradição consolidada no antigo Mineirão, onde muitos torcedores tinham esse hábito de chegar cedo na região da Pampulha e ficar horas fazendo churrasco, bebendo, jogando conversa fora.

Não somente o comércio se destacava no entorno do Independência. A quantidade de policiais militares nas ruas era também elevada. Havia policiais fazendo rondas com cavalos, policiais de motos, policiais circulando a pé, policiais de guarda em cada uma das entradas das ruas interditadas e, nos jogos de Atlético e de Cruzeiro, algumas viaturas maiores nas vias. Além disso, era possível ver inúmeras câmeras de segurança instaladas por toda a parte externa do estádio¹⁵.

Todo esse aparato fez com que eu desenvolvesse uma sensação de segurança muito elevada no entorno do estádio. Nos nove jogos em que estive no Gigante do Horto realizando a pesquisa, não presenciei sequer uma cena de violência. Meu momento de maior insegurança ocorreu no jogo entre Cruzeiro e Santos/SP, quando, descendo a íngreme Rua Marcionila Montijo, avistei um grupo de torcedores organizados cruzeirenses vindo em minha direção, todos juntos como

¹⁴ O uso da palavra tradição parece ser adequado ao referir-se ao tropeiro nos jogos de futebol no Mineirão, se tomarmos a obra de Hobsbawm e Ranger (1997) como referência. A associação do consumo do tropeirão com a assistência de partidas futebolísticas no estádio parece se encaixar na categoria das tradições inventadas, oriundas de repetições sucessivas e tendo um forte caráter ritual ou simbólico. Mais que um hábito ou costume do torcedor, o tropeirão passa a ser um símbolo reconhecido até mesmo por pessoas de outros estados.

¹⁵ Essa enorme vigilância por câmeras me lembrou do belo texto de Saldanha (2007), intitulado “Sobre meus lábios: visibilidade e controle no futebol contemporâneo”. Na obra o autor mostra como o campo de futebol é hoje muito mais vigiado e controlado por câmeras que captam quase tudo o que jogadores, técnicos e juizes fazem e falam durante uma partida. Tal fenômeno não se restringe mais aos profissionais, estendendo-se, em alguma medida, também aos torcedores.

uma manada, talvez 200 ou 300 deles, ocupando praticamente toda a largura da via e entoando cantos de guerra. Estavam sendo escoltados por policiais, o que não me deixou aliviado, mas nada de grave ocorreu.

Outro ponto interessante nas redondezas do Independência foi a sinalização, adequada para a orientação dos torcedores. Cartazes provisórios (semelhantes ao observado na Figura 3.2) afixados nas ruas próximas indicavam os melhores caminhos para se chegar a cada um dos portões de entrada do estádio, embora não dissessem coisa alguma sobre o acesso às bilheteria. Em cada um dos portões do gigante do Horto, uma grande placa bilíngue (português e inglês) identificava do que se tratava o local (estacionamento, portão de entrada, bilheteria).

Vale chamar a atenção também para alguns contrastes e diferenças presentes no entorno do Independência. O primeiro contraste evidente está na coexistência, no mesmo quarteirão, do moderno estádio com residências populares precárias¹⁶, como descrevi em um de meus registros de campo, referente ao jogo entre América e Asa/AL:

Segui a Rua Ismênia até chegar a Rua Alexandre Tourinho, também perpendicular tanto à Rua Ismênia quanto a Rua Pitangui, estando paralela aos gols do estádio. Aliás, a Alexandre Tourinho na realidade é uma viela, com algumas casas bem empobrecidas que contrastam fortemente com toda a estrutura que as cerca. A pista esburacada nem de longe lembra o asfalto claramente recém pavimentado nas Ruas Ismênia e Pitangui. A maquiagem modernizante não chegou ali. Aliás, fico sabendo que em dias de jogos de Cruzeiro ou Galo, a Alexandre Tourinho fica inclusive interditada para o trânsito de torcedores. Novamente, quase como uma resistência inconsciente e silenciosa, passo no meio de uma humilde pelada de rua. O espaço é mais estreito, mas ainda sim dois meninos disputam uma bola que acaba escapando e parando em meus pés. Uma menina está no gol, uma parede chapiscada de uma das casas. Chego a fazer menção de tentar o chute, mas acabo dando o passe para um dos garotos, que agradece. (REGISTRO DE CAMPO DO AUTOR).

Mas não para por aí. Há uma diferença muito grande também entre as Ruas Pitangui e Ismênia Tunes. A Rua Pitangui (onde estão os portões três, quatro, cinco, seis e sete) recebe um fluxo muito maior de torcedores e abriga uma quantidade bem superior de bares e comércios de moradores. A Rua Ismênia Tunes, por sua vez, mesmo também possuindo cinco portões de acesso ao estádio

¹⁶ O Independência não ocupa todo o quarteirão das quatro ruas que o cercam. Sua largura preenche o terreno entre as Ruas Pitangui e Ismênia Tunes, mas seu comprimento não atinge as Ruas Alexandre Tourinho e Marcionila Montijo.

(um, dois, oito, nove e dez), não apresenta movimento tão grande. Talvez isso se deva ao fato de o portão oito ser reservado para a entrada de torcedores do time visitante (que geralmente são poucos) e o portão dois corresponder ao espaço dos sócio-torcedores dos clubes.

Outro espaço paradoxal são as bilheterias. Bem sinalizadas e estruturadas, estão voltadas para o lado interno do estádio e não comportam um grande afluxo de torcedores ávidos por ingresso. Nos jogos do Atlético e do Cruzeiro, longas filas se formaram nas bilheterias a pouco mais de uma hora para o início das partidas. Paralelamente, cambistas anunciavam para quem quisesse ouvir que tinham ingressos e os estavam vendendo por preços mais salgados. Tudo isso a poucos metros das bilheterias e talvez menos metros ainda de grupos de policiais militares.

Nos jogos do América, não havia cambistas ou filas nas bilheterias. Com público muito menor, a maioria dos torcedores do América apresentavam hábitos diferentes dos do Atlético e do Cruzeiro. Chegavam ao Independência mais tarde (já próximo à hora do jogo) e mais tarde compravam ingressos, não permanecendo tanto tempo nos bares da redondeza. Havia uma significativa quantidade de torcedores sem camisas ou outros adereços do América e a presença de torcedores organizados identificados era mais rara.

Já nas partidas do Atlético e também do Cruzeiro, era possível perceber grande presença de torcedores no entrono do Independência faltando ainda duas horas, duas horas e meia para o apito inicial. Consumiam bastante nos bares e constantemente havia cantos de torcidas ecoando pelo ar. Os torcedores organizados estavam presentes em toda parte, algumas vezes com bandeiras. Muitos torcedores deixavam para entrar no estádio na última hora e, minutos antes do começo da partida, grandes filas se formavam nos portões de acesso. Em frente às catracas, policiais militares revistavam os torcedores de uma maneira em geral educada e sem excessos. Foi após esse processo que adentrei o gigante do Horto em três oportunidades, como relato a seguir.

3.1.2 Durante o jogo

Antes, porém, de falar da parte interna do Independência durante uma partida, convém falar sobre sua parte externa durante um jogo. Deve haver poucas situações mais inusitadas na vida do que estar na porta de um estádio durante uma partida. E, devo dizer, com a experiência de quem lá permaneceu durante alguns minutos de seis jogos, que normalmente não acontece muito que mereça destaque. Cessada a entrada tumultuada de pessoas na arena, o que se vê são policiais rondando as ruas calmamente, vendedores requeitando seus tropeiros, algum movimento tímido nos bares, um ou outro torcedor atrasado, um eventual pedestre passando apressado.

Não foi o caso no jogo Atlético e Flamengo/RJ. Disputado em uma noite de quarta feira, foi uma partida extremamente concorrida, pela rivalidade histórica das equipes e pelo fato de o Atlético ainda aspirar ao título do Campeonato Brasileiro de 2012 até então. Somou-se a isso o acirramento dos ânimos pela presença de Ronaldinho Gaúcho no time mineiro, vindo do próprio Flamengo em uma transação confusa e surpreendente, poucos meses antes da partida. Fato é que muitos torcedores foram para as filas das bilheterias perto da hora do jogo, mas não encontraram ingressos. Nem os cambistas supriram a demanda de entradas. Centenas de atleticanos acabaram do lado de fora do estádio e, para minha surpresa, lá permaneceram, amontoando-se nos bares e casas da redondeza para assistir o embate na televisão, regados a bebidas e tropeiros.

Alguns moradores que estavam vendendo comida em suas casas, instalaram televisões nas janelas de suas residências para atrair clientes e conseguiram apinhar grandes grupos dessa maneira. Para minha surpresa, havia um Independência fora do Independência...

Retornemos, no entanto, para dentro do estádio. Como já anunciado anteriormente, acompanhei três jogos das arquibancadas do gigante do Horto, na seguinte ordem cronológica: América x Asa/AL (Setor Especial, Portão 2); Cruzeiro x Bahia/BA (Setor Cadeira, Portão 7); e Atlético x Atlético/GO (Setor Especial, Portão

3). Farei um breve relato das minhas observações em cada um dos embates, tentando apresentar as relações estabelecidas pelos torcedores naquele ambiente.

No dia 30 de outubro de 2012, adquiri sem problemas ingresso para o confronto entre América e Asa/AL. Porém, um dos pesquisadores do GEFuT que iria me auxiliar na aplicação dos questionários naquele jogo conseguiu entradas gratuitamente para o setor dos sócio-torcedores americanos. Aceitei a gentileza, na certeza de que provavelmente não teria a possibilidade de adentrar o referido setor em outras partidas.

Entrei no estádio pela Rua Ismênia Tunes (Portão 2), tendo acesso às cadeiras da arquibancada inferior ao longo do comprimento do campo (abaixo das cabines de transmissão). Com o Independência vazio (apenas 536 pagantes), a visão do jogo daquele local era absolutamente fantástica. Mas o que me chamou mais atenção foi a quantidade de moças bem arrumadas e vestindo um uniforme de funcionárias do América, oferecendo informações, suporte e orientações para os sócio-torcedores do clube. Havia uma bancada reservada para a apresentação dos planos de associação ao América, distribuição de folhetos, enfim, toda uma estrutura para satisfazer aqueles preciosos torcedores.

A quantidade de policiais no interior do estádio era reduzida, tanto quanto a de torcedores. Assentos esparsos eram ocupados nos setores do estádio. Vi apenas duas pequenas bandeiras expostas nas arquibancadas: uma com o símbolo do clube, outra com o nome de uma torcida organizada. Não houve cantos de guerra ou coreografias de torcedores em momento algum do jogo. Aliás, era possível, para quem estivesse dentro do campo, ouvir os gritos e xingamentos de cada torcedor que se manifestava, dado o relativo silêncio do ambiente. Grande parte das pessoas acompanhou quase todo o jogo sentada em sua cadeira.

As cadeiras, aliás, eram em sua maioria, verdes. Retrâteis e muito confortáveis, sem dúvida alguma, apesar de apresentarem alguns sinais de sujeira. Mais abaixo, onde a arquibancada encontrava o campo de jogo, um alto paredão de vidro substituíu o famoso alambrado como mecanismo de separação, permitindo uma boa visão do gramado.

No intervalo, houve uma série de atividades promocionais no campo de jogo, com uma competição de corrida e de chute entre torcedores selecionados, propagandas, estripulias do mascote do América (o Coelhoão) e anúncios sonoros. Senti-me quase em frente a uma televisão.

Com o início do segundo tempo, verifiquei os banheiros daquele setor, um em cada extremo da arquibancada. O primeiro estava trancado, o segundo possuía poucos mictórios e pias, mas estava bem higienizado e organizado. No entanto, tinha apenas uma porta para entrada e saída, o que, em jogos com mais torcedores pode gerar alguma confusão. Um bebedouro estava instalado ao lado do banheiro.

Havia um bar simples aberto também no setor, comercializando refrigerante, água e salgados. Os preços não fugiam do habitual e poucos torcedores fizeram uso do estabelecimento. Não notei a presença de vendedores ambulantes no estádio.

Após uma partida sem muitas emoções, o América acabou derrotado e a torcida ensaiou uma vaia ao time, sem muito sucesso. Vários grandes portões foram abertos para a saída do público. Estes estavam a menos de cinco metros das primeiras cadeiras do setor e já davam diretamente para a Rua Ismênia Tunes, propiciando um escoamento extremamente simples e rápido para os torcedores.

No dia 11 de novembro de 2012, foi a vez de eu presenciar a partida entre Cruzeiro e Bahia/BA. Um jogo que gerou grande ansiedade na torcida cruzeirense, pois uma derrota poderia deixar o time muito perto da zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro. Apesar disso, o público pagante (7.772) não foi dos maiores, talvez pela desconfiança do torcedor com o time.

Mesmo com uma quantidade relativamente baixa de pessoas, houve pequenas aglomerações nas filas para entrada no estádio. Comprei meu ingresso para o famigerado Portão 7, conhecido por sua arquitetura peculiar que inclui uma infinidade de grades de contenção que limitam absurdamente a visibilidade dos torcedores que pagam para assistir jogos daquele setor. Tanto é que pagam um valor inferior (meia entrada) pelo ingresso, em uma tentativa dos clubes de

compensar o torcedor pelo incômodo (no ingresso está impresso “assento com visibilidade prejudicada”)¹⁷.

Esse setor está localizado atrás de um dos gols e encontra-se no patamar superior das arquibancadas, o que me levou a subir uma infundável e estreita rampa de acesso para atingi-lo. Ao chegar à arquibancada, o jogo já havia começado e, com ele, minhas surpresas. As arquibancadas tinham uma inclinação bastante elevada, tão íngremes quanto ladeiras. Provavelmente por isso, havia grades metálicas grossas por todo o setor, a cada lance de cadeiras, nos corredores e nas escadas (estas também em estrutura metálica). Em todas essas grades estavam pendurados torcedores e mais torcedores, inclinando-se, contorcendo-se, escalando, fazendo as mais bizarras peripécias para assistir a partida ou ao menos algo dela. As cadeiras estavam absolutamente vazias.

Olhei para o gramado. Quase não consegui vê-lo. Subi algumas escadas e me posicionei em um degrau, subindo em uma grade. Foi a melhor visão que pude ter do jogo e não via uma linha de fundo, um dos gols e boa parte de sua grande área. Nas últimas fileiras mais ao alto, um torcedor literalmente assistia a partida como um macaco, com as duas mãos agarradas a barras de metal da cobertura do estádio e os pés no ar, pairando sobre outras pessoas.

Aquilo tudo me incomodou e o fato de o Cruzeiro estar perdendo não ajudou muito. Ainda sim consegui observar características muito distintas da apropriação dos cruzeirenses do estádio, se comparada à dos americanos. Havia várias faixas, bandeiras e escudos gigantes do Cruzeiro espalhados pelas arquibancadas e os torcedores organizados marcavam presença entoando cantos repetidos por quase toda a torcida. Nenhum dos cantos, contudo, associava o Cruzeiro ao Independência, indicando certo distanciamento do torcedor cruzeirense com o gigante do Horto.

Assim como no setor em que eu estava, nos outros pontos do estádio eram raríssimos os torcedores que acompanharam o embate sentados, exceto no intervalo, quando a maioria enfim fazia uso das cadeiras ou ia a bares e banheiros. As instalações sanitárias eram similares às do setor de sócio-torcedores descrita no

¹⁷ Na segunda parte do Capítulo 3 retomo o tema da visibilidade nesse setor, apresentando inclusive algumas fotos que ilustram a situação (ver Figuras 3.3, 3.4 e 3.5).

jogo do América, mas não estavam tão limpas provavelmente devido ao maior uso na partida do Cruzeiro. Os bares também em pouco diferiam, mas geraram filas medianas no intervalo. Havia também carrinhos de pipoca próximos aos bares e vendedores ambulantes. O consumo de pipoca me surpreendeu: os baldes desse petisco passavam aos montes nas mãos dos torcedores quase como se estivéssemos em um cinema.

Durante o intervalo não houve promoções ou propagandas no gramado. O segundo tempo teve início e com ele o drama. A torcida começou a manifestar insatisfação com o time, com os xingamentos dirigidos ao juiz, ao time adversário e ao técnico celeste. Mas o Cruzeiro acabou por virar o placar, deixando sua torcida mais aliviada que feliz. Apesar de toda a carga emocional do ambiente, não presenciei cena de violência alguma. Contudo vi poucos policiais militares nas arquibancadas.

Com o apito final, permaneci mais um tempo nas arquibancadas e percebi o quão assustadora era a inclinação daquele setor do estádio quando vazio. Notei também o quão imundo e repleto de restos de comida estava o chão à minha volta. Resolvi sair do estádio, mas antes acabei conseguindo autorização para visitar um dos camarotes do Independência (localizados nos dois lados do setor em que eu estava, atrás de cada uma das bandeiras de escanteio). Tudo limpo e organizado, chão plano e grandes janelas de vidro no lugar de paredes, permitindo uma visão invejável do gramado e de todo o estádio.

Desci as longas rampas e saí pelo portão que me deixava na Rua Pitangui.

No dia 18 de novembro de 2012 foi a vez de assistir o Atlético, contra o seu homônimo goiano. Comprei meia entrada na bilheteria, duas horas e meia antes do jogo, por R\$30,00 para o Portão 3. Esse setor tem a mesma estrutura e posicionamento do setor de sócio-torcedores (Portão 2, em que estive durante o jogo do América), porém no lado oposto do campo. Enfrentei uma pequena fila para adquirir o ingresso e uma fila maior para entrar no Independência.

Já na arquibancada, percebi que a visibilidade permitida aos torcedores naquele setor não era tão ideal quanto me pareceu no jogo do América. O fato de haver muito mais pessoas (15.342 pagantes) e de todas elas acompanharem a partida praticamente inteira de pé explicitou um defeito grave da arena: a não ser que o torcedor esteja na fileira mais próxima do gramado, junto ao paredão de vidro, ele não conseguirá visualizar a lateral do campo imediatamente à sua frente. Não ajudou também o fato de o sol se pôr atrás de um dos gols, ofuscando a vista de boa parte dos torcedores no estádio durante todo o primeiro tempo do embate.

Embate, aliás, que não teve tanta importância para o Atlético, que então já não tinha mais esperanças de conquistar o título brasileiro. Porém, a torcida atleticana esteve em grande quantidade no Independência e apoiou o time durante grande parte do jogo, mesmo com o time jogando mal e constantemente atrás no placar. Diversos cantos foram entoados, os torcedores organizados participaram ativamente das manifestações e muitas faixas e bandeiras puderam ser vistas nas arquibancadas.

Um detalhe interessante foi o uso que os torcedores fizeram das cadeiras nesse setor. Os assentos dessa área do estádio são retráteis, dobrando-se para ficarem paralelos ao encosto quando ninguém está sobre eles. Muitos torcedores abriam os assentos e ficavam de pé sobre eles, para ter melhor visão do jogo, o que fazia com que outras pessoas atrás deles fizessem o mesmo, numa espécie de dominó. Porém, o sistema retrátil da cadeira acabou se revelando perigoso, por criar um pequeno vão entre o assento e o encosto. Em um dos gols do Atlético, um garoto de oito ou nove anos, ao saltar para comemorar, aterrissou justamente nesse vão, tendo suas pernas “engolidas” pela cadeira e machucando dolorosamente o joelho. Outros torcedores, vendo a cena, reclamaram dos assentos, alguns dizendo já terem presenciado incidentes semelhantes anteriormente.

No intervalo, grandes filas se formaram nos banheiros, bebedouros e bares, todos eles claramente aquém das demandas de um jogo com público muito elevado. Os vendedores ambulantes ajudaram a suprir parte dessas necessidades, comercializando água, picolés e salgados em profusão. Não houve nenhum movimento de propagandas ou promoções no gramado enquanto as equipes estavam nos vestiários.

O segundo tempo começou e com ele se pôs o sol, o que contribuiu muito para o conforto dos torcedores. O jogo foi emocionante e dramático, mas não presenciei confusões ou brigas dentro do estádio e, mais uma vez, não vi tantos policiais militares espalhados pelas arquibancadas. Embalado pela torcida, o Atlético conseguiu o empate nos últimos minutos de partida, fazendo explodir o gigante do Horto. Após o apito final, ficaram nas arquibancadas apenas os lixos produzidos pelos torcedores. Os grandes portões abertos já davam no passeio da Rua Pitangui, minha rota de saída.

3.1.3 Depois do jogo

As observações que fiz após o término dos três jogos que acompanhei dentro do Independência foram muito semelhantes, permitindo que eu estabelecesse uma generalização. As análises que faço a seguir tem como principais parâmetros as partidas do Atlético e do Cruzeiro. No jogo do América, no entanto, a maior parte das situações que aqui relato também aconteceu, embora em menor magnitude, devido ao número bem inferior de torcedores no estádio.

Foi possível perceber no Independência uma prática interessante, muitas vezes adotada por torcedores por segurança e para evitar o trânsito pesado da volta do jogo: sair do estádio alguns minutos antes do fim da partida. Com isso, essa parcela de torcedores evita as possíveis confusões que podem ocorrer quando a multidão deixa a arena. Não notei, contudo, muitos torcedores aguardando um tempo mais longo dentro do Independência após o apito final para saírem também sem enfrentar o ápice da confusão da pós-jogo.

Sobre o exterior do estádio, chamou-me a atenção como há uma mudança brusca de iluminação, entre as arquibancadas e a rua, nos jogos noturnos no Gigante do Horto. O gramado é muito bem iluminado bem como as dependências do estádio onde ficam os torcedores. Porém, ao atravessar os portões e começar a circular pelo entorno do Independência, é nítido que a luminosidade é bem menor. A iluminação exterior não é ruim, definitivamente, mas não chega a ser um primor.

Esse aspecto é compensado por uma presença maciça de policiais militares no entorno do estádio ao fim das partidas. Soma-se a isso o fato de não haver carros parados nas ruas, que são estreitas, mas não oferecem “surpresas” (como becos laterais, entulhos, lotes vagos; enfim, estruturas que permitissem que alguém mal intencionado surpreendesse um torcedor ou grupo de torcedores) e posso afirmar que me senti bastante seguro na saída do Independência.

Porém, vale destacar que essas mesmas ruas ficaram coalhadas de bandeiras, restos de comida, embalagens plásticas (latas de alumínio, não; estas são meticulosamente recolhidas pelos vários catadores que atuam na área em dias de jogos) e toda sorte de detritos, apesar das poucas lixeiras instaladas no entorno do estádio.

Os bares e casas da redondeza continuaram abertos e a todo vapor. Muitos torcedores saem do estádio e vão para esses locais para continuar bebendo, para fazer uma última refeição antes de voltar para o lar ou simplesmente para fazer a resenha com os amigos da partida recém-terminada. É notória a quantidade de torcedores com sinais de embriaguez nesse momento.

Alguns dos torcedores deixavam o Independência entoando cantos e gritos de guerra, agitando bandeiras, estendendo a festa para além do interior do estádio. Apesar disso, não vi qualquer confusão ou cena de violência no entorno do gigante do Horto. Um fator que parece ter contribuído para diminuir esses riscos foi o modo de dispersão dos torcedores.

Apesar de ter saída para apenas duas ruas, o Independência acaba apresentando várias rotas e meios de dispersão dos seus frequentadores. Pude perceber grupos de torcedores que se deslocavam a pé para as grandes avenidas próximas ao estádio (Cristiano Machado, Silviano Brandão, Andradas), grupos que aguardavam ônibus em diversos pontos, grupos que se dirigiam à estação de metrô do Horto, pessoas que pegavam táxis, pessoas que andavam quarteirões para todos os lados para buscar seus carros estacionados a grandes distâncias. Enfim, o público acabava se espalhando sem criar aglomerações tão grandes.

Esse fluxo tão difuso de pessoas também parece ter contribuído para que o trânsito não ficasse tão ruim nas redondezas do Independência após os jogos. Ao

retornar para casa passando próximo ao centro da cidade, não enfrentei engarrafamentos em qualquer das partidas.

Dessa forma, encerro aqui minhas observações de campo e passo, no tópico seguinte, à análise dos questionários e entrevistas feitos com torcedores no Independência.

3.2 Dados dos questionários e entrevistas

Conforme descrito ao longo do Capítulo 2, as idas a campo envolveram também a tentativa de interagir com os sujeitos frequentadores do Independência – os torcedores – em um de seus momentos de lazer – o torcer. Essa interação se deu destacadamente com a aplicação de um questionário (Apêndice A) nos dias de jogos e, posteriormente, com a realização de entrevistas com alguns torcedores por mim selecionados.

Tanto o questionário quanto a entrevista tiveram três eixos centrais, três aspectos do torcer que pareciam ser importantes para uma análise desse fenômeno no contexto estudado, a saber: a relação do torcedor com o torcer e com o clube; a relação do torcedor com o estádio; e a relação do torcedor com a violência.

Nesse tópico, proponho-me a apresentar os resultados oriundos dos questionários e entrevistas, dialogando-os com outras pesquisas no campo do torcer, do futebol e do lazer e, quando possível, dialogando também com outras formas de saberes. O tópico, portanto, está dividido em três subtópicos, cada um relacionado a um dos eixos centrais do torcer já destacados.

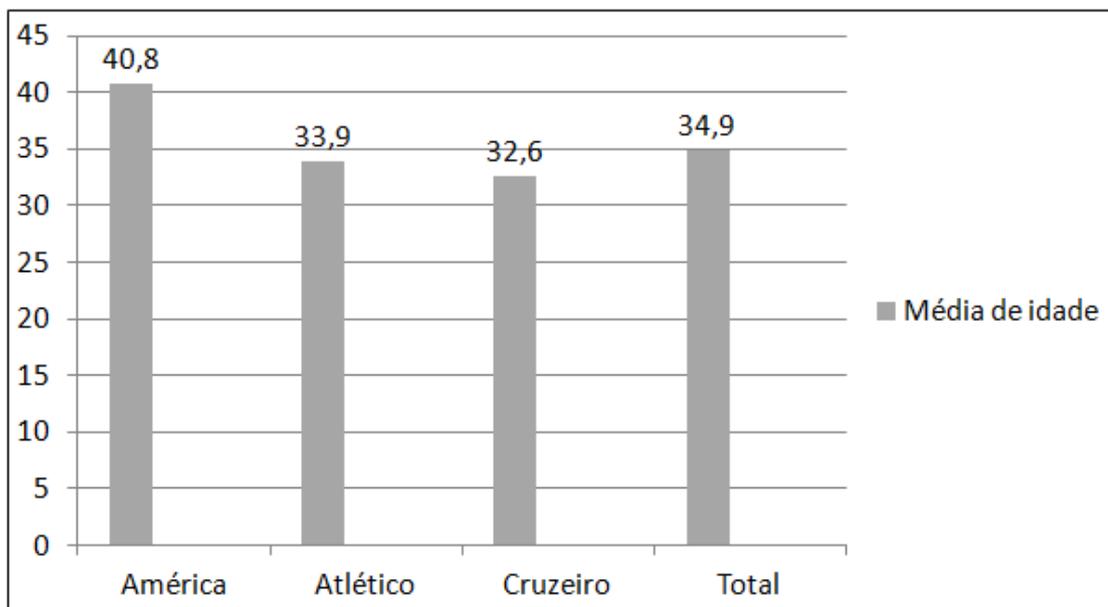
Todos os gráficos apresentados foram extraídos dos dados dos referidos questionários.

3.2.1 Sobre a relação com o torcer e com o clube

Antes de entrarmos nos pormenores da relação do torcedor com o torcer e seu clube, cabe aqui apresentar algumas características do grupo de torcedores que participaram dessa pesquisa. Como dito no Capítulo 2, ao todo 231 torcedores responderam ao questionário proposto ao longo das nove partidas que aconteceram no Independência.

Em relação à idade, a média de idade dos torcedores que responderam questionários nos jogos do América (40,8 anos) é superior às médias de idade dos torcedores que participaram da pesquisa nas partidas do Atlético (33,9) e do Cruzeiro (32,6) (ver Gráfico 3.1). Tal apontamento confirma a ideia do senso comum de que a torcida americana está envelhecida, sendo composta em sua maioria por pessoas de mais idade que começaram a torcer pelo clube algumas décadas atrás, quando este ainda era uma grande potência ao menos no cenário estadual. Tal perspectiva encontra eco também na voz do Entrevistado 3, americano, que afirma: “(...) é uma torcida mais envelhecida, sem dúvida, você não vê na torcida do América, criança, jovem, quase não vê (...)”.

Gráfico 3.1
Média de idade dos torcedores (em anos)

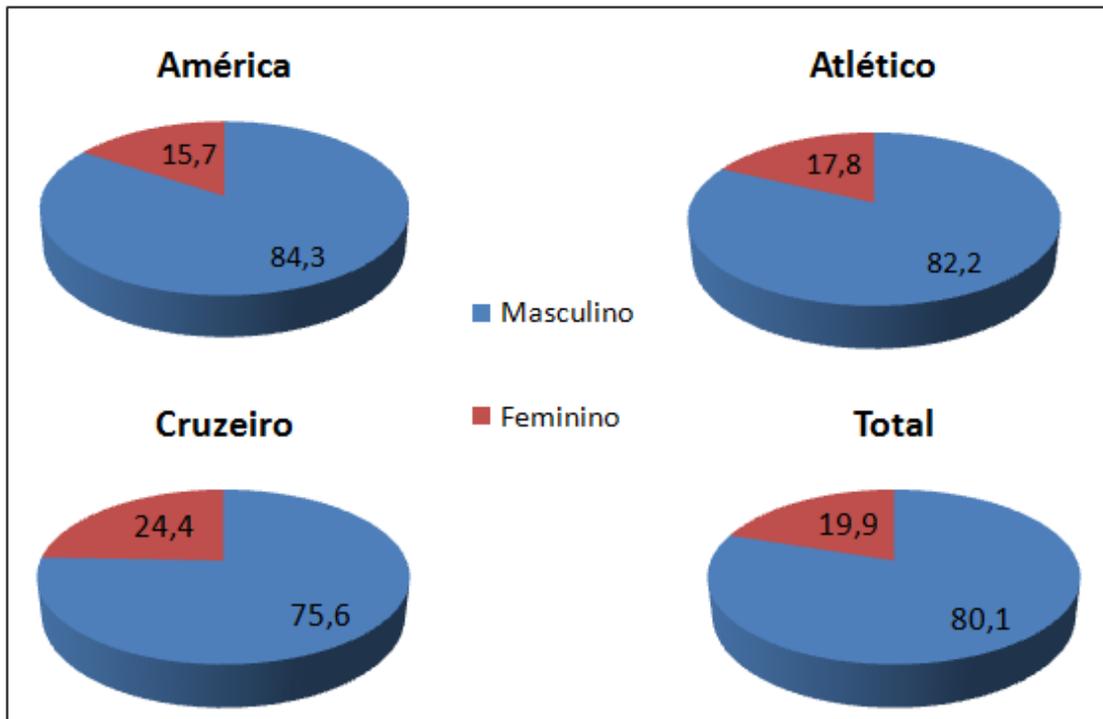


Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Outra característica importante dos torcedores que foi averiguada foi o sexo (ver Gráfico 3.2). Não é surpresa que a maioria dos torcedores abordados seja

composta por homens (80,1%), embora essa proporção a princípio pareça um pouco exagerada no presente estudo. Pesquisa da Pluri Consultoria¹⁸, com dados coletados em janeiro de 2012, indica que as mulheres representam 41,6% da torcida do Atlético e 43,9% da torcida do Cruzeiro.

Gráfico 3.2
Distribuição do sexo dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

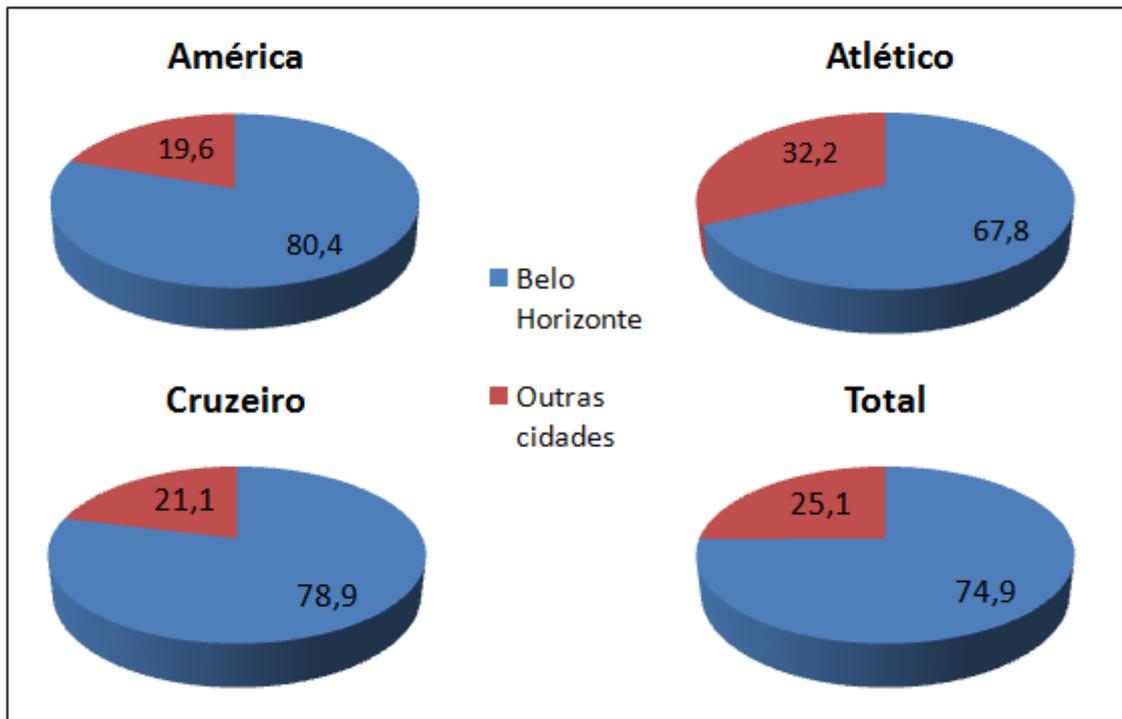
Porém, Campos (2010) apontou alguns obstáculos para a frequência das mulheres aos jogos de futebol, o que sugere que, ao menos nos estádios, essa proporção talvez seja diferente, com uma prevalência maior de torcedores do sexo masculino. Tendo em vista que as pessoas que estavam aplicando os questionários foram instruídas a selecionar os torcedores aleatoriamente para participar da pesquisa, é possível que a proporção entre torcedores homens e torcedoras no Independência seja aproximadamente a apontada.

Por fim, outra característica dos torcedores estudada foi a cidade em que cada um morava (ver Gráfico 3.3). Há uma prevalência de torcedores moradores de Belo Horizonte (74,9%) sobre moradores de outras cidades, o que é facilmente

¹⁸ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2012/11/29/as-vinte-maiores-torcidas-entre-as-mulheres/>> Acesso em: 26 jan. 2013.

compreensível. O Independência fica em uma região próxima ao centro da capital mineira, portanto relativamente distante da maioria das cidades da região metropolitana¹⁹. Além disso, alguns dos jogos analisados ocorreram em horários tarde da noite (entre 21 e 22 horas), o que dificulta deslocamentos maiores.

Gráfico 3.3
Distribuição da cidade em que moram os torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Porém, cabe destacar alguns aspectos dessa distribuição de torcedores. Nos jogos do América, sobretudo o jogo que aconteceu em um sábado pela tarde (contra o ABC/RN), havia vários torcedores que moravam em cidades do interior do estado mais distantes e que alegaram ter ido a Belo Horizonte justamente para visitar e conhecer o Independência. Tais torcedores estavam, em sua maioria, em família ou em grupos de amigos. Foi possível perceber o que eu classifico como um movimento tímido de turismo, constituindo-se o novo Independência como um local que atraiu a curiosidade de pessoas de vários lugares. Nesse sentido, o jogo do

¹⁹ Constituída por 34 municípios, a região metropolitana de Belo Horizonte tem grande relevância econômica e cultural no estado. A capital em si não chega a ter 50% da população da região metropolitana, que conta com quase cinco milhões de habitantes, segundo Censo do IBGE de 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

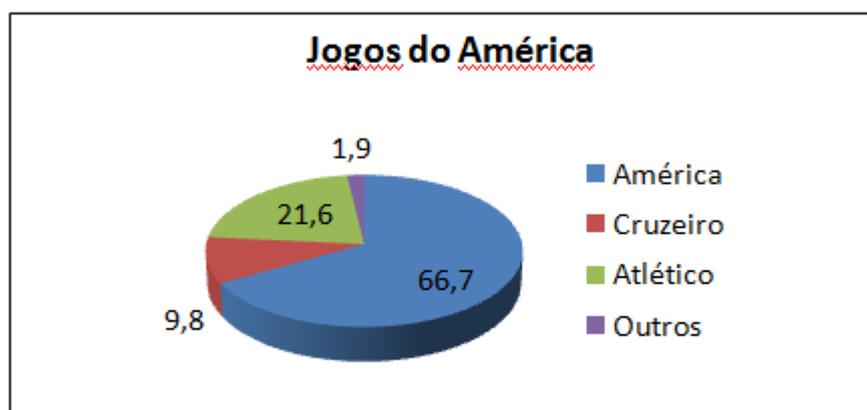
América, com menor torcida e aparentemente mais tranquilo e seguro, tornou-se alvo desse movimento.

Por outro lado, nos jogos do Cruzeiro e do Atlético, a maioria dos torcedores que moravam fora de Belo Horizonte na realidade eram habitantes de outras cidades da região metropolitana, como Betim, Contagem, Igarapé, Juatuba, Nova Lima, Sabará, Santa Luzia e Vespasiano. Torcedores com um perfil diferente dos do América acima citados e que, provavelmente, trabalham em Belo Horizonte e aproveitam para ir ao Independência antes de retornarem às suas residências nos arredores da cidade.

O presente estudo não tinha como objetivo aprofundar nessas questões de deslocamento dos torcedores entre cidades para acompanhar jogos de futebol, mas os dados trazem apontamentos interessantes para futuras pesquisas no campo do lazer, do turismo ou mesmo da geografia, tentando entender esses fluxos de torcedores e sua relação com o novo Independência e com o novo Mineirão.

Encerrada a caracterização do grupo de torcedores participantes da presente pesquisa, sigamos com os dados referentes à relação do torcedor com o torcer e com seu clube.

Gráfico 3.4
Distribuição dos times de coração dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Nota: Nos jogos do Atlético, 100% dos torcedores participantes alegaram ser o Atlético seu time de coração. Nos jogos do Cruzeiro, 100% dos torcedores participantes alegaram ser o Cruzeiro.

A primeira pergunta do questionário era justamente “Qual o seu time de coração?”. Nos jogos do Atlético e do Cruzeiro, 100% dos torcedores responderam que o time mandante do jogo era seu time do coração.

Já nos jogos do América, havia grande quantidade de torcedores (praticamente um terço) que não se disseram americanos (ver Gráfico 3.4). Quando perguntados sobre o motivo de estarem no Independência em jogos do América sem que fosse este seu time de coração, esses torcedores elencaram uma série de razões, entre elas: ter certa simpatia com o time do América; acompanhar um amigo ou familiar americano; conhecer o Independência; e assistir a um jogo mais tranquilo e mais barato.

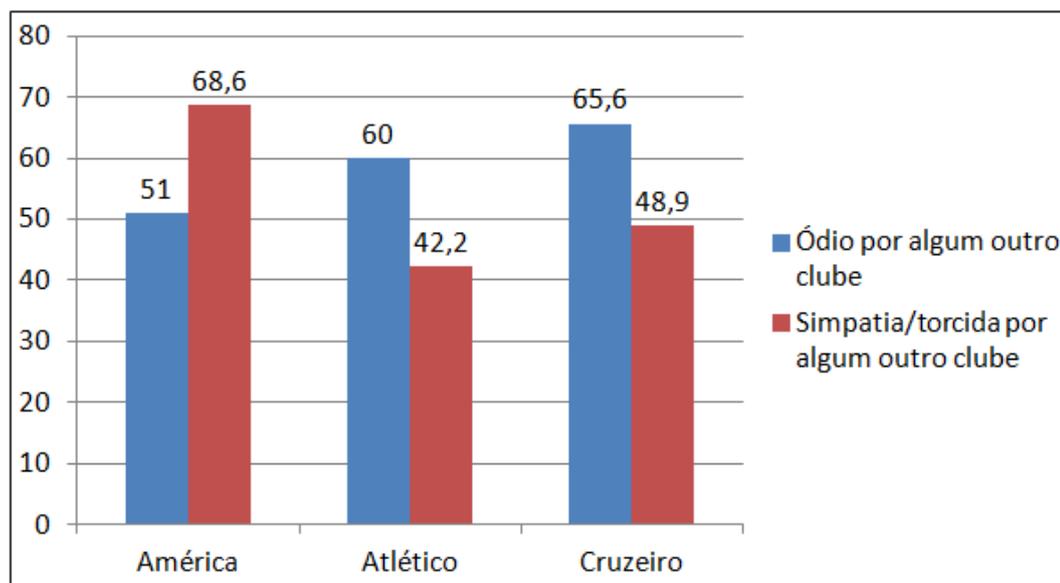
Esses dados apontam para alguns aspectos interessantes. Primeiramente, nem todo torcedor que vai a um estádio de futebol tem um vínculo de pertencimento clubístico (DAMO, 1998) com uma das equipes que estiver jogando. Outras razões podem levar um torcedor a um estádio: o pertencimento clubístico não é a única justificativa para o torcedor escolher a assistência a uma partida de futebol como opção de lazer. E aqui, com todo o respeito, estamos falando do América, não de um time europeu globalizado, com fãs no mundo inteiro e que atrai espectadores para seus jogos.

Um segundo aspecto relevante é a presença de torcedores do Cruzeiro e do Atlético em jogos do América. Há um discurso do senso comum em Belo Horizonte de que o América é o segundo time dos cruzeirenses e atleticanos. Essa ideia aparece inclusive na fala da Entrevistada 1, atleticana: “tenho uma relação muito amigável com o América, meu segundo time do coração é o América, como todo cruzeirense também, o segundo time do cruzeirense é o América”.

Porém, encontrei indícios contrários a essa ideia na pesquisa ao analisar as respostas da Questão 7 do questionário: “Você torce/simpatiza com algum outro time?” (ver Gráfico 3.7). Tanto nos jogos do Cruzeiro quanto nos jogos do Atlético, apenas 6,7% dos torcedores participantes alegaram simpatizar com o América, valor muito abaixo do esperado de acordo com a teoria popular.

Já que toquei na Questão 7, sigamos a análise a partir dela e da Questão 6: “Você odeia²⁰ algum outro time?”. Ambas estão intimamente ligadas e explicitam relações interessantes do torcedor com outros clubes (ver Gráficos 3.5, 3.6 e 3.7).

Gráfico 3.5
Distribuição da relação que os torcedores de cada time tem com outros clubes (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

O Gráfico 3.5 indica que os torcedores do Atlético e do Cruzeiro tem uma relação de ódio mais frequente do que de simpatia por outro clube, ao contrário do que ocorre com os torcedores do América. Damo (1998) e Silva (2001) apontam que uma das características do pertencimento clubístico é justamente a existência de um rival, um clube adversário pelo qual se nutre uma aversão e uma antipatia, em geral mútua. A simpatia por outro clube, ao contrário, não é apontada pelos autores como elemento central do pertencimento clubístico. Os torcedores de Cruzeiro e Atlético parecem se encaixar nessas características mais adequadamente do que os torcedores dos jogos do América.

Nesse sentido, o América acaba tornando-se um clube peculiar. Já foi o mais importante time de Minas Gerais, tendo inclusive conquistado um inédito deca campeonato mineiro entre 1916 e 1925 e durante longo período formou a maior

²⁰ A palavra “odeia” é forte, sem dúvida, e foi propositalmente mantida no questionário. Alguns torcedores tentaram inclusive relativizar ou suavizar a expressão ao responder a pergunta, mas foram instruídos a marcar “sim” apenas se de fato concordassem que odiavam algum outro clube. Caso a pergunta fosse “Você não gosta de algum outro time?” a proporção de respostas afirmativas seria certamente maior.

rivalidade do estado junto com o Atlético. Porém, foi perdendo terreno e o Cruzeiro acabou assumindo o papel de arquirrival atleticano, sobretudo a partir da década de 1960.

Atualmente, o torcedor americano carece justamente de um grande rival, como ficou explícito em uma conversa informal que tive com Jair Bala²¹ durante as gravações do Óbvio Ululante²². Jair, quando perguntei se nutria simpatia por algum outro clube, respondeu categoricamente que não. Quando questionei sobre a suposta simpatia que torcedores do Atlético e do Cruzeiro nutriam pelo América, Jair foi ainda mais incisivo, dizendo que não queria simpatia de nenhum outro torcedor. Afirmou que gostaria mesmo é que atleticanos e cruzeirenses odiassem o América, pois isso seria um sinal claro de que o clube verde e branco voltara aos tempos de glória, voltara a ser um grande rival.

Como mostrou Silva (2012) em seu trabalho de mestrado sobre o Democrata de Governador Valadares, entre clubes de menor expressão parece haver outros tipos de pertencimento clubístico, com peculiaridades que não se aplicam aos grandes clubes. A ausência de uma rivalidade notável foi um desses aspectos apontados pelo autor. De alguma maneira, parece ser o caso também do América.

No caso de Cruzeiro e de Atlético, ao contrário, há uma clara relação de rivalidade (ver Gráfico 3.6). Nada menos que 51,1% dos atleticanos afirmaram odiar o Cruzeiro e 56,7% dos cruzeirenses ratificaram o ódio pelo Atlético²³. Valores bastante elevados que confirmam que a rivalidade entre os dois times, o torcer

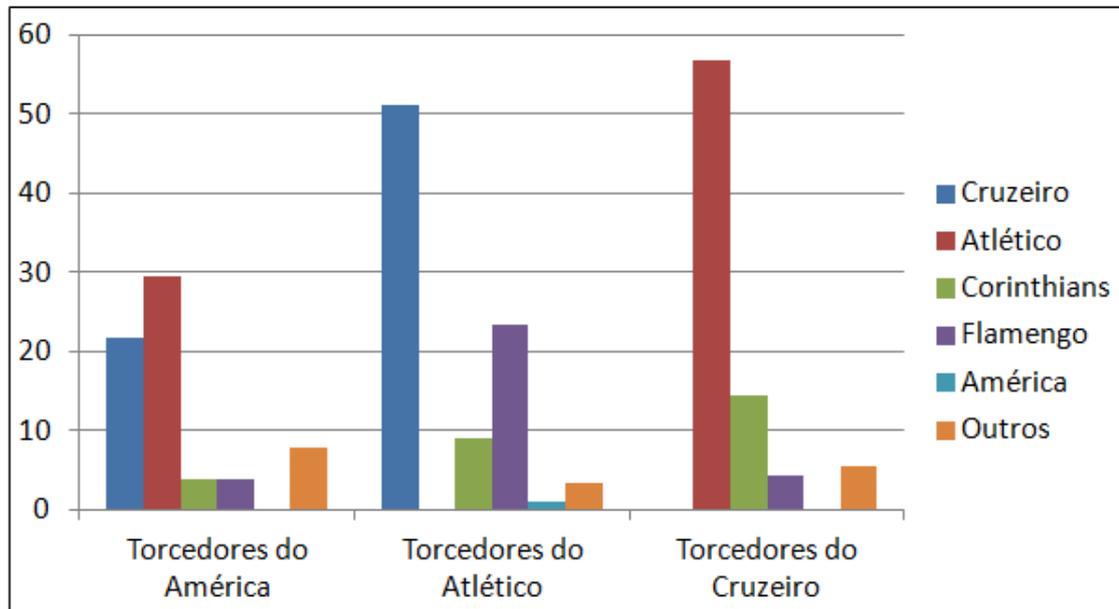
²¹ Jair Bala foi um grande meia-atacante do América das décadas de 1960 e 1970, defendendo também vários outros clubes importantes no país. Atualmente participa de um popular programa de televisão da TV Alterosa, o Alterosa Esporte, em que comentaristas dos três grandes times de Minas Gerais defendem seus clubes com paixão, humor e provocações constantes. Jair Bala naturalmente veste as cores do América no programa e grande parte de seus comentários agradam a torcida que ele representa.

²² O Óbvio Ululante é um programa de rádio que vai ao ar ao vivo todas as quintas feiras na Rádio UFMG Educativa, fruto de uma parceria entre a emissora e o GEFuT. Procura abordar o futebol e o esporte de uma diferente perspectiva, dialogando com a ciência e a arte. Faço parte da equipe do programa desde sua estreia, em 2010. Jair Bala foi um dos convidados do programa em meados de 2012 e a referida conversa ocorreu nos bastidores deste.

²³ As questões 6 e 7 do questionário, referentes ao ódio e à simpatia por outros clubes permitiam que o torcedor participante apontasse mais de um time como alvo de seus sentimentos contrários ou favoráveis.

contra o arquirrival é parte importante do pertencimento clubístico tanto dos cruzeirenses quanto dos atleticanos.

Gráfico 3.6
Distribuição dos clubes mais odiados pelos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Nota: Em "Outros", foram citados pelos torcedores alguns poucos clubes agrupados nessa categoria.

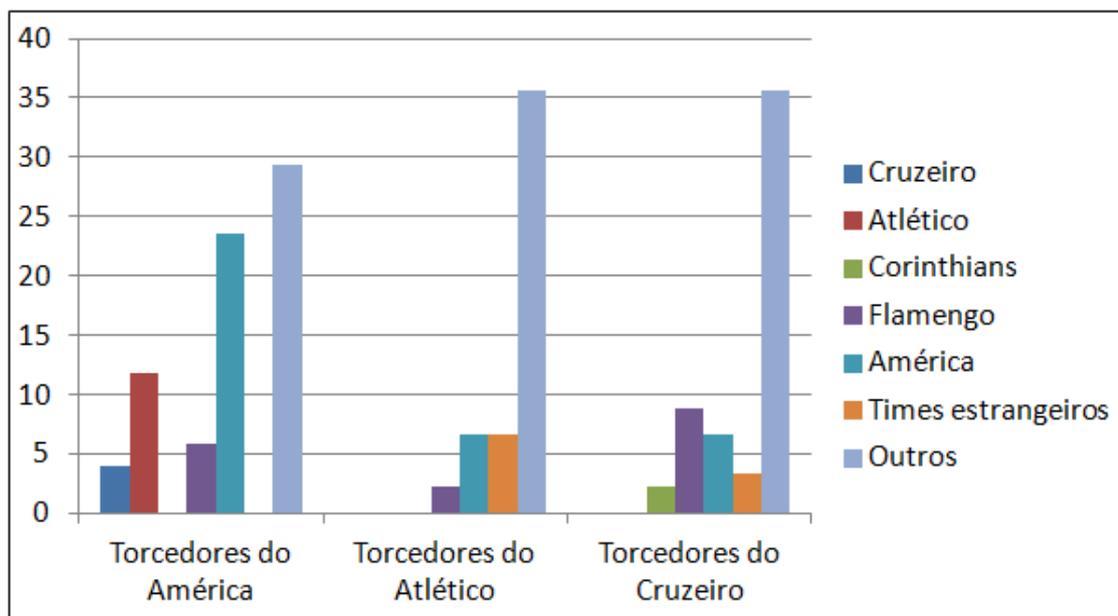
O torcedor do Atlético, contudo, expressou também uma aversão significativa em relação ao Flamengo/RJ (23,3%). Os dois clubes construíram uma forte rivalidade ao longo de sua história, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, quando formaram possivelmente os melhores times do país e disputaram várias partidas decisivas em nível nacional e mesmo em competições sul americanas. O Flamengo levou a melhor na maioria desses embates e os atleticanos alegam que, por várias vezes, o clube carioca contou com colaborações da arbitragem, o que parece ter contribuído decisivamente para o sentimento de aversão desenvolvido pelos torcedores do Atlético, o qual não necessariamente é retribuído com a mesma intensidade por parte dos flamenguistas.

É interessante notar que, excetuando-se obviamente Cruzeiro e Atlético, os clubes mais odiados pelo torcedor mineiro são justamente Flamengo (11,7%) e

Corinthians (10,0%), os times mais populares e de maior torcida no Brasil²⁴. O fato de serem tão populares e terem tanto sucesso paradoxalmente ajuda a explicar essa aversão. Ambos são times do eixo Rio-São Paulo que recebem enorme atenção da mídia nacional, o que pode despertar sentimentos de bairrismo entre torcedores de outros estados do país, como parece ser o caso em Minas Gerais.

Quando analisamos os dados referentes aos clubes que geram maior simpatia entre os torcedores (ver Gráfico 3.7), percebemos que há uma dispersão das preferências dos mineiros. Alguns pontos merecem ser destacados. Primeiramente, como mencionado anteriormente, o América não parece ser de fato o segundo time dos cruzeirenses e atleticanos.

Gráfico 3.7
Distribuição dos clubes que geram mais simpatia por parte dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Nota: Em "Outros", foram citados pelos torcedores diversos clubes agrupados nessa categoria, incluindo times do interior mineiro e de vários estados do país.

Outro aspecto interessante é o modesto número de torcedores que simpatizam com times estrangeiros (Barcelona, Boca Juniors, Manchester United, Milan e Real Madrid foram citados). Nas últimas décadas, o futebol tem se mercantilizado e se globalizado de maneira efetiva e ampla, sendo a Europa o

²⁴ Sobre a construção da popularidade do Flamengo em escala nacional, que vai muito além do sucesso nos gramados, passando por produções midiáticas e culturais diversas, vale a leitura da tese de Marizabel Kowalski, "Por que Flamengo?" (KOWALSKI, 2001).

grande centro do futebol mundial, onde jogam os melhores jogadores e estão os maiores clubes. Com isso, os grandes times europeus conseguem fãs em todo o globo e, ao que parece, os torcedores brasileiros, mesmo com o forte pertencimento clubístico aos times nacionais, não estão imunes a esse fenômeno. Trata-se, porém, de um processo incipiente e que merece maiores estudos.

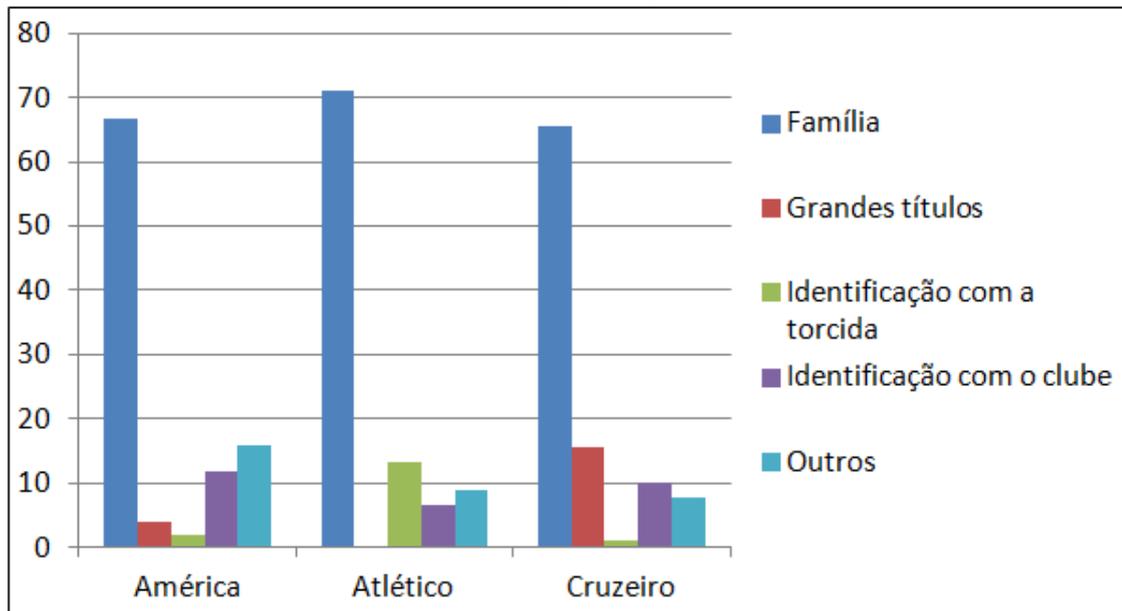
Por fim, cabe destacar que os torcedores de Atlético e de Cruzeiro tendem a simpatizar com times que são rivais de seus rivais. No caso dos atleticanos, por exemplo, 8,9% deles afirmaram torcer pelo Palmeiras/SP e 7,8%, pelo Vasco/RJ, ambos talvez os principais adversários do Cruzeiro no cenário nacional nas últimas décadas. Já entre os cruzeirenses, 8,9% afirmaram torcer pelo Flamengo/RJ (que dispensa maiores comentários) e 7,8% afirmaram torcer pelo Fluminense/RJ, clube que no ano então corrente (2012) disputava o título do Campeonato Brasileiro de maneira acirrada com o Atlético.

Outros clubes também foram citados por torcedores dos três times mineiros e, sem dúvida, diversas motivações levam as pessoas a terem simpatia por outros clubes. Motivações por vezes não muito claras, permeadas de subjetividades e experiências, frutos de algum tipo de envolvimento, de algum tipo de encantamento. Como nos ensina Manoel de Barros,

Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que essa coisa produza em nós. (BARROS, 2010, p. 109).

O mesmo vale – e certamente em maior intensidade – para a escolha do próprio time de coração do torcedor. Foi isso que a Questão 5 do questionário buscou identificar: a razão central da escolha por um time para se torcer (ver Gráfico 3.8). A pergunta era “Qual o principal motivo que o levou a torcer pelo seu clube?”.

Gráfico 3.8
Distribuição do principal motivo que levou os torcedores a torcerem pelo seu clube (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

É notória a prevalência da família na decisão de torcer por um clube, fato que já fora apontado por Silva (2001) como elemento central da constituição do pertencimento clubístico. Nada menos que 68,0% dos torcedores participantes indicaram a família como principal motivo para a sua escolha clubística. Muitos desses torcedores frisaram a importância do pai nesse processo, figura central nessa escolha que muitas vezes é tratada como um valor da família, uma tradição, uma herança a ser perpetuada, passada do avô para o pai e deste para o filho. A fala do Entrevistado 2, atleticano, exemplifica isso muito bem: “Na verdade foi família mesmo, o meu pai, a minha avó, todos os meus avós são atleticanos, então é aquela tradição de família mesmo.”

A Entrevistada 1, atleticana, dá pistas de um dos mecanismos usados para essa transmissão clubística quando fala de suas duas filhas: “desde que elas nasceram, eu comprei uniforme, o Galo ia jogar, eu vestia o uniforme...”. Presentes relacionados ao clube, a ida aos jogos do time nos estádios, tudo isso são mecanismos que os pais (não só eles, mas também as mães) usam para cultivar o pertencimento clubístico da família.

Mais um depoimento rico é o da Entrevistada 4, cruzeirense:

Porque tanto o meu pai, como toda aquela geração do meu pai, toda vida vi o meu pai torcendo para o Cruzeiro, naquela época era Natal, Dirceu Lopes, Tostão, aí, eu fiquei encantada, a camisa também, né, a camisa e vendo aquele entusiasmo dele, eu fui me envolvendo com aquilo e fui gostando do Cruzeiro. (Entrevistada 4).

O pai aparece novamente como elemento central em sua escolha, mas outro aspecto importante é salientado. Aquela época de “Natal, Dirceu Lopes, Tostão” citada pela torcedora é a de meados da década de 1960, estendendo-se até a década de 1970. Considerada a mais importante da história do Cruzeiro, quando o clube formou uma equipe que ao mesmo tempo encantava pelo futebol envolvente e conquistava títulos importantes, como a Taça Brasil de 1966²⁵, equivalente ao Campeonato Brasileiro de então.

O Gráfico 3.8 reflete essa opinião quando percebemos que 15,6% dos cruzeirenses alegam serem os grandes títulos o principal motivo para torcerem pelo clube. Após esse período de sucessos, novamente na década de 1990 e início de 2000, o Cruzeiro viveu uma fase de grandes e numerosas conquistas, o que também parece ter inspirado e motivado vários torcedores a serem cruzeirenses. Entre atleticanos e americanos, cujas equipes não viveram momentos tão gloriosos nas últimas décadas, esse fator é nulo ou insignificante para a opção pelos clubes.

O Entrevistado 5, cruzeirense de 27 anos (e que portanto viveu sua infância/adolescência no período de grandes títulos do Cruzeiro) aponta várias vezes para a importância dessa fase vitoriosa do time em sua escolha. Logo no início da entrevista, ele afirma: “(...) uma época de glórias, época que eles ganharam títulos, a maior época de glória do Cruzeiro foi na década de noventa, entendeu e nisso, eu já comecei a me identificar com o time”. Ele complementa:

É como eu falei, na década de noventa o futebol do time do Cruzeiro era impecável, então assim, quem é um bom torcedor gosta de ver um bom futebol, e eu aprendendo, eu já jogava futebol na escola, e tal, e você já via que o futebol do Cruzeiro que ele já apresentava naquele tempo, não tinha no Brasil um time igual, como também conta na história, igual na época ganhou do Pelé, do Santos com o Pelé, então, tudo isso encanta qualquer um que vai conhecer a história do futebol leva você a torcer para um time desses, eu fui nessa mesma paixão, nesse mesmo intuito de torcer para o Cruzeiro. (Entrevistado 5).

²⁵ O título da Taça Brasil de 1966 é talvez o maior marco da história cruzeirense. A final contra o Santos de Pelé no auge (tanto o Santos quanto o Pelé), em duas partidas, com duas vitórias mineiras é lembrada e reverenciada até hoje pelos torcedores celestes. Mesmo aqueles que sequer estavam vivos, como esse que vos escreve.

Títulos e bom futebol, enfim, diferenciam a torcida cruzeirense das demais estudadas, embora para todas elas, é bom frisar, a família ainda seja a motivação principal.

No caso do América, é possível perceber que a identificação com o clube é o segundo aspecto que mais leva as pessoas a torcerem pelo time. Trata-se de um fato interessante para o qual podemos levantar algumas explicações. O América é um clube muito tradicional na cidade, tendo completado seu centenário no ano de 2012 e desde o início de sua trajetória sendo muito vitorioso (o inédito deca campeonato entre 1916 e 1925 é um marco disto). Também se consolidou, ao menos no imaginário social, como um clube diferenciado e distinto, de certa forma associado à elite. O próprio hino oficial do clube²⁶, composto por Vicente Motta, aponta para isso, como em seu refrão:

Mantendo nosso espírito esportivo,
social e cultural.
Vamos cantando o hino do América
tão famoso e tradicional.

Não apenas o “espírito esportivo”, mas também o “social e cultural” fazem do América um clube supostamente diferente de Cruzeiro e Atlético, fato que atrai uma parcela dos torcedores do time.

O Atlético, por fim, tem na identificação com a torcida (13,3%) o segundo principal motivo de adesão de seus torcedores. A torcida atleticana é tida, ao menos segundo os próprios atleticanos, como a mais apaixonada e fanática de Minas Gerais. Esse discurso aparece, por exemplo, na fala do Entrevistado 2, atleticano: “(...) eu acho que o grande diferencial do Atlético hoje é a torcida, se o Atlético não tivesse a torcida que tem, eu vou falar um negócio para você, eu não sei o que teria acontecido com ele, não”.

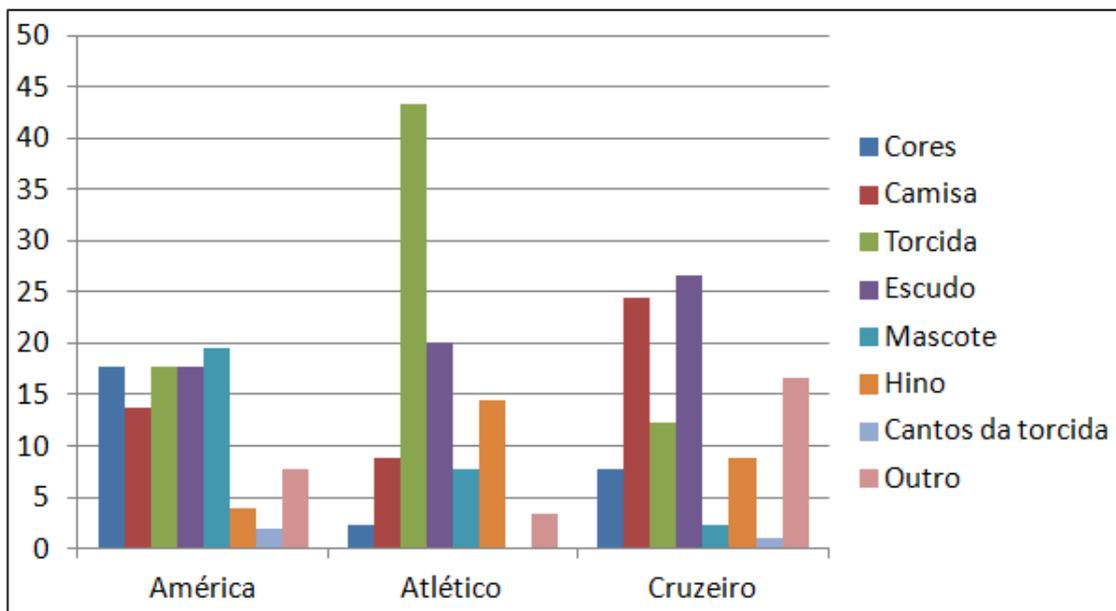
Nas últimas décadas, como já foi dito, o Atlético não conseguiu conquistar grandes títulos, mas seus torcedores continuaram e continuam apoiando o clube, indo aos estádios e tudo indica que essa devoção acaba atraindo mais torcedores

²⁶ O hino completo pode ser encontrado na página oficial do clube, de onde foi retirado o trecho. Disponível em: <<http://www.americamineiro.com.br/coelho/hinos>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

para o clube. Um símbolo dessa paixão do atleticano é a célebre e linda frase de Roberto Drummond, em sua famosa coluna no jornal Estado de Minas: “Se houver uma camisa preta e branca pendurada no varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento” (DRUMMOND, 2001).

Cabe aqui analisarmos, portanto, os dados referentes à Questão 3 do questionário: “Para você, qual é o símbolo mais importante do seu clube?” (ver Gráfico 3.9). As respostas dos atleticanos confirmam a lógica desenvolvida acima, com 43,3% dos torcedores apontando a torcida como principal símbolo do Atlético, valor muito superior ao apontado nos jogos do América (17,7%) e do Cruzeiro (12,2%).

Gráfico 3.9
Distribuição do símbolo mais importante do clube para os torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

No caso do América, as respostas foram distribuídas entre várias opções, não sendo possível destacar apenas um símbolo como preponderante para o torcedor do clube. Cores, camisa, torcida, escudo e mascote foram os mais lembrados pelos torcedores.

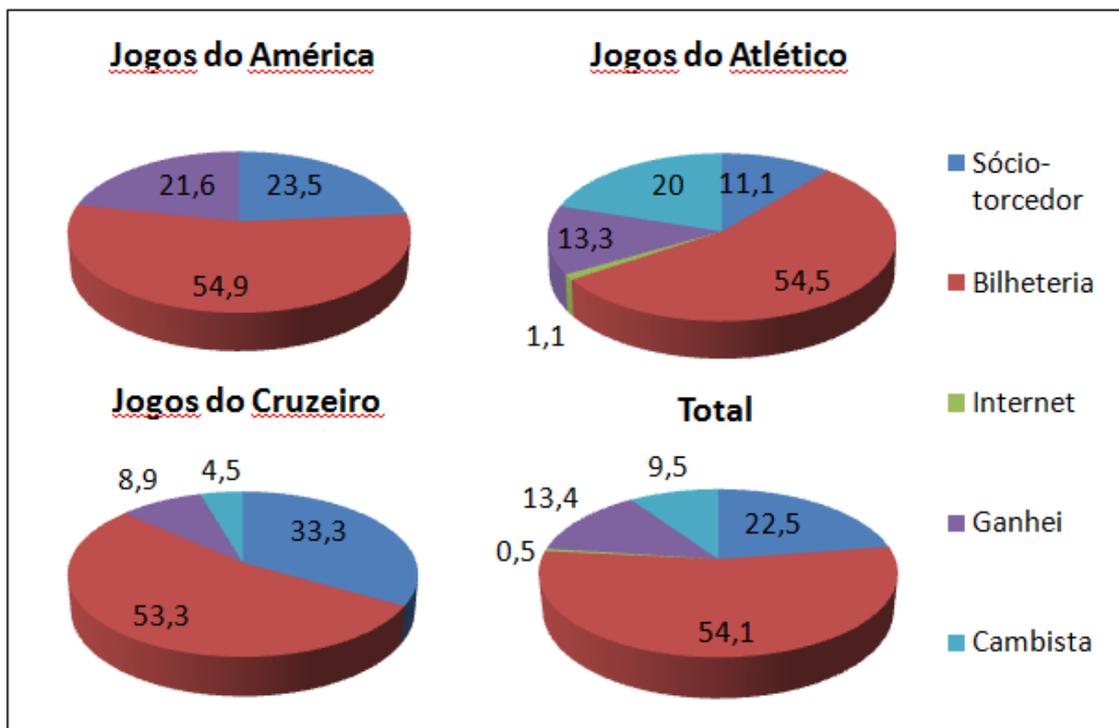
No caso do Cruzeiro, por outro lado, os torcedores concentraram suas respostas em três aspectos interligados, dois dos quais já estavam descritos no questionário (camisa e escudo) e um terceiro que foi acrescido por 13,3% dos

torcedores: as cinco estrelas. O fato de essa expressão não estar originalmente no questionário (mas ter sido citada no item “Outros”) sugere que esse percentual provavelmente seria ainda maior caso a opção já estivesse listada.

A camisa do Cruzeiro possui no lado esquerdo do peito o escudo circular do time, que, por sua vez, contém em seu centro as famosas cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul, presente também na bandeira e no hino nacionais. Os dados sugerem serem essas cinco estrelas, que há séculos guiam viajantes que investigam o céu noturno, também as guias da identidade dos cruzeirenses com seu clube.

Seguindo as análises, retorno à Questão 2 do questionário que indagava como o torcedor adquirira seu ingresso para a partida (ver Gráfico 3.10). É possível perceber que a maioria dos torcedores (54,1%) ainda compra seus ingressos nas bilheteiras, seja antecipadamente nos postos de venda, seja no dia da partida nas bilheteiras do próprio Independência.

Gráfico 3.10
Distribuição do modo de aquisição do ingresso por parte dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Porém, algumas outras formas de aquisição de ingressos também foram relevantes. Entre os torcedores nos jogos do América, havia uma grande parcela

(21,6%) que revelou ter ganhado os ingressos, seja como presente de um parente ou como um estímulo de um amigo para comparecer à partida.

Nas partidas do Cruzeiro, destaque para uma presença maciça de sócio-torcedores (33,3%), modalidade relativamente recente de relação entre torcedor e clube no Brasil e que vem se expandindo, sendo um grande sucesso principalmente entre os times de Porto Alegre²⁷. Os planos de filiação de um torcedor a um clube variam entre os clubes e dentro de um mesmo clube, mas a ideia básica é a mesma: o torcedor paga um valor mensal (que pode ir de poucas dezenas a algumas centenas de Reais) para o clube e, em troca, pode receber descontos em produtos da equipe, privilégios para aquisição de ingressos e possibilidade de participação em várias promoções e eventos do clube.

O Entrevistado 2, atleticano, mesmo não sendo sócio-torcedor, aponta algumas vantagens dessa modalidade de torcer para o clube:

Quanto ao sócio torcedor, eu acho muito importante, apesar de hoje, eu não sou sócio torcedor, mas, eu vejo como uma evolução do futebol e bom para o clube, porque ele vai ter a receita, então ele pode ter um planejamento para suas competições, para o seu orçamento anual e é uma política que veio do exterior que a gente vê que é um benefício muito grande para o clube (...) (Entrevistado 2).

Já a Entrevistada 4, cruzeirense e sócio-torcedora, expressa, de maneira muito emocionada, um dos motivos por que aderiu a esse programa do clube já há três anos:

Uma forma também de apoiar o time, porque eu amo o Cruzeiro, né, isso aí não tem como explicação e financeiramente graças a Deus dá para pagar e é uma coisa também que a gente distrai, né, coisa que a gente fica doida ali, a gente esquece de tudo. (Entrevistada 4).

A fidelização dos torcedores através de planos de sócio-torcedor parece ser um caminho predominante nos próximos anos no país. Porém, sua instalação não se dá sem tensões e resistências. Parece haver uma parcela dos torcedores

²⁷ Segundo pesquisa publicada na edição virtual do Estadão, no dia 5 de outubro de 2012, o Internacional/RS era, até então, o clube brasileiro com maior número de sócios: 106 mil. O Grêmio/RS era o terceiro da lista com 65 mil sócios. O Cruzeiro aparecia em nono na lista, com dez mil sócios. O Atlético era o décimo segundo, com cinco mil e quatrocentos sócios. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,corinthians-encosta-no-inter-em-numero-de-socios-torcedores,940690,0.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2013.

que vê nesse movimento um processo de elitização dos estádios, de exclusão das camadas mais pobres. Creio que o próprio aumento no preço dos ingressos para as partidas tem sido mais decisivo nessa direção do que os sócio-torcedores em si, mas esse sem dúvida é um fenômeno que merece estudos mais aprofundados.

Voltando aos dados do Gráfico 3.10, é possível notar também uma quantidade significativa de torcedores nos jogos do Atlético (20%) que alegaram recorrer a cambistas para conseguir ingressos para as partidas. Vale ressaltar que a equipe atleticana viveu no ano passado talvez o seu melhor momento nos últimos dez anos, com uma equipe bem montada que disputou o título do Campeonato Brasileiro até as últimas rodadas, tendo liderado boa parte da competição. Tal aspecto somado ao retorno do futebol à Belo Horizonte após dois anos ausente fez com que a torcida atleticana comparecesse maciçamente ao Independência, não raramente esgotando os ingressos (é possível ver que as médias de público do Atlético eram bastante altas na Tabela 2.1 do capítulo anterior). Além disso, a capacidade do estádio é relativamente pequena (pouco mais de 20 mil torcedores, bem menor que os 62 mil que comporta, por exemplo, o novo Mineirão).

Esse cenário é perfeito para a atuação de cambistas, que se aproveitam dos frouxos esquemas de controle e segurança nas vendas de ingressos antecipados para atuarem comercializando as entradas por preços muito maiores que os de venda nas bilheterias²⁸. Acabam descobrindo “clientes”, não há dúvida, torcedores que, mesmo não aprovando a atuação dos cambistas, não encontram outra opção para assistir as partidas. Como confessa a Entrevistada 1, atleticana, que não consegue comprar ingressos antecipadamente por conta de sua rotina de trabalho: “(...) eu sempre compro de cambista, apesar de achar isso errado, mas, o que tem de cambista é uma coisa impressionante” (ENTREVISTADA 1).

O Entrevistado 2, também atleticano, é ainda mais enfático em sua crítica:

Os cambistas eu vejo um pouco negativo, na verdade, o que se leva hoje a ter as filas enormes são por causa dos cambistas, porque se todo mundo conseguisse ir lá e só comprar os seus ingressos, pessoas que vão utilizar,

²⁸ Em 2009, escrevi juntamente com dois companheiros, um trabalho sobre nossa experiência na tentativa de comprar ingressos para a final da Taça Libertadores da América daquele ano, entre Cruzeiro e Estudiantes, da Argentina, e as relações desse episódio com o Estatuto de Defesa do Torcedor. No trabalho fica explícito o descaso dos clubes, das federações e da polícia com o torcedor e com os ingressos a serem vendidos. O estudo pode ser encontrado nos Anais do 21º ENAREL e está listado nas referências como Silva, Melo e Nicácio (2009).

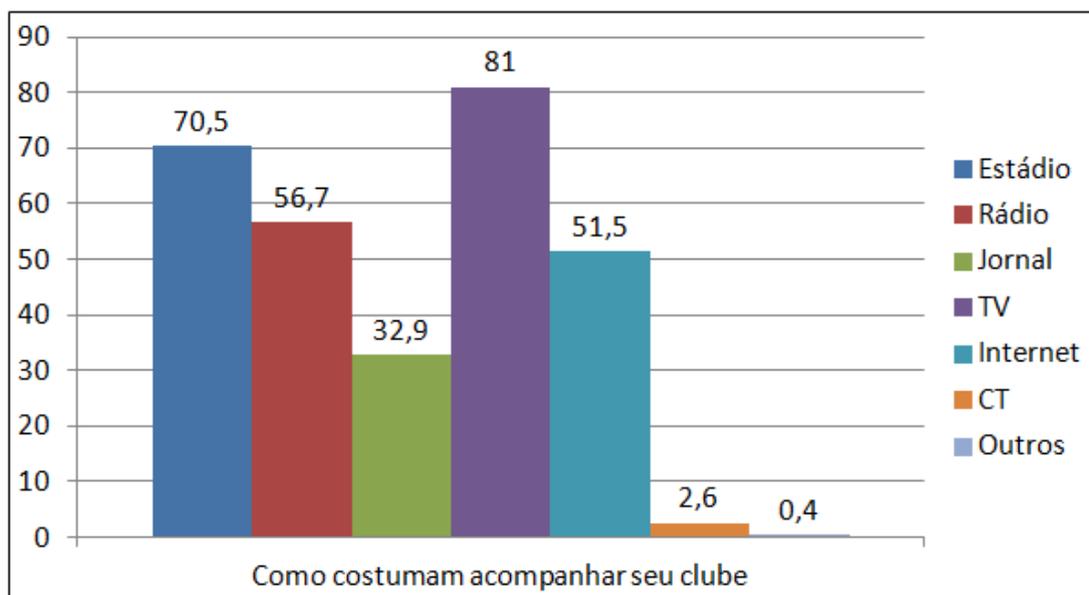
não visar lucro com a venda dos ingressos, eu acho que seria muito mais tranquilo a venda dos ingressos, então, eu vejo o cambista como um lado negativo, para as pessoas que tem dificuldade de comprar ingresso, porque nem todo mundo tem tempo para irem no horário comercial, aí, deixam para ir depois e acaba que não consegue comprar ingresso mais, eu acho um lado muito negativo. (ENTREVISTADO 2).

Nas minhas idas a campo, sobretudo nos jogos do Atlético, pude perceber diversos cambistas atuando, muitos deles próximos a bilheterias do Independência e, não raramente, oferecendo ingressos na frente de grupos de policiais militares, que nada faziam para coibir a prática. Como atesta a Entrevistada 4, cruzeirense: “(...) se eu fosse policial eu tomaria tudo deles e venderia pelo preço normal, mas, eles não fazem nada, né, ficam tudo lá”.

As vendas de ingressos pela internet, que poderiam ser um mecanismo para coibir cambistas, desde que bem articuladas, praticamente não são usadas pelos torcedores (0,5% deles alegaram ter adquirido ingresso pela rede virtual).

Dando prosseguimento ao estudo dos dados e encerrando a análise da relação do torcedor com o torcer e com o clube, temos a Questão 4 do questionário: “Como você costuma acompanhar seu clube?”, a qual permitia múltiplas respostas (ver Gráficos 3.11 e 3.12).

Gráfico 3.11
Distribuição do modo como os torcedores costumam acompanhar seu clube (em %)

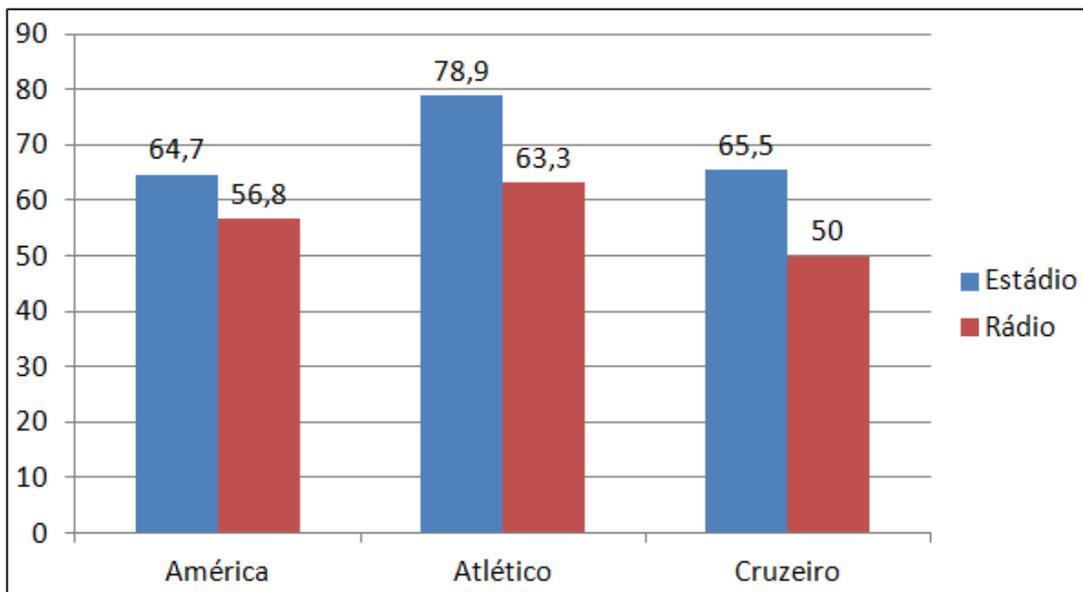


Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

O Gráfico 3.11, referente ao total de torcedores participantes, indica que a ida aos estádios (70,5%) e a televisão (TV) (81%) são os principais meios dos torcedores de acompanhar seus clubes. Naturalmente, esses dados refletem as opiniões de torcedores que de alguma forma já frequentam estádios (aqueles que responderam os questionários na porta do Independência em dias de jogos), logo o alto índice do item “Estádio” já era esperado. Mas é interessante perceber que a televisão ainda tem grande prevalência sobre a internet (51,5%) nos hábitos dos torcedores, apesar de todo o avanço da rede mundial de computadores nos últimos anos. Não menos surpreendente é o rádio (56,7%) também estar no mesmo patamar da internet como meio de os torcedores atualizarem suas informações sobre seus clubes.

O jornal (32,9%) por outro lado, que no início do século XX era praticamente o único meio de os torcedores terem notícias de seus clubes caso não fossem aos estádios, parece em desuso no início do século XXI²⁹. A ida rotineira aos centros de treinamento (CT) (2,6%), então, caminha para a extinção.

Gráfico 3.12
Distribuição do modo como os torcedores costumam acompanhar seu clube (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

²⁹ Há que se considerar que os maiores jornais atualmente tem edições virtuais com atualizações constantes na internet. Sem dúvida que alguns dos torcedores devem usar sítios eletrônicos de jornais como forma de acompanhar o clube, mas não foi possível detectar essa sutileza com o instrumento de pesquisa.

Em relação às peculiaridades dos torcedores de cada um dos três times analisados em relação ao modo de acompanhar seu clube, o Gráfico 3.12 traz alguns apontamentos curiosos e que talvez mereçam análises posteriores mais aprofundadas. Nas opções “Estádio” e “Rádio”, foi possível perceber uma variação maior entre um clube e os demais.

No caso da frequência ao estádio Independência, os atleticanos parecem ser os mais costumeiros nessa prática (78,9%), o que talvez possa ser explicado pela campanha notável do time no ano de 2012. Outro aspecto que pode ter pesado também foi uma longa punição que a equipe do Cruzeiro recebeu³⁰, sendo obrigada a jogar fora de Belo Horizonte por mais de um mês no segundo semestre do ano, o que dificultou a criação do hábito do torcedor cruzeirense de frequentar o Independência.

Quanto a acompanhar o clube pelo rádio, novamente a torcida do Atlético é a que mais adota tal prática (63,3%) e a do Cruzeiro é a que menos o faz (50,0%). Uma hipótese para essa diferença, não confirmada ou refutada ao longo da pesquisa, é de que a torcida do Atlético tem maior identidade com os programas esportivos da rádio mais importante do estado (Rádio Itatiaia). É comum, em redes sociais, movimentos de torcedores cruzeirenses reclamando de apresentadores ou comentaristas da referida rádio, supostamente atleticanos sem uma devida imparcialidade, e clamando para que outros torcedores do Cruzeiro boicotem a emissora. Se não constituem a maioria dos cruzeirenses, essa parcela de insatisfeitos pode ajudar a explicar a baixa adesão dos torcedores do Cruzeiro ao rádio. Alguns poucos torcedores participantes da pesquisa, ao responderem ao questionário, criticaram a Rádio Itatiaia, classificando-a como “atleticana”. No entanto, convém repetir, um estudo mais abrangente sobre esse tema é necessário para compreender essa tensa relação.

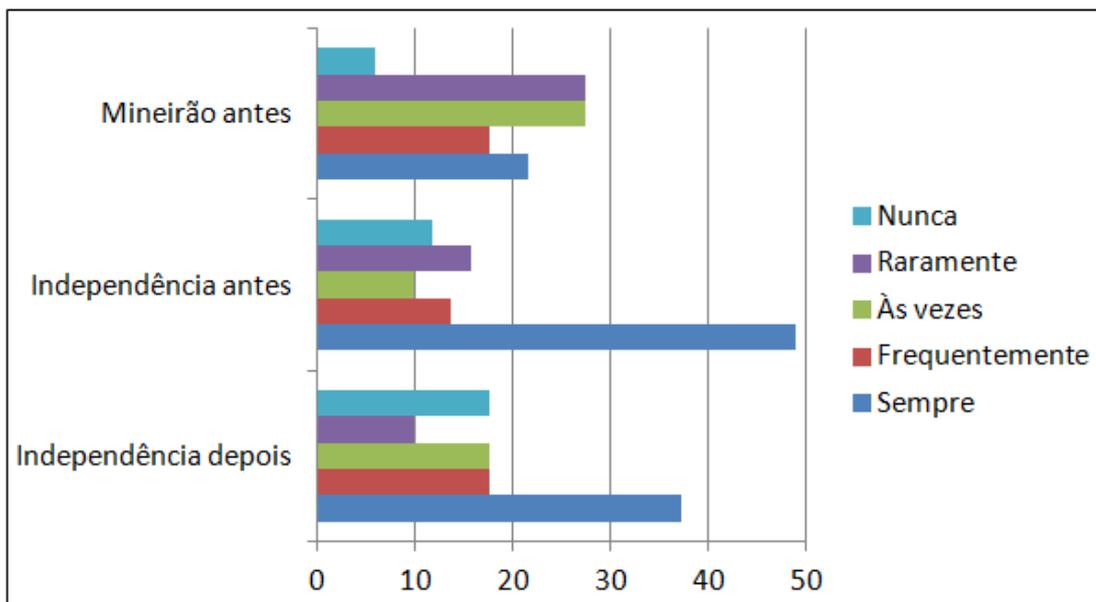
3.2.2 Sobre a relação com o estádio

³⁰ A punição foi consequência de atos violentos de torcedores do Cruzeiro no clássico contra o Atlético, na última rodada do primeiro turno do Campeonato Brasileiro de 2012.

O segundo eixo de análise dessa pesquisa é a relação estabelecida pelos torcedores com o estádio. O novo Independência é o principal foco do estudo, mas há perguntas no questionário e referências dos torcedores ao antigo Independência e ao antigo Mineirão³¹.

Iniciemos, portanto, com a análise das Questões 8 (“Com que frequência você ia ao Mineirão antes do início de sua reforma?”), 9 (“Com que frequência você vinha ao Independência antes do início de sua reforma?”) e 10 (“Com que frequência você vem ao Independência após sua reforma?”) do questionário, que dialogam entre si e nos permitem uma análise ampliada dos movimentos de torcedores dos três grandes times mineiros nos estádios (ver Gráficos 3.13, 3.14 e 3.15).

Gráfico 3.13
Distribuição da frequência dos torcedores a estádios nos jogos do América (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

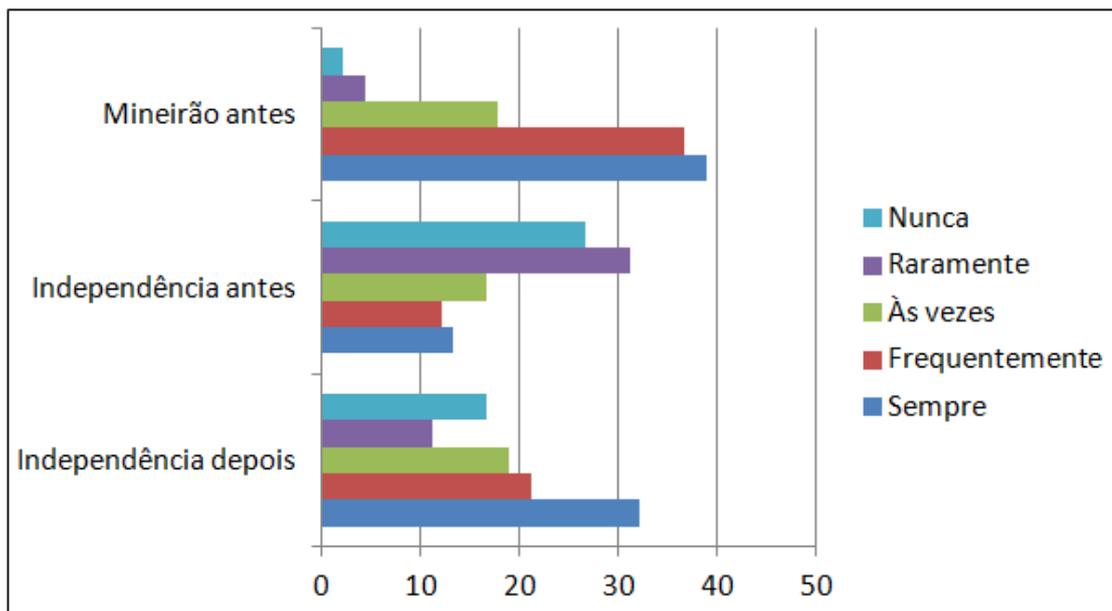
Nota: “Mineirão antes” refere-se ao Mineirão antes de sua reforma. “Independência antes” refere-se ao Independência antes de sua reforma. “Independência depois” refere-se ao mesmo estádio após sua reforma concluída em 2012. O mesmo vale para os Gráficos 3.14 e 3.15.

Nos jogos do América (Gráfico 3.13), podemos perceber que o torcedor americano tinha o hábito de frequentar mais o Independência antes da reforma do que o Mineirão, o que é esperado visto que o América é o dono do Independência

³¹ Convém ressaltar, novamente, que ao referir-me ao novo Independência, falo do estádio após a reforma finalizada em 2012. O antigo Independência, portanto, refere-se ao mesmo estádio, porém antes dessa reforma. E o antigo Mineirão, similarmente, refere-se ao Mineirão antes da grande reforma para a Copa de 2014, finalizada em dezembro de 2012.

desde a década de 1990 e manda grande parte de seus jogos no estádio do Horto. Após a reforma no Independência, a frequência do torcedor americano ao estádio ainda não é a mesma, estando um pouco abaixo do patamar anterior. Parece-me cedo para uma conclusão mais acurada e convém aguardar um tempo maior para que os torcedores se habituem ao novo estádio.

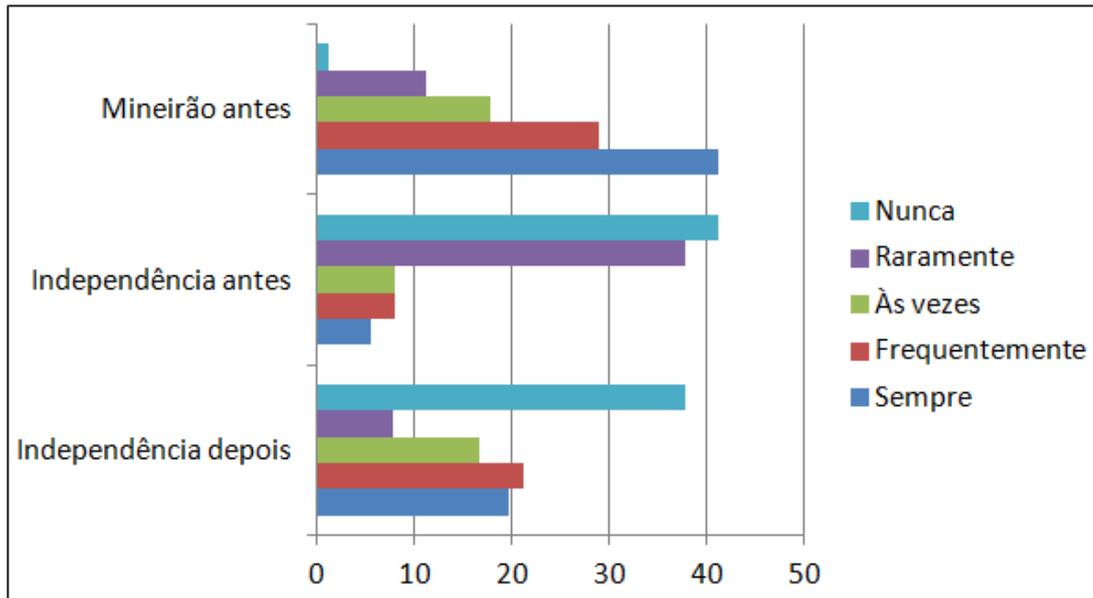
Gráfico 3.14
Distribuição da frequência dos torcedores a estádios nos jogos do Atlético (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Já nos jogos do Atlético, esse movimento se inverte: a frequência dos atleticanos ao Mineirão antes da reforma é bem maior do que sua frequência ao Independência antes da reforma. Porém, os atleticanos tem ido mais ao Independência após a reforma do que antes da mesma. Uma série de fatores pode ser elencada para explicar tal tendência: o fato de o Independência ter sido em 2012 o único estádio em pleno funcionamento em Belo horizonte; a parceria do clube com BWA – Arena Independência Operadora de Estádio, que gerencia a arena atualmente; e a boa fase da equipe no Campeonato Brasileiro de 2012.

Gráfico 3.15
Distribuição da frequência dos torcedores a estádios nos jogos do Cruzeiro (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Fato é que a torcida atleticana parece ter abraçado o Independência como sua nova casa, algo que definitivamente não ocorreu com a torcida cruzeirense. O Gráfico 3.15 mostra que a frequência de cruzeirenses no Mineirão antigamente era muito superior à de cruzeirenses no velho Independência e mesmo no novo estádio do Horto. Comparativamente, apenas 16,7% dos cruzeirenses alegaram ir sempre ao novo Independência, ao passo que 37,3% dos americanos e 32,2% dos atleticanos afirmaram ir sempre no mesmo estádio.

Essa resistência também tem raízes múltiplas e uma fala do Entrevistado 5, cruzeirense, nos ajuda a entender esses dados. Referindo-se ao novo Mineirão, ele atesta:

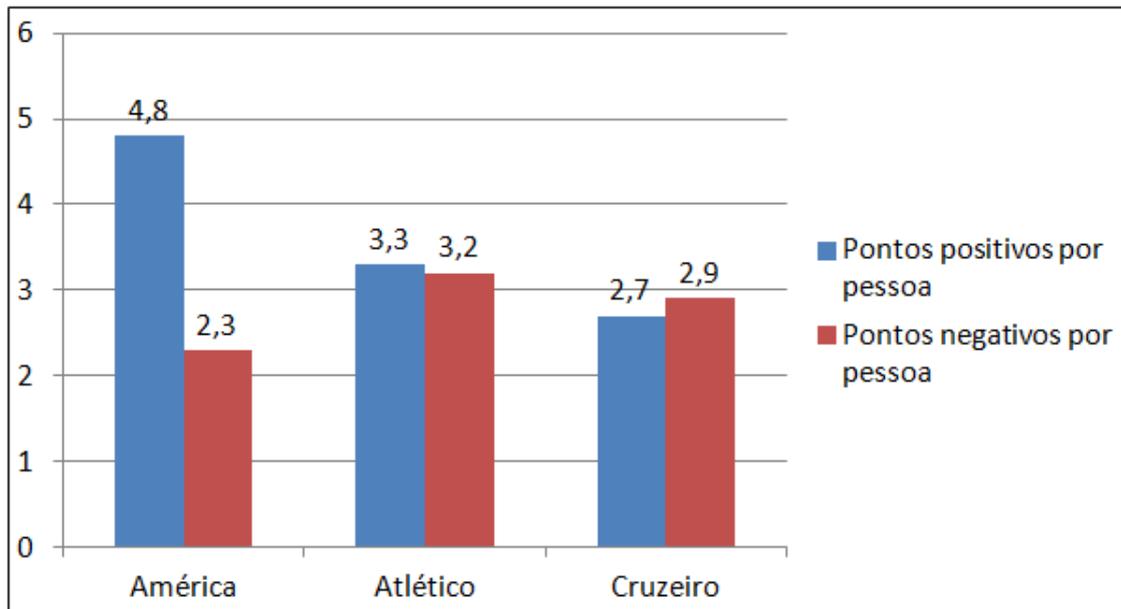
Eu tive a oportunidade de ir conhecer e primeiro que o Mineirão já é a casa do Cruzeiro mesmo, entendeu, igual a gente estava conversando, desde a década de noventa, os títulos mais importantes, teve bons ganhos ali dentro e tem a torcida próxima e é um estádio mesmo, um estádio completo, hoje em dia ele ficou maior e melhor do que já era antes, para a gente que é cruzeirense ele ficou melhor ainda e eu tenho certeza que agora, com o novo Mineirão, o Cruzeiro vai ganhar mais títulos ainda no estádio novo. Para mim, o único estádio dentro de Minas Gerais é o Mineirão. (ENTREVISTADO 5).

A história do Cruzeiro no Mineirão parece ser muito importante para os torcedores do clube. Foi lá que o time conquistou seus maiores títulos e nunca teve

uma relação muito próxima com o antigo Independência. O cruzeirense, portanto, não tem laços fortes com o estádio do Horto e jogar nele parece ao mesmo tempo um atestado e uma causa dos insucessos recentes do clube.

Outro dado que mostra essas diferenças de recepção dos torcedores de cada time ao Independência provém das Questões 11 (“Quais são os pontos positivos do Independência para você?”) e 12 (“Quais são os pontos negativos do Independência para você?”). Para ambas, os torcedores poderiam marcar múltiplas opções e o Gráfico 3.16 confirma a tendência apontada nos três últimos gráficos: o torcedor cruzeirense é o menos ambientado com o novo Independência.

Gráfico 3.16
Distribuição da média de pontos positivos e negativos apontados por torcedor



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Os cruzeirenses foram os que menos apontaram pontos positivos no novo Independência e os únicos que apontaram mais pontos negativos do que positivos no estádio. Os atleticanos tiveram uma distribuição de elogios e críticas similar aos torcedores do Cruzeiro, embora com leve predomínio de pontos positivos.

Já os americanos apontaram, em média, mais que o dobro de pontos positivos em relação a pontos negativos, mostrando grande apreço pelo novo

Independência. Não pude deixar de me lembrar do famoso e inspirado trecho da poesia de Fernando Pessoa, sob o pseudônimo de Alberto Caeiro³², que anuncia:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

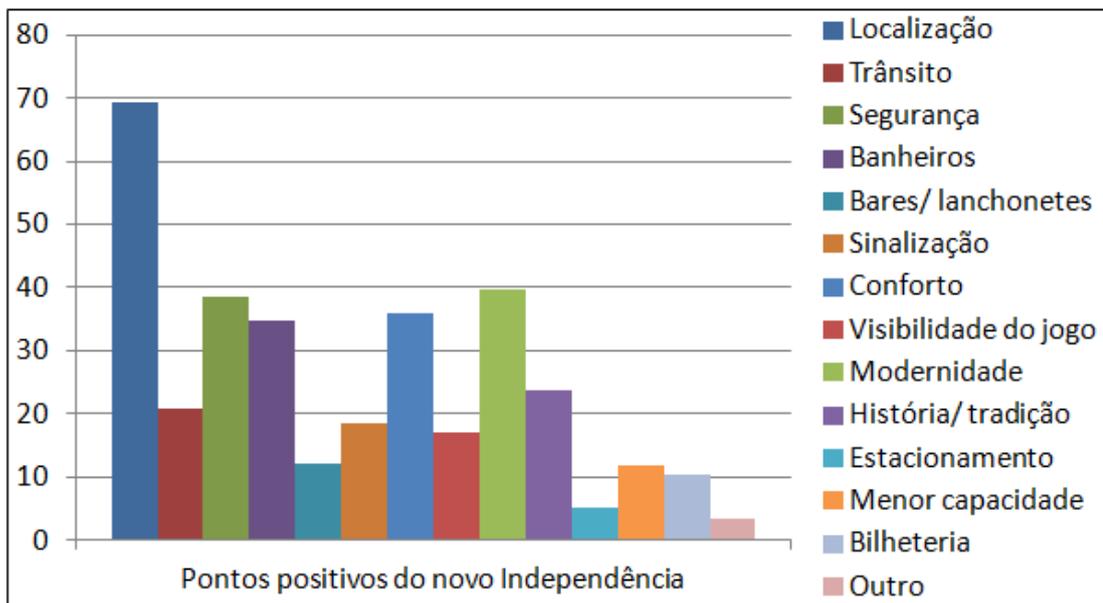
Para os americanos, o Mineirão não parece ser mais belo que o Independência, o “rio que corre na aldeia” do América, parte do orgulho e do pertencimento do torcedor verde e branco. O que faz com que os olhos dos americanos sejam, sem dúvida, mais benevolentes para com o novo estádio do Horto. Esse orgulho aparece no relato do Entrevistado 3, americano:

Eu acho que o Estádio Independência com o símbolo do América é um destaque nacional para o América, o América nunca foi um time considerado da vanguarda a nível nacional, com o Independência ele aparece para o Brasil, com um destaque, como um time maior e poucos times teriam isso. (ENTREVISTADO 3).

Ainda referentes às Questões 11 e 12 do questionário, os Gráficos 3.17 e 3.18 detalham os pontos positivos e negativos, respectivamente, que os torcedores mineiros percebem no novo Independência.

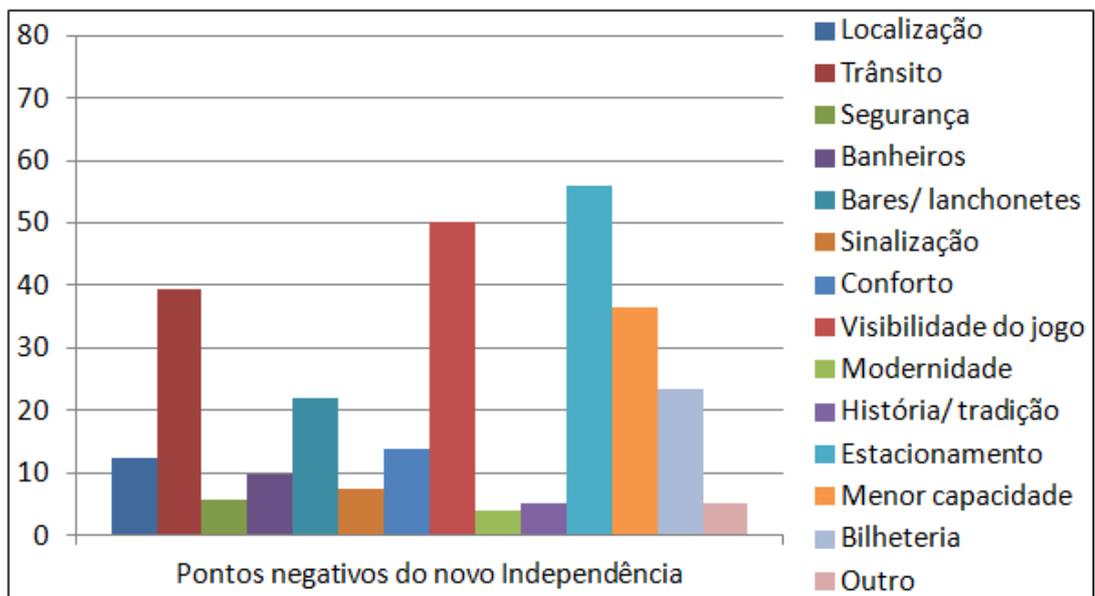
³² O poema “XX – O Tejo é mais belo”, foi originalmente escrito por Fernando Pessoa (Alberto Caeiro), em 1911-1912 e publicado no livro “Guardador de Rebanhos”, já de domínio público. O trecho citado foi retirado da internet. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalleObraForm.do?select_action=&co_obra=15723>. Acesso em: 27 jan. 2013.

Gráfico 3.17

Distribuição dos pontos positivos do Independência segundo os torcedores (em %)

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Gráfico 3.18

Distribuição dos pontos negativos do Independência segundo os torcedores (em %)

Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Entre os pontos positivos, destaque absoluto para a localização do estádio, apontada por 69,3% dos torcedores. O Independência de fato está localizado muito próximo à região central de Belo Horizonte, com acessos por várias

avenidas importantes e uma estação de metrô a poucos quarteirões de suas entradas. Porém, o que parece ter influenciado sobremaneira esse índice foi o que chamo de “efeito jacaré”.

Com a reforma simultânea do Mineirão e do Independência, os torcedores de Belo Horizonte ficaram praticamente dois anos (de junho de 2010 a abril de 2012) sem que seus três principais times jogassem na capital. O estádio mais utilizado pelos clubes nesse período foi a Arena do Jacaré, em Sete Lagoas, a aproximadamente 70 quilômetros de Belo Horizonte. O público nos jogos nesse estádio foi bem menor que o habitual e o retorno do futebol à capital com a reabertura do Independência em 2012 parece ter desencadeado uma vontade muito grande entre os torcedores de Belo Horizonte de ver seu time jogar. O fato de o Independência simplesmente estar dentro de Belo Horizonte parece já despertar a simpatia do torcedor pela sua localização, o “efeito jacaré”.

Uma fala do Entrevistado 2, atleticano, ilustra bem esse fenômeno. Quando perguntado sobre a Arena do Jacaré, ele foi taxativo:

Lá o problema era a distância, para nós daqui de Belo Horizonte, então, é um estádio mais ou menos no nível do Independência, a diferença de lá, é que a distância incomodava, apesar da questão externa do estádio, o espaço era melhor do que do Independência, o Independência não tem esse espaço que tinha na Arena do Jacaré. (ENTREVISTADO 2).

A Entrevistada 1, também atleticana, quando perguntada se chegou a frequentar a Arena do Jacaré, foi ainda mais enfática:

De jeito nenhum, não conheço lá, estrada ruim, perigosa, eu sou sócia do Thermas que fica na mesma estrada, indo para Sete Lagoas, tenho eventualidades de ir lá, agora venha e convenhamos, não tem condição de você ir torcer para o seu time lá na Cochinchina, ao pé de Judas. (ENTREVISTADA 1).

Donde se conclui que o “efeito jacaré” existe e que o seu nome, apesar de estranho, é até razoável perto de um eventual “efeito Cochinchina” ou, ainda pior, “efeito pé de Judas”.

De qualquer maneira, não só a localização do Independência foi elogiada pelos torcedores. A modernidade (39,9%), a segurança (38,6%), o conforto (35,9%) e os banheiros (34,6%) também foram alvos de grande quantidade de aprovações.

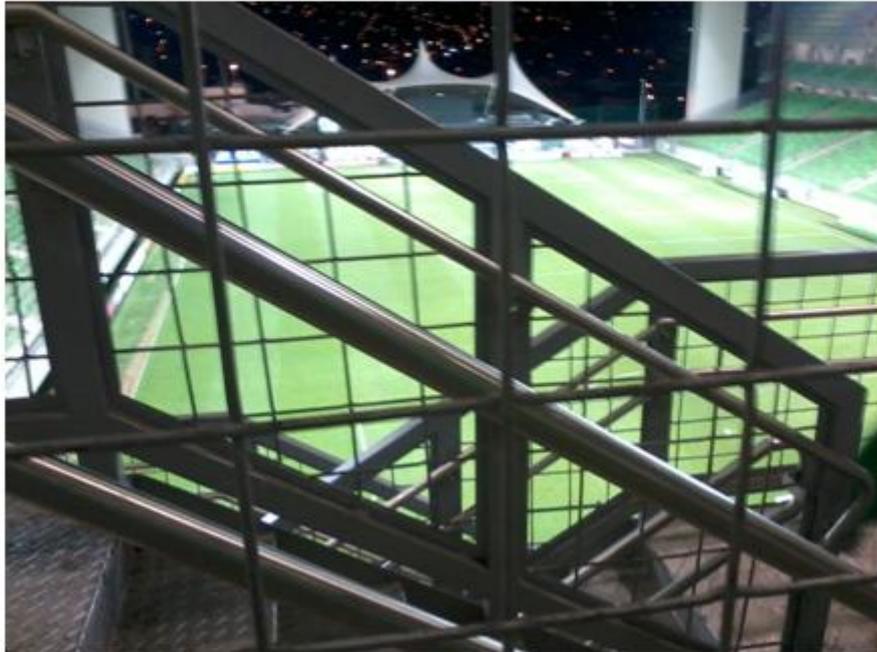
Tais aspectos (ao menos modernidade, segurança e conforto) são justamente os mais ressaltados pelas autoridades governamentais e desportivas quando defendem as reformas e a modernização dos estádios brasileiros. Portanto, seja por efeito de uma propaganda bem feita ou por real sensação do torcedor, ao menos esses aspectos do Independência parecem aprovados pelos torcedores.

Por outro lado, entre os pontos negativos do Independência, a visibilidade do jogo (50,2%) e o estacionamento (55,8%) são os grandes vilões de acordo com os torcedores. Quanto à visibilidade, talvez fosse suficiente reproduzir a seguinte pérola da Entrevistada 1:

Você pagar quarenta reais para você ficar ali e não ver, vou te ser sincera, (...) é a mesma coisa você convidar uma pessoa para comer na sua casa e não ter comida. (ENTREVISTADA 1).

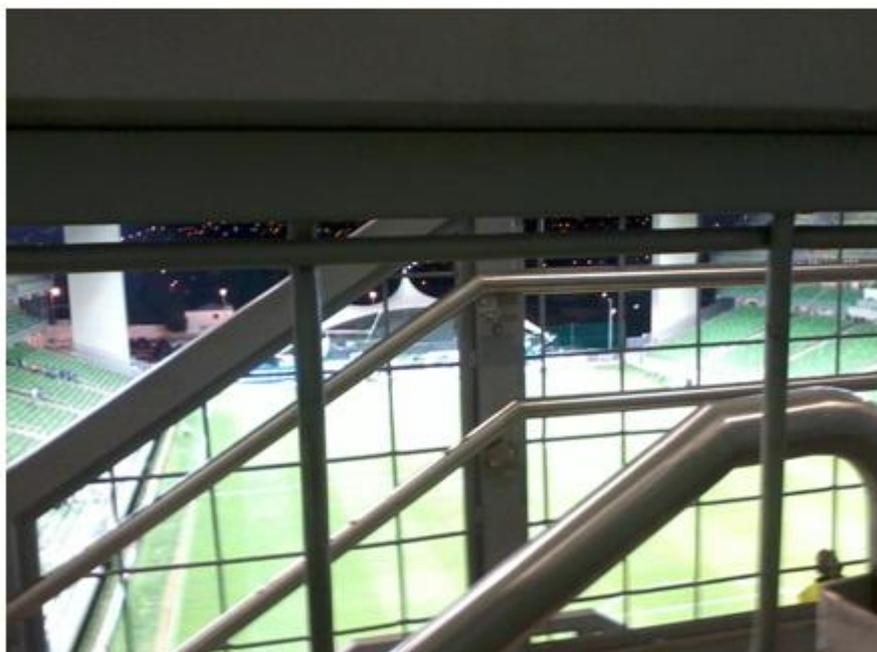
Sucinta e de rara felicidade. Trago, ainda sim, mais elementos para análise. Após sua reforma, o Independência passou a contar com capacidade total de aproximadamente 23 mil torcedores. Porém, no patamar superior das arquibancadas, há algo em torno de seis mil lugares que, devido à construção e a inclinação do espaço em que se localizam, possuem a peculiar alcunha de “assento com visibilidade prejudicada”, nos termos do próprio ingresso que dá direito a tais locais. Na prática, isso quer dizer... Bem, as Figuras 3.3 e 3.4, por mim tiradas sentado em dois desses assentos com o corpo levemente inclinado para frente e a máquina fotográfica na altura dos olhos, dão uma dimensão do que isso quer dizer.

Figura 3.3
Visão de um torcedor sentado em um dos “assentos com
visibilidade prejudicada”



Fonte: Foto tirada pelo autor da dissertação.

Figura 3.4
Visão de um torcedor sentado em um dos “assentos com
visibilidade prejudicada”



Fonte: Foto tirada pelo autor da dissertação.

Tal campo de visibilidade faz com que os torcedores desses setores do Independência assistam (ou tentem assistir) os jogos das maneiras mais exóticas possíveis: em cima de grades, nas escadas, pendurados em estruturas do teto... Menos sentados nas cadeiras, que só servem como descanso para as pernas no intervalo da partida. A Figura 3.5 ilustra uma das peripécias que um torcedor cruzeirense realizou com desenvoltura durante os 45 minutos iniciais do jogo contra o Bahia/BA.

Figura 3.5
Peripécias de um torcedor tentando assistir o jogo
no setor de “assentos com visibilidade prejudicada”



Fonte: Foto tirada pelo autor da dissertação.

A forma encontrada pela empresa que administra o Independência e pelos clubes para suavizar essa discreta gafe foi cobrar metade do valor do ingresso para os assentos desse setor. Porém, não é o único local do estádio que tem problemas de visibilidade. Como o campo é muito próximo das primeiras fileiras de cadeiras, que estão no mesmo nível do gramado, vários torcedores reclamaram da impossibilidade de ver as laterais do campo durante o jogo. Um exemplo apareceu na fala da Entrevistada 4:

(...) o Independência, onde nós ficamos, não dá para ver a lateral direito, os torcedores ficam naquele vidro, né, não dá para ver direito, a arquibancada é muito perto, eu sou pequena, eu tinha que ficar lá embaixo, porque se eu

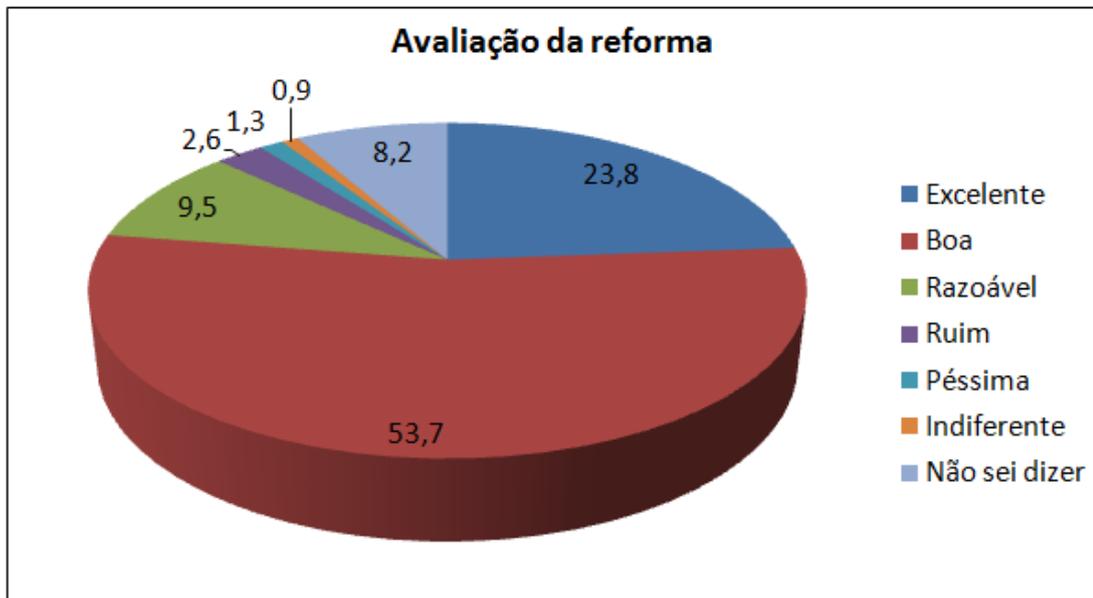
ficasse lá em cima e alguém ficasse em pé, não dava para eu ver os jogos e mesmo assim, era ruim. (ENTREVISTADA 4).

Outro ponto que recebeu muitas críticas foi o estacionamento do Independência. Ou a falta dele. O estádio, na realidade, possui três estacionamentos (A, B e C), nenhum deles voltado para os torcedores comuns, mas sim para a imprensa, a delegação dos times e os funcionários que trabalham nas partidas. Como o estacionamento nas ruas adjacentes ao Independência também fica proibido nos dias de jogos, os torcedores que usam carros próprios acabam tendo que pará-los em estacionamentos particulares ou em ruas mais distantes, sofrendo com a atuação abusiva de flanelinhas.

Além desses dois aspectos negativos, cabe também destacar a contrariedade dos torcedores com o trânsito do Independência (39,4%) e com a menor capacidade de público do estádio (36,4%).

Quando o torcedor faz o balanço final desses pontos positivos e negativos do Independência, porém, ele acaba sendo generoso, aprovando a reforma feita no estádio (ver Gráfico 3.19). Ao serem perguntados sobre como avaliam a reforma no Independência (Questão 13 do questionário), 53,7% dos torcedores a classificam como “boa” e 23,8% a classificam como “excelente”.

Gráfico 3.19
Distribuição da avaliação dos torcedores sobre a reforma no Independência (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

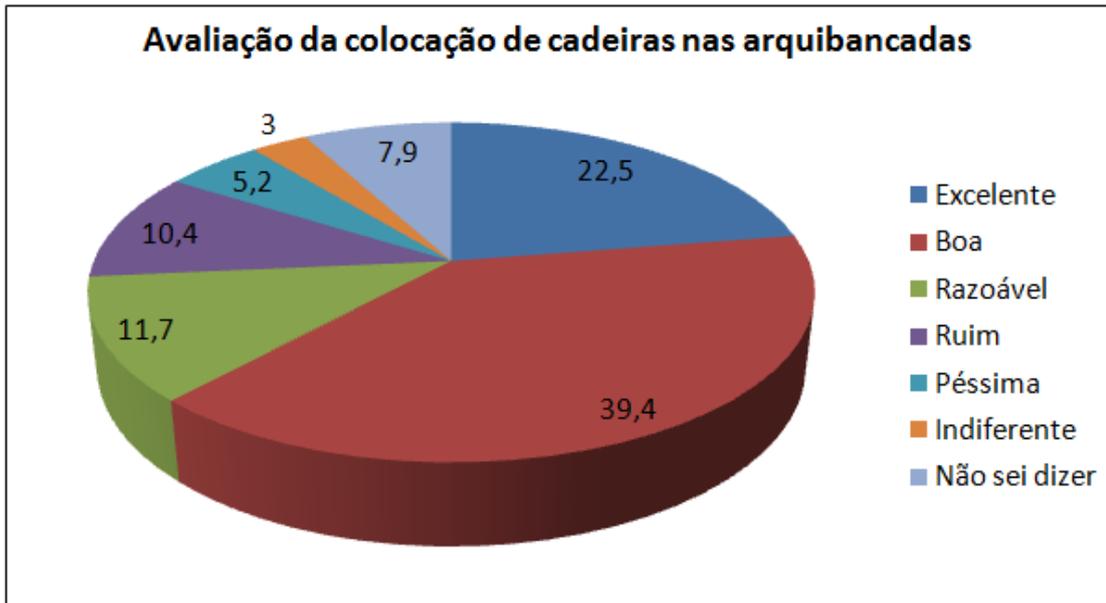
A fala do Entrevistado 3, americano, reflete essa visão positiva da reforma:

Ah, o Independência não era esse estádio, o Independência era um campinho, um campinho de treino, agora, sim, ele tem condição de receber jogos oficiais, contra qualquer estado do Brasil (...) (ENTREVISTADO 3).

Essa noção de evolução, de o Independência ter subido um patamar em seu nível de estrutura e modernidade parece ser a tônica entre os torcedores. Apesar disso, ainda há vários aspectos a serem melhorados no estádio, tanto que 13,4% dos torcedores participantes consideram a reforma apenas razoável, ruim ou péssima. Considerando-se o dinheiro investido na obra e o fato de Belo Horizonte já ter outro estádio de grande porte, há que se problematizar essa questão com cuidado.

Outro aspecto polêmico do Independência (e não só dele) é a colocação de cadeiras de plástico e metal no lugar das arquibancadas de cimento. A Questão 14 do questionário era justamente “O que você acha da colocação de cadeiras nas arquibancadas?”. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 3.20.

Gráfico 3.20
Distribuição da avaliação dos torcedores sobre a colocação de cadeiras nas arquibancadas em estádios (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

É possível perceber que as cadeiras também são aprovadas pelo público, com 39,4% dos torcedores as classificando como excelentes e 22,5% como boas. Contudo, há um percentual não desprezível de pessoas não tão satisfeitas com essa nova acomodação (avaliações tidas como razoável, ruim e péssima somam 26,3%).

Existe um sentimento dúbio dos torcedores em relação a essas cadeiras. Parecem enxergá-las como uma possibilidade de incremento do conforto em relação ao antigo cimento das arquibancadas, mas ao mesmo tempo criticam a instalação dessas cadeiras no Independência, sua manutenção e sua utilização pelos torcedores em geral. A Entrevistada 4, por exemplo, expõe parte dessa lógica quando perguntada se prefere as cadeiras às arquibancadas: “Acho que é bem melhor, bem melhor. Porque aí vai ter uma limpeza, porque o concreto não tinha limpeza”. No entanto, quando questionada especificamente sobre as cadeiras do novo Independência, ela constata: “Ah, muito junto, um cubículo assim, muito junto. (...) Não gostei, não, sinceramente, eu não gostei” (ENTREVISTADA 4).

A Entrevistada 1 vai além, discorrendo sobre sua experiência no antigo Mineirão, que já tinha cadeiras instaladas ao longo das arquibancadas:

Eu já fui no Mineirão. O primeiro dia que cheguei lá, eu fui vendo aquilo ali, fileira 5, eu vi o “Posso ajudar”³³ e fui perguntando como eu achava aquele lugar, ela falou, a senhora pode escolher qualquer lugar, aquilo eu já caí no chão, porque você ter todo aquele trabalho de numerar cadeira, de por cadeira e depois eu poder assentar em qualquer lugar, eu já não gostei, já achei tudo isso muito errado, aí, sentei, eu sentei e pensei, eu tenho a mania de pensar na hora que eu vou sair, porque na hora que eu encho o saco, eu vou embora para a minha casa, tá certo, então, eu sentei em um lugar assim apropriado, foi um lugar que eu nunca mais sentei na minha vida, por quê, porque todo mundo fica em pé ali naquele meio, você não tem condição de assistir ao jogo, tem cadeira, mas, todo mundo fica em pé, todo mundo agora está subindo nas cadeiras, tem muitas cadeiras lá que já tem o pé do torcedor, então, além da gente colocar cadeira, da gente ir ao estádio, tem que haver acoplado nisso a educação, ter estabelecimentos, porque é um show, o futebol virou um show (...) se tem cadeira, é para ficar sentado, na hora do gol, você pode pular, esperneia, faz o que você quiser, mas, depois, senta, mas, não é assim, é um bicho. (ENTREVISTADA 1).

Ela toca numa questão interessante, que é a suposta educação (ou conformação) do torcer³⁴ em conflito com o ethos³⁵ construído pelos frequentadores dos estádios. A própria Entrevistada 1 atesta que boa parte dos torcedores não usava as cadeiras instaladas no Mineirão senão como apoio para ficar em pé. Minha experiência no novo Independência foi semelhante: presenciei poucas pessoas assistindo as partidas sentadas. O Entrevistado 2 traz mais elementos para análise, ao ser perguntado se os torcedores em geral usam as cadeiras do Independência:

Alguns usam e outros não, aqueles mais das torcidas organizadas não usam cadeira, não, eles sobem em cima da cadeira e ficam. Mas, eu acho assim, também, eu não assisto jogo sentado, o meu perfil de torcedor não é de torcedor sentar para assistir jogo, sentar para assistir jogo, eu penso assim, sentar para assistir jogo, vamos assistir jogo em casa, sentado na poltrona, beleza, agora, torcedor que vai ao campo não comunga com a ideia de ficar sentado estilo europeu, não, o nosso estilo de torcer é

³³ A Entrevistada 1 se refere aos funcionários que o clube mandante contrata para atuarem dentro e nas imediações do estádio auxiliando, sobretudo, na orientação dos torcedores. Em geral usam camisas com dizeres similares a “Posso ajudar?”. Trata-se de uma exigência do Estatuto de Defesa do Torcedor, não sendo mera bondade dos dirigentes esportivos.

³⁴ Marcellino (1998), já anunciava o duplo aspecto educativo do lazer, tido como veículo e objeto de educação. No caso dos modernos estádios de futebol, parece haver um descompasso entre as práticas habituais de uma grande parcela dos torcedores em seus momentos de lazer e o uso esperado dos novos equipamentos dos estádios. Nesse sentido, observa-se um processo de tentativa de uma educação para o torcer em curso, na medida em que clubes, imprensa e autoridades públicas constantemente reforçam a necessidade de os torcedores se adequarem a novos padrões de comportamento em estádios. No entanto, essa educação para o torcer vem permeada de interesses, conflitos e tensões, podendo ser classificada mais como uma tentativa de conformação do torcer.

³⁵ Uso a palavra *ethos* na concepção apresentada por Elias e Dunning (1992), referindo-se a um conjunto de hábitos, características e comportamentos comuns a um determinado grupo de pessoas ligadas a uma prática cultural. Em alguma medida, esse conceito se aproxima do que Bourdieu (1983) chama de *habitus*, um conjunto de disposições que caracteriza um campo.

diferente do dele, por isso, eu acho, que às vezes, a cadeira atrapalha um pouco esse espetáculo da torcida, mas, em questão de segurança, enfim, é óbvio que foi muito melhor para o estádio, então, a gente tem que analisar os dois pontos, então, fica essa divergência aí de opinião, que eu mesmo tenho, se foi bom ou se não foi. (ENTREVISTADO 2).

Seu discurso sintetiza essa tensão, essa contradição instalada nos estádios de Belo Horizonte. Por um lado, as cadeiras parecem trazer maior possibilidade de conforto, de limpeza, de segurança e de modernidade para o futebol brasileiro, seguindo padrões oriundos da Europa. Por outro, como são instaladas na totalidade dos espaços dos estádios, acabam dificultando a manutenção de uma forma de torcer tradicionalmente construída, culturalmente arraigada em uma parcela significativa de torcedores. O resultado parece ser uma tensão velada entre pessoas que aprovam as cadeiras e gostariam de assistir os jogos sentadas nos estádios e outras que preferem acompanhar seu time em pé e subvertem a lógica dos assentos, usando-os como mera plataforma para enxergar melhor de pé.

Soma-se a isso o fato de a instalação de cadeiras ter sido um dos motivos da diminuição da capacidade dos estádios, como frisa o Entrevistado 3 ao analisar a substituição das arquibancadas por assentos:

Olha, eu vejo com bons olhos e está dentro de um padrão internacional, mas, eu acho que isso aí, tira um pouco da tradição do brasileiro, diminui muito também o tamanho dos estádios (...) não sei se poderia fazer alguma coisa mista, ampliar, porque sempre teve cadeira cativa e numerada no Mineirão, sempre ficaram vazias, porque eram mais caras, vazias não, menos cheias, não sei se isso vai encarecer também, porque melhoraram as condições físicas, se isso vai implicar em um custo mais caro nos ingressos, eu olho mais a população, o povão que vai mais de geral, eu já fui na geral quando eu era estudante, eu ficava lá em pé, e ninguém morreu por isso, mas, eu via. (ENTREVISTADO 3).

A sugestão do Entrevistado 2, de “fazer alguma coisa mista”, com espaços nos estádios com cadeiras e espaços sem cadeiras³⁶ poderia ser uma

³⁶ É famoso o exemplo do estádio do Borussia Dortmund, na Alemanha, em que há um setor do estádio com capacidade para mais de 25 mil pessoas onde só se pode assistir os jogos de pé. Não há cadeiras e tal medida foi fruto de uma luta política dos torcedores do clube. Os demais 55 mil lugares do estádio possuem cadeiras e coexistem perfeitamente com a chamada “muralha amarela”, como é conhecido o setor sem assentos. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-alemao/noticia/2012/10/em-dortmund-geral-segue-viva-e-vira-ponto-turistico-como-maior-da-europa.html>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

solução interessante para aliviar um pouco essa tensão e satisfazer uma parcela ainda maior de torcedores³⁷. Não foi o que aconteceu no novo Independência e sequer no novo Mineirão.

3.2.3 Sobre a relação com a violência

Chegamos ao terceiro e último eixo de análise dessa pesquisa: a relação estabelecida pelos torcedores com a violência e a segurança nas partidas de futebol. Mais uma vez, o novo Independência é o centro das atenções, mas é possível ampliar algumas das análises para outros estádios e isso será feito quando parecer cabível.

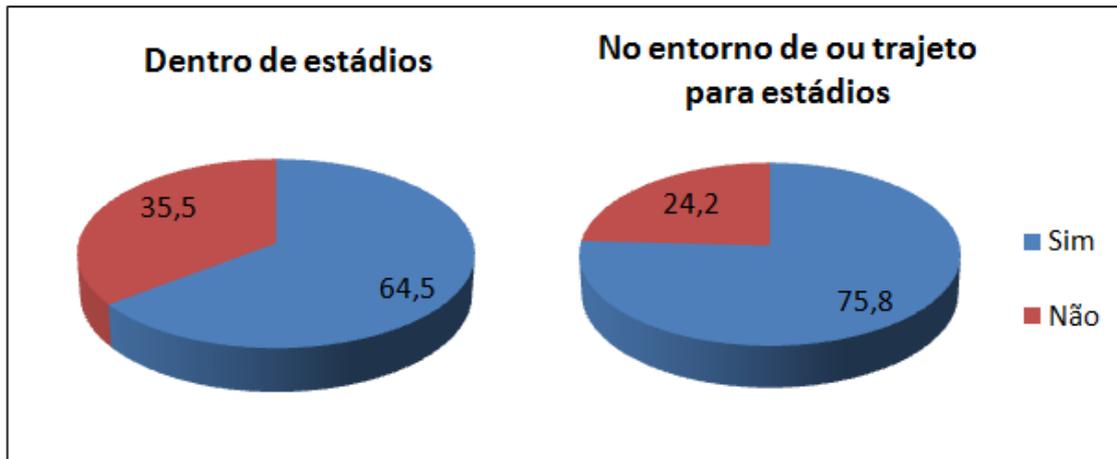
Como ponto de partida, reuniremos os dados provenientes das Questões 15, 16, 17 e 18 do questionário. A Questão 15 indagava “Você já presenciou alguma cena de violência³⁸ dentro de estádios de futebol?”. Caso o torcedor respondesse que sim, já presenciara alguma cena de violência, a ele era direcionada a Questão 16 “Onde isso ocorreu?”, com opção de múltiplas respostas. A mesma lógica se aplica às Questões 17 e 18, porém o torcedor deveria responder se já tinha presenciado alguma cena de violência no entorno ou no trajeto de estádios de futebol. Os resultados podem ser encontrados nos Gráficos 3.21 e 3.22.

³⁷ Essa ideia também está sendo utilizada em Porto Alegre, na nova Arena do Grêmio, inaugurada em dezembro de 2012. Um espaço do estádio foi propositalmente construído sem cadeiras, para que a parcela da torcida do Grêmio que prefere assistir os jogos de pé e que comemora seus gols com a tradicional “avalanche” (basicamente descer pulando e correndo as escadas até o alambrado inferior da arquibancada) pudesse continuar torcendo da mesma forma no novo estádio. A implantação desse sistema, contudo, não ocorreu sem atritos com órgãos de segurança pública, que procuraram vetar essa modificação alegando riscos para os torcedores. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/gremio/avalanche-Arena-Gremio-Policia-Militar_0_819518157.html>. Acesso em: 28 jan. 2013.

³⁸ Ficou a critério do próprio torcedor que respondia o questionário decidir o que se enquadraria em “cena de violência”. Alguns chegavam a perguntar o que podia ser considerado ato de violência, mas foram instruídos a usar seu próprio julgamento para responder afirmativa ou negativamente a questão.

Gráfico 3.21

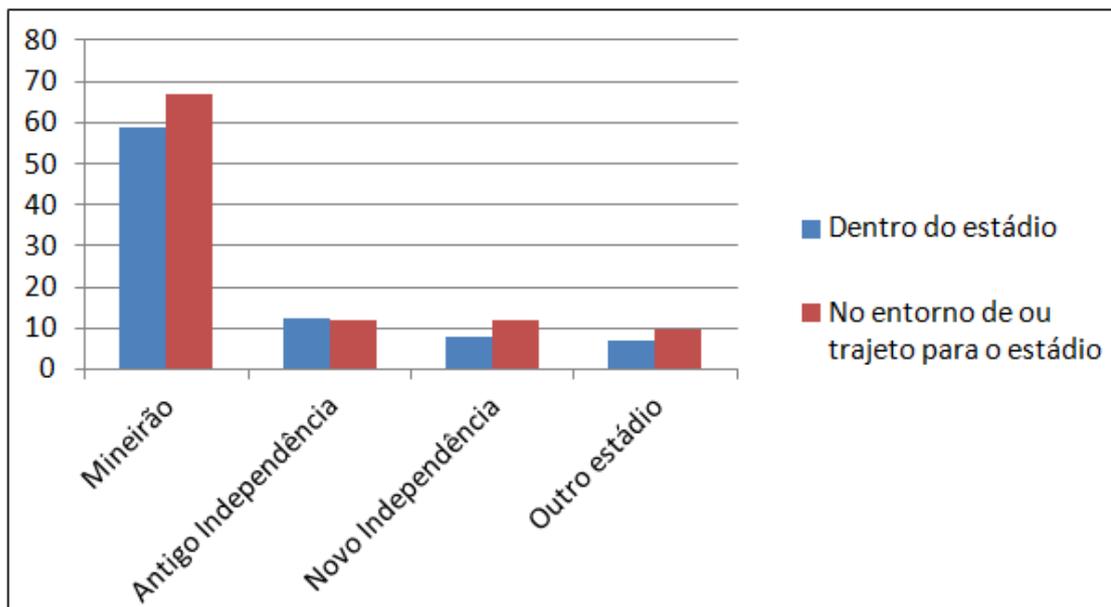
Distribuição do testemunho de cenas de violência por parte dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Gráfico 3.22

Distribuição do testemunho de cenas de violência por parte dos torcedores em diferentes estádios (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Os dados do Gráfico 3.21 confirmam um discurso aparentemente comum entre os torcedores e que é veiculado pela mídia: os incidentes violentos ocorrem fora dos estádios com mais frequência do que dentro dos mesmos. Ou ao menos maior parcela dos torcedores presenciou cenas de violência no entorno ou no trajeto de estádios de futebol. Porém, a disparidade entre os valores (75,8% e 64,5%) não

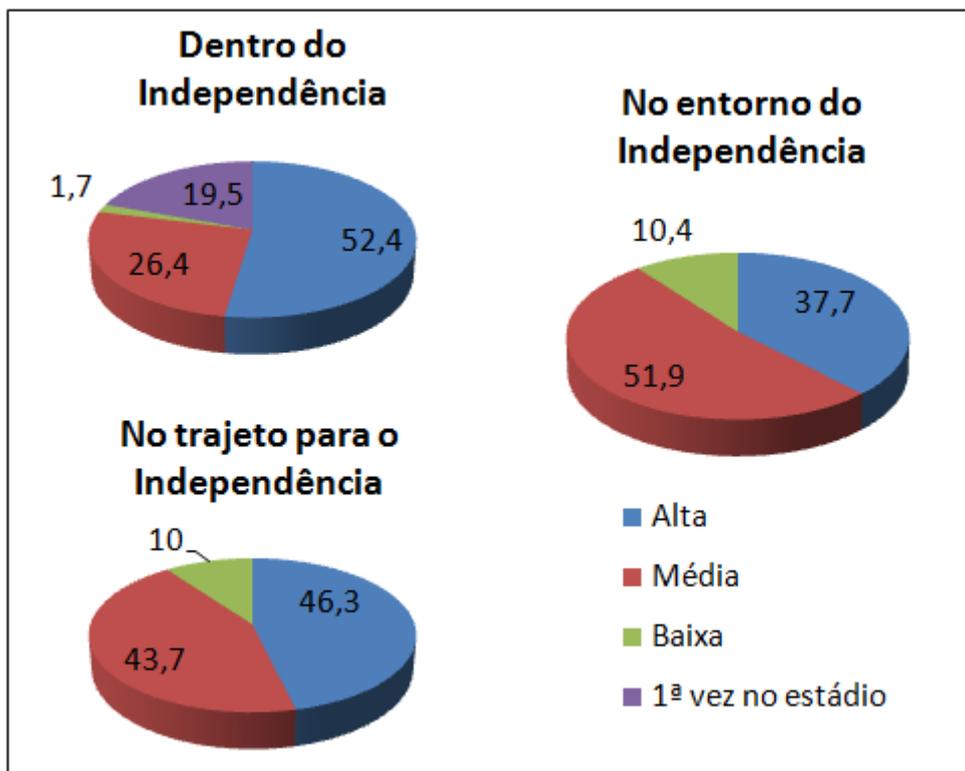
foi tão grande quanto esperado, sobretudo se compararmos com a sensação de segurança dos torcedores nos diversos momentos dos jogos (ver Gráfico 3.23).

É interessante notar também como o Mineirão aparece como o principal local onde os torcedores presenciaram cenas de violência (Gráfico 3.22). Isso não implica necessariamente dizer que o Mineirão é mais inseguro e sujeito a episódios de violência. Ao analisarmos também os Gráficos 3.13, 3.14 e 3.15, percebemos que os torcedores frequentavam o Mineirão com muito mais assiduidade do que o Independência. Naturalmente, uma maior frequência aumenta as chances de o torcedor presenciar cenas de violência no estádio, o que parece explicar os números do Gráfico 3.22, embora uma análise mais profunda pudesse explicitar outros fatores. Infelizmente, com os dados disponíveis não convém fazer tal extrapolação.

Outro aspecto que chama atenção é o fato de o novo Independência, com pouco mais de seis meses de sua inauguração, já ser palco de cenas de violência. 7,8% dos torcedores afirmaram já ter presenciado cenas de violência dentro do referido estádio e 12,1% já o fizeram no entorno ou trajeto deste. Números bem inferiores aos relativos ao antigo Mineirão, mas ainda sim um sinal de alerta para os agentes de segurança.

Os dados dos Gráficos 3.21 e 3.22 dialogam com os dados referentes às Questões 22, 23 e 24 do questionário (ver Gráfico 3.23) de maneira a esclarecer a relação do torcedor com a violência nos jogos de futebol. A Questão 22 indagava “Qual a sua sensação de segurança dentro do Independência?”. A Questão 23 perguntava sobre a sensação de segurança do torcedor no entorno do Independência e a Questão 24 sobre a sensação de segurança no trajeto (caminho de casa até o estádio) para o Independência.

Gráfico 3.23
Distribuição da sensação de segurança dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

O Gráfico 3.23 mostra que o momento em que os torcedores se sentem mais inseguros é no entorno do Independência. Apenas 33,7% deles consideram sua sensação de segurança alta nessa região, ao passo que 46,3% dos torcedores classificam como alta sua sensação de segurança no trajeto do estádio e 52,4% avaliam como alta dentro do Independência. Se desconsiderarmos os torcedores que estavam no estádio do Horto pela primeira vez ao responder o questionário (19,5%) e que, portanto, não sabiam dizer de sua sensação de segurança dentro da arena, o percentual de torcedores que se sentem seguros dentro do Independência sobe para 65%, muito acima dos dois outros espaços analisados. Vale notar também que apenas 1,7% (ou 2,1%, fazendo a mesma correção) dos torcedores classificam como baixa sua sensação de segurança no interior do estádio do Horto.

Campos e colaboradores (2008), ao realizarem um estudo sobre os torcedores frequentadores do Mineirão no ano de 2007, fizeram alguns apontamentos interessantes sobre a sensação de segurança dos mesmos no estádio. Ao invés de analisarem os espaços referentes ao estádio (como foi feito na presente pesquisa), estudaram os momentos da partida de futebol, relacionando-os

com a sensação de segurança dos torcedores. Concluíram que o momento de saída do estádio, após o jogo, é o mais crítico para os torcedores: apenas 23,0% deles afirmaram ter uma alta sensação de segurança nessa fase. O momento de entrada no estádio, antes da partida, teve um resultado intermediário, com 51,5% dos torcedores alegando uma sensação de segurança alta. Por sua vez, o “durante o jogo” foi o período em que os torcedores se sentiam mais seguros, com 69,0% deles afirmando ser alta sua sensação de segurança (Campos et al., 2008, p.16-17).

Particpei (como estudioso, não como torcedor) da referida pesquisa sobre o Mineirão e optei, na presente pesquisa que tem o Independência como foco, em dirigir o olhar para a sensação de segurança nos espaços e não nos tempos/momentos da partida de futebol. Verdade que ambos tem uma estreita ligação, mas creio ter conseguido trazer novos elementos para essa discussão.

Um aspecto relevante é o fato de a sensação de segurança dentro do Independência ser muito semelhante (65%) à sensação de segurança durante o jogo no Mineirão (69%). Algo de certa maneira previsível, embora fosse esperado que, com todas as reformas em prol da modernidade e da segurança nos estádios, o novo Independência fosse um local mais seguro no olhar dos torcedores.

Outro ponto digno de nota é o fato de o entorno do Independência não gerar uma sensação de segurança elevada nos torcedores. Isso talvez possa ser explicado pelo fato de as ruas em volta do estádio serem relativamente estreitas, com calçadas também estreitas e cercadas de casas e prédios. O Mineirão, ao contrário, possuía vastas áreas abertas e ruas muito mais largas nas suas redondezas, o que possibilitava um trânsito mais livre para os torcedores nos momentos de entrada e saída dos jogos.

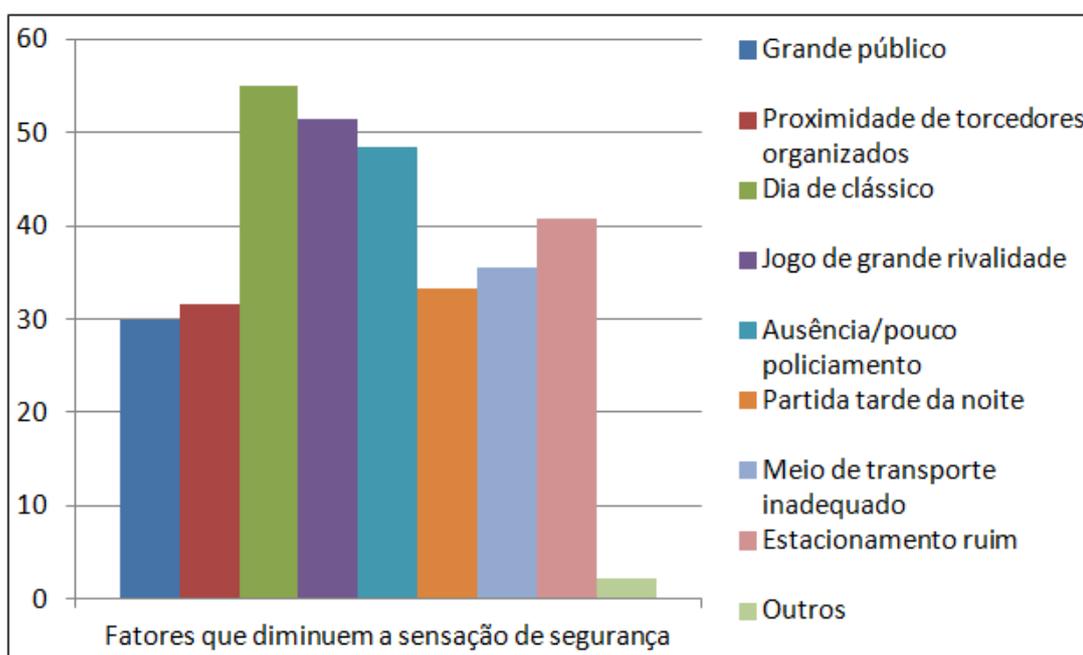
No entanto, cabe destacar que a sensação de segurança no entorno do Independência poderia ser ainda mais baixa não fosse a presença ostensiva da Polícia Militar nas imediações da arena. Vários torcedores destacaram a presença maciça de policiais como um fator que aumenta sua sensação de segurança nos dias de jogos.

Quanto à sensação de segurança dos torcedores no trajeto do Independência, que foi relativamente alta, pode-se dizer que o Independência possui

uma localização privilegiada que certamente influencia positivamente os torcedores nessa avaliação. O estádio está próximo de várias vias importantes da cidade (Avenida Cristiano Machado, Avenida Silviano Brandão, Avenida dos Andradas), o que facilita o fluxo de pessoas através de carros e ônibus, além de ter uma estação de metrô a aproximadamente cinco quarteirões de suas entradas. O metrô foi apontado pelos cinco entrevistados da pesquisa como um aspecto importante do Independência, sendo usado, com alguma frequência, por quatro deles para deslocamento para jogos.

Tanto se falou sobre a sensação de segurança dos torcedores, mas quais fatores de fato os influenciam nessa avaliação? Foi o que a Questão 25 do questionário buscou aferir, ao indagá-los “Quais desses fatores diminuem sua sensação de segurança nos dias de jogos no Independência?”. Essa pergunta permitia múltiplas respostas e os resultados estão no Gráfico 3.24.

Gráfico 3.24
Distribuição dos fatores que diminuem a sensação de segurança dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Reis (2006), em um interessante trabalho sobre o futebol e a violência, listou uma série de aspectos que influenciam no risco de uma partida futebolística no Brasil. Nesse sentido, classificou os jogos de alto risco como sendo os que valessem por fases decisivas de campeonatos, os que tivessem grande público (superior a dez

mil torcedores), os que envolvessem “equipes com histórico de rivalidade hostil entre as torcidas” e os que se realizassem em estádios com infraestrutura inadequada (REIS, 2006, p. 107-108).

Os dados obtidos na presente pesquisa legitimam até certo ponto a classificação de Reis (2006) para jogos de alto risco. A sensação de segurança dos torcedores, embora subjetiva, tem relação direta com o risco de uma partida. Nesse sentido, não é surpreendente que os dois fatores que mais diminuem a sensação de segurança do torcedor nas partidas no Independência sejam os dias de clássico (55,0%) e os jogos de grande rivalidade³⁹ (51,5%). Esse fator é tão relevante para os torcedores que muitos deles deixam de ir ao estádio em dia de clássico ou ao menos adotam posturas mais cautelosas ao ir ao jogo, como atesta a Entrevistada 4, cruzeirense:

Cruzeiro e Atlético, eu não vou, quando eu vou em Cruzeiro e Atlético, eu não vou com a camisa, eu vou com a camisa dentro de uma sacola, chegando lá, eu coloco, eu vou ao banheiro, coloco a camisa e quando está faltando cinco minutos para acabar, eu volto ao banheiro e tiro a camisa e saio. (ENTREVISTADA 4).

Não usar camisa ou adereços do time, sair mais cedo do estádio, locomover-se de táxi ao invés de ônibus ou carro próprio, não provocar adversários ou entoar cantos de guerra, não beber... Todas essas foram estratégias citadas por torcedores como necessárias para aumentar sua segurança em dia de clássico. O Entrevistado 5, cruzeirense também faz referência direta ao clássico: “No Independência, no caso, ele não era inseguro, pelo fato de nunca ter tido as duas torcidas, Cruzeiro e Atlético (...)”. E complementa:

Aí tem o clássico e a rivalidade fica mais acirrada, aquela coisa, então, tem as duas torcidas organizadas e elas acabam prejudicando o torcedor que vai realmente para ver o jogo, aí, tem quebra-quebra dentro de ônibus, e quando é um jogo de uma torcida só, mesmo que o time perde, ele volta mais tranquilo e quando é Cruzeiro e Atlético, na época que era no Mineirão, você voltava um pouco mais tenso, eles sabiam que podia ter no ônibus um torcedor, pensava que podia ter uma quantidade de torcedores te esperando, não que não houvesse segurança, até a polícia nos dias de clássico Cruzeiro e Atlético, ela fica um pouco mais apreensiva e vamos dizer assim, agressiva até mesmo na forma de abordar o torcedor, ela age

³⁹ Os próprios clássicos (no caso de Belo Horizonte, sobretudo Atlético contra Cruzeiro) são obviamente partidas com enorme rivalidade. Porém, a opção “jogos de grande rivalidade” era mais abrangente, podendo incluir confrontos dos times mineiros contra outros adversários do país, com os quais houvesse um acirramento histórico do embate. Atlético contra Flamengo/RJ e Cruzeiro contra Vasco/RJ são exemplos de outros jogos de grande rivalidade.

diferente de como se fosse só torcedor, por exemplo, do Cruzeiro ou Cruzeiro com qualquer outro time ou só com a torcida do Cruzeiro, entendeu, aí, quando é Cruzeiro e Atlético a rivalidade fica maior, fala mais alto. (ENTREVISTADO 5).

A fala do torcedor ilustra praticamente todos os fatores de insegurança listados no Gráfico 3.24: dia de clássico, grande rivalidade, proximidade de torcedores organizados, policiamento e meio de transporte inadequados. Destaca, porém, o clássico e como ele interfere em aspectos que vão muito além do estádio: ônibus, deslocamentos, postura dos policiais. No entanto, convém salientar que nenhum dos cinco entrevistados aprovou os clássicos com torcida única como solução para esse problema e alguns deles até demonstraram saudade dos jogos entre Cruzeiro e Atlético que contavam com as duas torcidas dividindo o estádio, ainda no tempo do Mineirão:

(...) esse negócio de ficar impedindo de ter duas torcidas em um campo de futebol, eu acho isso horrível, isso é a demonstração que estamos lá na idade da pedra, que não sabemos nem conviver mais, então, eu gosto do canto, eu gosto do grito de guerra (...) (ENTREVISTADA 1).

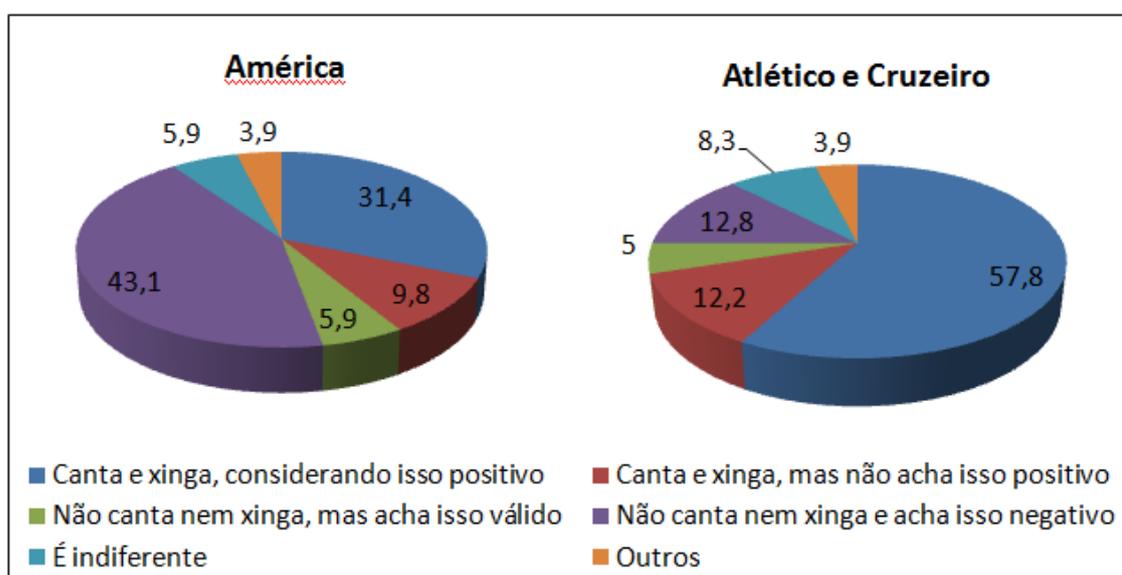
Outro fator que se destaca como causador de insegurança de acordo com o Gráfico 3.24 é a ausência ou pouco policiamento (48,5%). A associação de boa parte dos torcedores é de que quanto mais polícia houver no estádio e em suas redondezas, mais seguro torna-se o jogo, como sintetiza a Entrevistada 1, ao ser perguntada se acha perigoso ir a partidas de futebol: “Não. Nem no Mineirão, nem no Independência. É colocado um contingente enorme, polícia, todo tipo de aparato”.

Por fim, um fator que muitas vezes parece menosprezado pelos agentes de segurança e pelos dirigentes esportivos aparece no Gráfico 3.24 com peso considerável na diminuição da sensação de segurança do torcedor: as partidas tarde da noite (33,3%). É sabido que, por interesses diversos, sobretudo financeiros e televisivos, várias partidas dos campeonatos estaduais, nacionais e mesmo sul americanos acabam sendo marcadas para horários após as 21 horas, em dias regulares da semana ou mesmo nos sábados. Isso se torna um obstáculo para torcedores que trabalham regularmente ou que residem a distâncias consideráveis do estádio, como frisa a Entrevistada 4 ao ser indagada sobre o que a deixa insegura nos jogos:

Horário, conforme o horário é ruim, né (...) Deixa insegura, igual a Libertadores, não pode ser naquele horário (...) Das vinte e duas horas (...) Para depois voltar para casa, não tem nem jeito, é complicado, acho que o horário tinha de ser mais cedo, na Libertadores. (ENTREVISTADA 4).

Dando prosseguimento às análises, retorno à Questão 19 do questionário, referente ao posicionamento dos torcedores sobre os xingamentos e cantos ofensivos nos estádios (ver Gráfico 3.25).

Gráfico 3.25
Distribuição da relação dos torcedores com xingamentos e cantos ofensivos nos estádios (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Um aspecto polêmico do torcer reside na chamada violência simbólica⁴⁰ que ocorre nos estádios brasileiros. Como constata Pimenta (1997, p. 52) e Daolio (2006, p. 117), a evolução e a profissionalização do futebol no país foram acompanhadas por uma contínua permissividade simbólica nos estádios, de maneira que vários atos socialmente repudiados (como xingamentos e gestos obscenos) acabam sendo tolerados e até certo ponto incentivados nesses ambientes. No limite,

⁴⁰ A expressão “violência simbólica” é usada pelos estudiosos do futebol em geral para denominar xingamentos verbais, gestos e cantos ofensivos, opondo-se à “violência física”, caracterizada por ações que atinjam o corpo de outras pessoas, potencialmente gerando ferimentos. No entanto, parece-me difícil estabelecer uma fronteira entre o corpo e a mente, entre o físico e o simbólico. Realçar tais dicotomias está longe de ser minha intenção: corpo e mente, físico e simbólico estão imbricados em um todo a que chamamos ser humano. Porém, na falta de uma expressão mais adequada e buscando a compreensão do leitor, farei uso de “violência simbólica” no sentido explicitado.

como alertam Pimenta (1997, p. 52) e Reis (2006, p. 16-17), essa violência simbólica pode acabar gerando atos de violência física nos estádios de futebol.

A opinião dos torcedores que frequentam o Independência sobre essa violência simbólica acabou explicitando mais uma diferença entre a relação dos americanos com o torcer e a relação dos cruzeirenses e atleticanos com o torcer, conforme ilustra o Gráfico 3.25. Ao analisarmos o percentual de torcedores que alegou não cantar ou xingar no estádio, considerando tais posturas como negativas, percebemos que boa parte dos americanos (43,1%) se enquadrou nessa categoria, ao passo que apenas 12,8% dos cruzeirenses e atleticanos fizeram o mesmo. Por outro lado, somente 31,4% dos torcedores do América admitiram cantar e xingar, tendo isso como algo positivo, contra 57,8% dos torcedores do Cruzeiro e do Atlético.

Tal apontamento encontra eco nas palavras do Entrevistado 3, americano, que afirma:

É uma torcida mais envelhecida, sem dúvida, você não vê na torcida do América, criança, jovem, quase não vê, o velho já é mais escaldado na vida, teoricamente vai acabar, né, vai ficar aí, uns gatos pingados, tem muito fanático, muito brigão, eu já vi, já assisti, mas, não é na mesma proporção, eu estou falando em proporcionalidade, é capaz de você pegar cem torcedores do América, você vai tirar uns três, quatro mais exaltados e se você pegar cem do Atlético, é capaz de sair uns cinquenta (ENTREVISTADO 3).

O fato de ter torcedores em média mais velhos e possivelmente menos exaltados pode ser o caminho para explicar esse diferencial do América. No entanto, para muitos torcedores, os xingamentos e cantos ofensivos são parte indispensável da experiência em um estádio de futebol, constituindo-se em uma espécie de válvula de escape, um mecanismo de catarse em suas vidas. A Entrevistada 1 (atleticana), por exemplo, ao ser perguntada sobre xingamentos e cantos, foi taxativa:

É válido, se não, não é futebol. Você vai lá para extravasar. No primeiro dia que eu fui a um campo de futebol, eu vi como é bom, eu acho que o cara quando ele faz um gol, ele deve se sentir, assim, o máximo da vida dele, deve se sentir assim, p...q...p..., você fazer um gol deve ser uma experiência assim maravilhosa, porque para o torcedor é tudo de bom (ENTREVISTADA 1).

A Entrevistada 4 (cruzeirense), por sua vez, também defendeu a liberdade de os torcedores xingarem ao ser perguntada sobre o que achava do tema:

Válido. Porque eu pelo menos, eu xingo, tudo que é nome, quando eu olho está todo mundo me olhando e eu não estou nem aí, eu xingo. Porque ali a gente esquece de tudo, a gente quer ver é o nosso time ganhar e o juiz enfiando a mão, não tem condição. (...) Tem de xingar mesmo. Só não pode jogar as coisas, mas, xingar é válido, eu concordo (ENTREVISTADA 4).

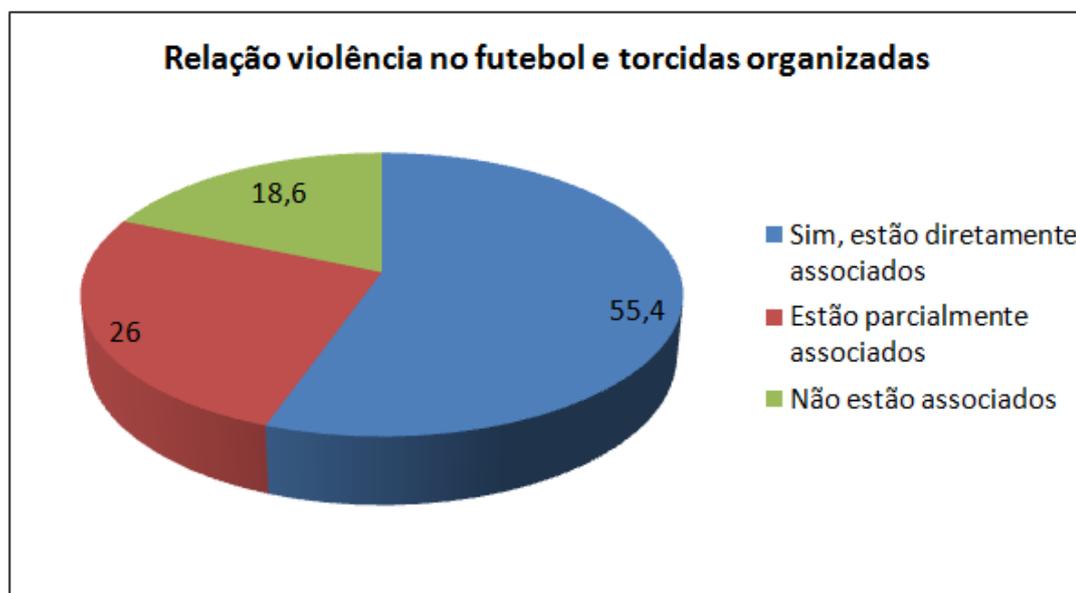
O Entrevistado 2 (atleticano), porém, faz ressalvas interessantes, estabelecendo um limite claro para os xingamentos:

Se você está torcendo e o outro está sentado do lado de cá, eu acho até válido, o que eu não concordo é a pessoa sair dali, porque ali é o local para aquilo, o estádio de futebol é feito para isso, então, o cara tem que entrar no estádio de futebol e fazer aquilo lá, saindo de lá, você está agredindo uma sociedade, muitas pessoas não conseguem conter isso, do mesmo jeito que ele sai do estádio de futebol, ele sai para a rua, aí, é que eu acredito que é o grande problema. (ENTREVISTADO 2).

Parece clara a existência de uma espécie de acordo tácito entre boa parte dos torcedores que frequentam os estádios em Belo Horizonte de que a violência simbólica é aceitável da catraca para dentro da arena futebolística em um evento extraordinário, sendo nociva e perigosa dali para fora, na vida “real e ordinária”.

Avancemos um pouco mais nos dados dos questionários. A Questão 20 trazia a seguinte indagação “Você acha que a violência no futebol pode ser associada principalmente às torcidas organizadas?” A pergunta acabou sendo formulada de maneira um pouco tendenciosa, o que foi atenuado com a instrução para que os aplicadores dos questionários lessem as opções existentes (Sim/ Parcialmente/ Não/ Não sei dizer) para os torcedores antes de suas respostas. Os resultados podem ser visualizados no Gráfico 3.26.

Gráfico 3.26
Distribuição da associação entre a violência no futebol e as torcidas organizadas na opinião dos torcedores (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Vários campos das ciências humanas e sociais se debruçaram sobre o estudo das torcidas organizadas de futebol nas últimas décadas, não raramente associando-as à violência. O primeiro trabalho destacado nesse campo parece ser o de César (1981), que fez um estudo antropológico dos integrantes da Gaviões da Fiel (maior torcida organizada do Corinthians/SP), abrindo as portas para o conhecimento de suas relações internas e com a sociedade.

Posteriormente, Toledo (1996b) também conduziu uma notória pesquisa sobre as torcidas organizadas de São Paulo, analisando suas peculiaridades, suas rotinas, seus símbolos, seus deslocamentos na cidade e jogando luz sobre esses grupos sociais em um período em que a sociedade brasileira os via com muito temor, após acidentes graves envolvendo torcedores organizados.

Na mesma esteira, Pimenta (1997) produziu interessante trabalho sobre as torcidas organizadas dos três grandes clubes de São Paulo, focando seu olhar na construção da identidade dos jovens envolvidos com esses agrupamentos de torcedores e no papel central que a violência exerce nesse meio.

Mais recentemente, Hollanda (2010) debruçou-se sobre a temática, estudando a formação das torcidas organizadas cariocas entre as décadas de 1960

e 1980, trazendo ricas contribuições para a compreensão desses grupos. A complexa constituição de sua identidade, sua íntima relação com os meios de comunicação de massa e suas tentativas de organização e atuação política são alguns dos aspectos das torcidas organizadas levantados e analisados por Hollanda com muita propriedade.

Em Minas Gerais, cabe destacar a pesquisa conduzida por Silva e colaboradores (2012), que inicialmente mapeou as torcidas organizadas de Cruzeiro, Atlético e Ipatinga e posteriormente aprofundou sua análise traçando um perfil das principais torcidas organizadas dos dois grandes clubes da capital mineira, trazendo ao público muitos dados interessantes sobre esses grupos.

Toda essa retrospectiva aponta uma tendência dos estudos sobre torcidas organizadas: em geral, os pesquisadores buscam conhecer os torcedores organizados, explicitando suas peculiaridades. Não é o caso do presente trabalho, que não tem as torcidas organizadas como cerne, mas que nesse estágio acaba por se deparar com elas, não para explicá-las, mas para apreender como os torcedores comuns de Belo Horizonte as enxergam e se relacionam com elas, ao menos no que tange à violência.

O Gráfico 3.24, anteriormente analisado, trazia um primeiro aspecto importante dessa relação, ao mostrar que 31,6% dos torcedores participantes da pesquisa apontam a proximidade de torcedores organizados como um fator que diminui sua sensação de segurança no Independência. Esse temor aparece em uma das falas do Entrevistado 2, atleticano, quando ele elenca algumas medidas que adota para sua segurança nos jogos de futebol: “(...) evitar ficar naquelas partes mais de torcida organizada, apesar de gostar de ficar perto de onde tem torcida organizada, eu não fico perto de onde tem aquele miolinho (...)”.

Como complemento, o Gráfico 3.26 indica que 55,4% dos torcedores que participaram da pesquisa avaliam que a violência no futebol pode ser associada principalmente às torcidas organizadas, além de 26,0% deles admitirem uma associação parcial entre os dois fatores. Alguns trechos das entrevistas nos ajudam a compreender a tensa e complexa relação estabelecida entre torcedores comuns e organizados nos estádios, que é permeada por temor, mas também por reconhecimento e admiração. O Entrevistado 5, cruzeirense, afirma:

Eu acho que a torcida organizada é válida porque eu acho que o espetáculo fica mais bonito, já falam organizada, porque eles têm uma forma de organizar diferente, você vai ao estádio, você vai com o seu amigo, vai torcer e tal, as torcidas organizadas, não, elas que levam as bandeiras, tem o acesso mais fácil, é uma coisa muito bonita, mas, quando pula para o lado da violência, eu acho que é uma coisa que não é válida porque você usar o nome de uma torcida para brigar com a outra, você está usando uma desculpa para estar tendo aquele tipo de atitude (...) Eu acho que isso aí, é aquilo que a gente fala, se for uma coisa abusiva demais, eu acho que quando ultrapassa o limite, infelizmente tem que acabar, você tem que colocar limite porque se não aquele respeito vai acabar, não vai ter respeito nem de um lado e nem de outro, porque tem muitas organizadas aí que eles vão mesmo para cima, partem para briga, tem organizadas aí que saem de outros estádios, estádio, não, de outros estados, para poder vir para cá e poder brigar e a mesma coisa, os daqui vão para poder brigar, encontram no meio do caminho, então, eles usam a torcida organizada como um escudo, para eles falarem assim, ah, foram os torcedores da organizada (...) (ENTREVISTADO 5).

Fica claro que os torcedores comuns percebem a importância das torcidas organizadas para uma partida mais bela e emocionante, uma vez que são elas, na maioria das vezes, que entoam cantos e gritos de guerra, que expõem faixas, bandeiras e bandeirões, que embalam coreografias e movimentos nos estádios. Ao mesmo tempo, os torcedores comuns detectam indivíduos agressivos, muitas vezes classificados como não-torcedores, como uma espécie de exclusividade das torcidas organizadas: seres que se infiltram nessas organizações simplesmente para brigar e acabam manchando o nome dessas instituições, associando-as à violência. Como ressalta o Entrevistado 2, atleticano, ao falar das torcidas organizadas:

Eu acho que elas têm uma importância grande para o clube, só que o grande lance da torcida organizada hoje, é que pessoas, vamos dizer assim, maus elementos, se vestem de torcida organizada para fazerem o que fazem, brigar na rua, matar o outro (...) (ENTREVISTADO 2).

E ele complementa, referindo-se a esses “maus elementos”:

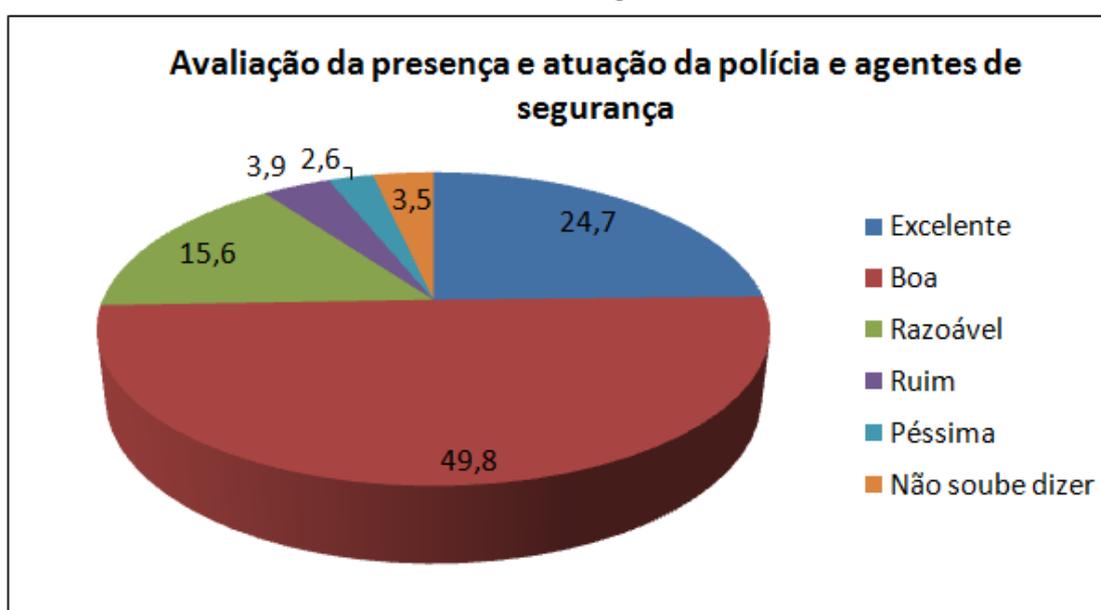
(...) de qualquer maneira ele está ali para te ofender, para brigar, o fato de você torcer para um time contrário é um pretexto para ele te agredir, então, o fato de você falar que é cruzeirense, muitas vezes não é não, o fato de ter uma rixa de bairro, uma rixa porque o cara é, sei lá, por algum outro motivo, ele fala que é por causa de rixa entre Atlético e Cruzeiro, mas, não é não. (idem).

Como destaca DaMatta (1994), o futebol muitas vezes é um reflexo da sociedade, sendo influenciado por ela e influenciando-a. A violência inerente à

sociedade brasileira por vezes encontra no futebol um veículo de expressão. Culpar apenas as torcidas organizadas é no mínimo ignorar a amplitude e a complexidade do problema. Não à toa, Elias e Dunning (1992, p. 48) nos dão um sábio conselho ao afirmar que “os estudos do desporto que não sejam simultaneamente estudos de sociedade, são análises desprovidas de contexto”. Convém ter isso em mente ao se pesquisar o futebol no Brasil.

Para finalizar a análise dos dados dos questionários, temos a Questão 21 (“No Independência, o que você acha da presença e atuação da polícia e demais agentes de segurança?”), cujos resultados estão expressos no Gráfico 3.27.

Gráfico 3.27
Distribuição da avaliação dos torcedores sobre a presença e atuação da polícia militar e demais agentes de segurança no Independência (em %)



Fonte: Elaborado pelo autor da dissertação.

Percebe-se que a maioria dos torcedores aprova a atuação da polícia⁴¹ no Independência, com as avaliações “excelente” e “boa” somando 74,5% do total. Os elogios da Entrevistada 1 refletem essa tendência:

⁴¹ A Polícia Militar é, basicamente, a principal responsável pela segurança dos torcedores no Independência e em seu entorno. Há fiscais da prefeitura que coíbem a venda ilegal de produtos nas redondezas do estádio e agentes da BH Trans que auxiliam no monitoramento do trânsito nas vias adjacentes, mas são os policiais militares, quase exclusivamente, quem cuidam da segurança dos torcedores. Raramente é possível visualizar seguranças particulares do estádio, que não necessariamente estão naquele ambiente para proteger os torcedores. Portanto, quando o termo “polícia” for utilizado nesse trecho do texto, fará referência à Polícia Militar.

(...) eles são extremamente educados, gentis, procuram, eu vejo, se acontece um problema as vezes perto de mim, já aconteceram vários problemas, eles vão tirar as pessoas, tomam providências, até hoje eu não presenciei, eu não posso contar para você, porque eu não presenciei um abuso de autoridade. (ENTREVISTADA 1).

O Entrevistado 3 também aponta aspectos positivos do trabalho policial: “eu vi a polícia atuante, assim, um contingente bom, inclusive a revista na entrada, que é muito importante, de uma maneira muito educada, profissional”.

De alguma forma, essa aprovação pode ser tida como reflexo da preparação da Polícia Militar para lidar com as diferentes situações de uma partida, conforme aponta Pimenta (1997). O autor explicita diversas estratégias da polícia no lidar com os torcedores, incluindo treinamentos específicos para os diferentes ambientes do estádio e a escala de policiais com perfil mais adequado para cada espaço. Os policiais com maior porte físico, por exemplo, são posicionados próximos às torcidas organizadas e os policiais com maior poder de diálogo ficam dentro do campo de jogo.

A polícia, no entanto, não está imune a críticas. Há aspectos controversos da sua atuação ou da sua omissão que reverberam nas vozes dos torcedores. O Entrevistado 2 faz um duro julgamento da polícia no Independência:

Olha, eu acho que a polícia em algumas situações, ela, principalmente no estádio independência, tem situações que ela age de uma forma errada, recentemente mesmo, nesses últimos jogos, no Atlético mesmo e Flamengo, eles fecharam aquela rua onde o ônibus do time entra, eles fecharam todos os arredores, você chegava para o policial e ele não sabia o que falava, onde você tinha que entrar, então, eu fui lá na frente, para descobrir que lá também eu não ia ter como entrar, para voltar e passar por trás da Pitangui e subir, então, eu acho que falta um pouco de informação (...) (ENTREVISTADO 2).

O torcedor dá um exemplo de esquema de segurança elaborado pela polícia que acabou gerando transtornos e irritação para vários torcedores. Mas o Entrevistado 2 também critica a incapacidade da polícia de lidar com duas grandes torcidas juntas no Independência, fato que não ocorreu pois os dois jogos entre Cruzeiro e Atlético lá realizados em 2012 tiveram torcida única por “motivo de segurança”. De qualquer maneira, o Entrevistado 2, referindo-se ao clássico, constata:

(...) só que eu acho que a polícia tem que, só que não adianta, se você tem que resolver uma situação dessa, se você trabalha em um jogo, sei lá, com quinhentos policiais, tem que trabalhar com dois mil, então aí, eu acho que eles não querem ter esse efetivo todo, dá muito trabalho, então, é por isso que eles vem com essa instrução no jogo de Cruzeiro e Atlético, enfim, no Independência, eu acho que a polícia, as vezes, ela acomoda com a situação e joga a culpa também no torcedor, ah, não pode ter torcida do Atlético e Cruzeiro porque a torcida vai matar uma a outra, eu sou dessa opinião, vai matar se não tiver polícia (...) agora cabe à polícia reforçar o seu efetivo, porque é um jogo que mexe com as emoções, enfim, tem gente que não está preparada para isso, então, eu acho que as vezes, eles se acomodam pela situação, e deixam, é mais fácil proibir uma torcida do que ter as duas e ter trabalho, então, eu acho que as vezes, as duas, incomodam justamente por causa disso. (ENTREVISTADO 2).

A questão do clássico com torcida única ou com duas torcidas dividindo o estádio, porém, é de uma complexidade enorme e foge do escopo da presente pesquisa. É sem dúvida uma temática instigante que merece um estudo à parte. Os apontamentos aqui realizados talvez possam servir de ponto de partida para futuros trabalhos.

Encerro dessa forma a análise dos dados dos questionários e entrevistas dessa pesquisa. No capítulo seguinte, elenco algumas considerações finais sobre o trabalho.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como questão central investigar como os torcedores comuns de Belo Horizonte se relacionam com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Independência. Mais especificamente, busquei entender como os torcedores de América, Atlético e Cruzeiro se relacionam com o torcer e seu clube, com o estádio e com a violência nos jogos no Independência.

A partir dos dados e das análises realizadas pude perceber o quão complexas e diversificadas são as relações dos torcedores da capital mineira com as diversas facetas do torcer. As interações entre os vários sujeitos em uma partida de futebol, o próprio jogo, seus tempos e espaços, e o ato de torcer são de uma difícil compreensão e essa pesquisa sem sombra de dúvida não esgota as possibilidades de análise desses processos no Independência. Traz à tona, porém, muitas informações relevantes sobre as relações do torcer estabelecidas nesse estádio, ao mesmo tempo em que descortina novas perguntas e aponta para outras direções e possibilidades de estudos.

Quanto à relação dos torcedores com o torcer e com seu clube, convém discorrer um pouco sobre cada um dos três times de Belo Horizonte a partir dos dados coletados e das análises, tentando apresentar um quadro mais claro das diferenças e semelhanças existentes.

Nos jogos do América, detectei a presença de muitos torcedores do Atlético e do Cruzeiro que simpatizavam com o América e iam ao Independência para acompanhar amigos ou parentes. Além disso, também constatei um pequeno movimento de turismo de pessoas do interior de Minas Gerais que compareceram a jogos do América com o intuito de conhecer o reformado estádio do Horto. Percebi que muitos dos americanos ganharam ingressos para os jogos, por diversos motivos.

Ademais, os torcedores do América não tem um símbolo predominante que associam ao clube e parecem carecer de um grande rival para reafirmar seu pertencimento clubístico. A grande motivação para terem se tornado americanos foi

a influência da família, estando a identificação com o clube logo em seguida na lista de motivos. Os torcedores do América construíram o hábito de frequentar mais o Independência do que o Mineirão ao longo do tempo e são os mais entusiasmados com a reforma no gigante do Horto. Por fim, os americanos demonstraram-se, em sua maioria, contrários a cantos ofensivos e xingamentos nos estádios.

Já nos jogos do Atlético, constatei que os torcedores fazem grande uso dos cambistas como forma de aquisição de ingressos, talvez pelos grandes públicos que o time levou ao Independência ao longo do Campeonato Brasileiro. O atleticano vê a própria torcida do clube como o principal símbolo de sua agremiação, fator que inclusive motiva muitos a aderirem ao time. Apenas a família tem mais influência nessa escolha no caso do Atlético.

A rivalidade com o Cruzeiro foi reafirmada, com um alto índice de aversão dos atleticanos ao clube celeste. O Flamengo/RJ também apareceu com peso entre os clubes odiados pelos torcedores do Atlético. Surpreendentemente, poucos atleticanos (e também poucos cruzeirenses) se revelaram simpáticos ao América, contrariando o imaginário social de que o América é o segundo clube dos belo-horizontinos. O torcedor do Atlético aceitou bem o novo Independência, da mesma maneira como acha válido os cantos ofensivos e xingamentos nos estádios.

Por fim, nos jogos do Cruzeiro, percebi uma significativa quantidade de sócio-torcedores. As cinco estrelas foram muito destacadas pelos torcedores como símbolo maior do clube e os grandes títulos da equipe parecem ser um dos grandes motivos de adesão ao Cruzeiro, ficando atrás, mais uma vez, apenas da influência da família. A aversão dos cruzeirenses ao Atlético também ficou explícita, confirmando a rivalidade entre os dois times como elemento central do pertencimento clubístico a cada uma das equipes.

O torcedor do Cruzeiro não se habituou ao novo Independência e não o vê como um estádio à altura do seu clube, apresentando várias restrições à arena. Quanto aos cantos ofensivos e xingamentos durante os jogos, os cruzeirenses parecem aceitar isso de maneira tranquila.

Ao discorrer sobre a relação dos torcedores de cada time com o torcer, acabei também pontuando alguns aspectos de sua relação com o estádio. A ida a

estádios de futebol, aliás, foi apontada pelos torcedores como o principal meio de acompanhar seu clube, ficando atrás apenas da televisão. A reforma no Independência foi aprovada pela maioria dos torcedores, embora estes apontassem o estacionamento e a visibilidade do jogo como itens negativos no novo estádio. Os pontos positivos do gigante do Horto mais destacados pelos torcedores foram a localização, a modernidade e a segurança. A colocação de cadeiras no lugar das arquibancadas também foi vista com bons olhos pelos frequentadores, embora seu uso ainda gere tensões e controvérsias.

No que diz respeito à violência, a maioria dos torcedores já presenciou cenas violentas dentro, no entorno ou no trajeto de estádios de futebol, com destaque para essas ocorrências no antigo Mineirão (provavelmente pela assídua frequência de torcedores neste estádio antigamente). Boa parte dos torcedores associa as torcidas organizadas à violência no futebol e aprova a atuação da polícia em dias de jogos. Contudo, a sensação de segurança dos torcedores não é tão alta, sobretudo no entorno do Independência. Vários fatores contribuem para essa insegurança e inclusive fazem com que os torcedores adotem medidas e hábitos tidos como mais seguros. Os dias de clássico são os que mais diminuem a sensação de segurança do torcedor.

As minhas idas a campo também foram muito ricas, permitindo-me inteirar mais com as diversas formas de apropriação que o torcedor estabelece com o Independência e com toda a estrutura que o cerca. O entorno do estádio é um ambiente muito peculiar, fortemente influenciado pelos jogos que ocorrem na arena, e no qual floresceram uma série de novas relações pessoais, comerciais e de coerção. Muitas delas remetem a tradições construídas pelos torcedores no antigo Mineirão e que, de alguma forma, tentam ser reinventadas no gigante do Horto.

Aí reside um dos aspectos que o presente estudo não conseguiu explorar (por não ser esse o foco e prioridade dentro do tempo disponível), mas ao menos desvelou trazendo novas perguntas e, com elas, possibilidades de pesquisas futuras. Esmiuçar essas relações estabelecidas no entorno do Independência pode constituir-se em um rico trabalho de campo. Outra possibilidade de estudo levantada nessa dissertação é investigar as motivações e os mecanismos que levam os torcedores comuns a associarem as torcidas organizadas à violência no futebol.

Também chamei atenção ao longo do texto para o fato de os torcedores do Cruzeiro não usarem o rádio como veículo para acompanhar seu clube tanto quanto os atleticanos e os americanos. Creio que uma investigação envolvendo os discursos dos jornalistas e comentaristas esportivos da Rádio Itatiaia e a recepção desses discursos em redes sociais compostas por cruzeirenses poderia ser de grande valia para lançar luz sobre essa aparente tensão.

Outro aspecto interessante que poderia ser explorado em um futuro estudo é averiguar como o torcedor de Belo Horizonte está recebendo também o novo Mineirão, recém reformado e reinaugurado em moldes semelhantes ao Independência.

Todos esses novos dados e essas novas perguntas são importantes e creio que em alguma medida a presente pesquisa pode contribuir para a evolução do campo de estudos do futebol e do torcer, sobretudo em Minas Gerais.

A crescente preocupação do poder público, da mídia, dos dirigentes esportivos e mesmo da academia em relação à violência; a escalada de reformas, construções e modernizações de estádios no país; o discurso recorrente da necessidade de se reeducar os torcedores brasileiros ao novo modelo de futebol, tido com um espetáculo: todas essas vertentes encontram ressonância no Independência e no uso que os torcedores estão fazendo dele. Nesse sentido, essa dissertação pode contribuir também para uma melhor apreensão de como se dão as relações e apropriações dos torcedores nesse contexto supostamente modernizante e educativo dos estádios, subsidiando políticas públicas para o setor.

Políticas públicas que deveriam ir muito além da reforma de arenas, aeroportos e vias tendo em vista megaeventos esportivos. Acredito que os saberes e a discussão sobre a violência no futebol, as tensões do torcer, a modernização de espaços públicos de convivência em momentos de lazer deveriam também estar nas escolas. Não só nas instituições de Ensino Fundamental e Médio, mas também nas instituições de Ensino Superior, em que muitas vezes tais temas são simplesmente ignorados. Acredito que a educação para o torcer e pelo torcer seja o melhor caminho para avançarmos na qualidade da fruição desse momento de lazer tão caro para muitos brasileiros: o futebol.

Por fim, acredito também que a presente pesquisa é mais um passo na minha caminhada acadêmica ligada aos estudos do futebol e do torcer e insere-se em um contexto mais amplo em que o GEFuT tem procurado investigar e compreender como os torcedores de Belo Horizonte e de Minas Gerais se relacionam com diversas facetas desse fenômeno chamado torcer.

Esse passo não foi de simples ou fácil concretização, sendo permeado por retrocessos, estagnações, mudanças, preocupações. E que bom que foi assim. A pesquisa me fez refletir sobre muitas das minhas convicções, fez com que me sondasse em busca de respostas e de perguntas, fez com que tivesse contato com novas ideias e visões, fez com que eu hibernasse e voasse. Foi um processo mais doloroso do que eu imaginava, mas chego a um ponto final. Ou de partida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sermão da planície (para não ser escutado)**. In: _____. Quando é dia de futebol. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. **Sobre importâncias**. In: _____. Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BISQUERRA, Rafael; SARRIERA, Jorge Castellá; MARTÍNEZ, Francesc. **Introdução a Estatística – Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 5ª ed., 1991.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SILVA, Silvio Ricardo da. **As Determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor de Futebol na Apreciação do Espetáculo Esportivo**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n.1, p.9-24, setembro de 2008.

_____. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão.** Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CÉSAR, Benedito Tadeu. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou, o duelo.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1981.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baêta; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro.** In: Revista USP, n.22, p.10-17, 1994.

DAMO, Arlei. **Bons para torcer, bons para se pensar - os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores.** Motus Corporis, v. 5, n. 2, p. 11-48, Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1998.

_____. **O desejo, o direito e o dever - A trama que trouxe a Copa ao Brasil.** Movimento, v. 18, p. 41-81, Porto Alegre: UFRGS, 2012.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 3ª ed., 2006.

DRUMMOND, Roberto. **Bola na Marca.** Estado de Minas, Belo Horizonte, 6 ago. 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador**. 2. v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Mapeamento histórico do lazer na América Latina: em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema**. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). *Estudos do lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

INGOLD, Tim. **From the transmission of representations to the education of attention**. In: _____. *The debated mind: evolutionary psychology versus ethnography*. Oxford: Harvey Whitehouse, 2001.

KOWALSKI, Marizabel. **Por que Flamengo?** Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

LIMA, Jairo Anatólio. **Estádio Independência**. Belo Horizonte: Conceito, 2012.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer e Educação**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1998.

MARCHI JR, Wanderley. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESSOA, Fernando (sob pseudônimo de Alberto Caeiro). **XX – O Tejo é mais belo**. In: _____. Guardador de Rebanhos. [Publicação original datada de 1912, atualmente obra de domínio público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&c_o_obra=15723>. Acesso em: 27 jan. 2013.]

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação**. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

_____. **Torcidas Organizadas de Futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas**. In: ALABARCES, Pablo (Org.). *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO/Asdi, 2003.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SALDANHA, Renato Machado. **Sobre meus lábios: visibilidade e controle no futebol contemporâneo**. Pensar a prática, v. 10, n. 1, p. 117-132, Goiânia: UFG, 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodología de la investigación**. México-DF: McGraw-Hill, 3ª ed., 2003.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz: da relação do torcedor com o clube**. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____; NICÁCIO, Luiz Gustavo; SILVA JÚNIOR, Mauro Sérgio de Lacerda e; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SANTANA, Thiago José Silva; VIEIRA, Yuri Vítor Guimarães; MELO, Marcos de Abreu. **Futebol e lazer: refletindo sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor no campeonato brasileiro de 2006 em Belo Horizonte**. In: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 8., 2007, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: Grupo de pesquisa “Anima”/ PPGHC/IFCS/UFRJ/Celar-UFMG, 2007. p.201-9.

_____; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu. **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.

_____ ; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; PRAÇA, Gibson Moreira; AUGUSTO, Izabela Guimarães; SILVA, Tiago Felipe da; GOMES, André Silveira. **Torcedores organizados em Belo Horizonte**. In: _____ ; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; SILVA, Tiago Felipe da (Orgs.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, Tiago Felipe da; MELO, Marcos de Abreu; NICÁCIO, Luiz Gustavo. **O torcer enquanto uma opção de lazer em Belo Horizonte: reflexões sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor**. In: 21º Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 2009, São José- Grande Florianópolis. *Anais do 21º ENAREL*, 2009.

_____. **O Futebol no Interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata**. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SIMÕES, Alexandre. **Gigante do Horto**. Encarte especial, jornal Hoje em Dia, Belo Horizonte, março de 2012.

SOUZA NETO, Georgino Jorge. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SZYMANSKI, Heloisa. **Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa**. In: _____ (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano Editora, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **A cidade das torcidas**. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, p. 124-155, 1996a.

_____. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996b.

_____. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

TOSTÃO. **A perfeição não existe: crônicas de futebol.** São Paulo: Três Estrelas, 2012.

TRIPODI, Tony; FELLIN, Phillip; MEYER, Henry. **Análise da pesquisa social.** Tradução Geni Hirata. Rio de Janeiro: F Alves, 1975.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário aplicado com os torcedores no Independência

	<p>Universidade Federal de Minas Gerais Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFUT Mestrado Interdisciplinar em Lazer Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha Responsáveis: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva e Marcos de Abreu Melo Telefone: (31) 3409 2345 / (31) 8792 6592</p>	
---	---	---

Questionário – Relação do torcedor com o torcer, com o Independência e com a violência

Competição: _____ Jogo: _____ x _____ Data: ___/___/___

Horário: _____ Setor do Estádio: _____ Aplicador: _____

INFORMAÇÕES GERAIS

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: M / F

Cidade em que mora: Belo Horizonte / Outra: _____

*Obs: As questões marcadas com [**] possibilitam mais de uma resposta do torcedor.*

RELAÇÃO COM O TORCER

1. Time do coração: _____
2. Como você adquiriu seu ingresso: Sócio-torcedor / Bilheteria / Internet / Ganhei
3. Para você, qual é o símbolo mais importante do seu clube:

<input type="checkbox"/> Cores	<input type="checkbox"/> Torcida	<input type="checkbox"/> Mascote	<input type="checkbox"/> Cantos da torcida
<input type="checkbox"/> Camisa	<input type="checkbox"/> Escudo	<input type="checkbox"/> Hino	<input type="checkbox"/> Outro: _____
4. ******Como você costuma acompanhar seu clube:

<input type="checkbox"/> Estádio	<input type="checkbox"/> Jornal	<input type="checkbox"/> Internet	<input type="checkbox"/> Outro: _____
<input type="checkbox"/> Rádio	<input type="checkbox"/> TV	<input type="checkbox"/> CT	
5. Qual o principal motivo que o levou a torcer pelo seu clube:

<input type="checkbox"/> Família	<input type="checkbox"/> Série longa de insucessos	<input type="checkbox"/> Identificação com o clube
<input type="checkbox"/> Vizinhança	<input type="checkbox"/> Identificação com a torcida	<input type="checkbox"/> Outro: _____
<input type="checkbox"/> Grandes títulos	<input type="checkbox"/> Amigos	
<input type="checkbox"/> Qualidade da equipe	<input type="checkbox"/> Mídia	
6. Você odeia algum outro time: Sim / Não Qual: _____
7. Você torce/simpatiza com algum outro time: Sim / Não Qual: _____

RELAÇÃO COM O ESTÁDIO

8. Você ia ao Mineirão antes do início de sua reforma: Sempre / Frequentemente / Às vezes / Raramente / Nunca fui
9. Você vinha ao Independência antes de sua reforma: Sempre / Frequentemente / Às vezes / Raramente / Nunca vim
10. Com que frequência você vem ao Independência após sua reforma: Sempre / Frequentemente / Às vezes / Raramente / 1ª vez

11. **Quais são os pontos POSITIVOS do Independência para você:
- | | | |
|--|---|---|
| <input type="checkbox"/> Localização | <input type="checkbox"/> Sinalização | <input type="checkbox"/> Estacionamento |
| <input type="checkbox"/> Trânsito | <input type="checkbox"/> Conforto | <input type="checkbox"/> Menor capacidade |
| <input type="checkbox"/> Segurança | <input type="checkbox"/> Visibilidade do jogo | <input type="checkbox"/> Bilheteria |
| <input type="checkbox"/> Banheiros | <input type="checkbox"/> Modernidade | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |
| <input type="checkbox"/> Bares e lanchonetes | <input type="checkbox"/> História e tradição | |
12. **Quais são os pontos NEGATIVOS do Independência para você:
- | | | |
|--|---|---|
| <input type="checkbox"/> Localização | <input type="checkbox"/> Sinalização | <input type="checkbox"/> Estacionamento |
| <input type="checkbox"/> Trânsito | <input type="checkbox"/> Conforto | <input type="checkbox"/> Menor capacidade |
| <input type="checkbox"/> Segurança | <input type="checkbox"/> Visibilidade do jogo | <input type="checkbox"/> Bilheteria |
| <input type="checkbox"/> Banheiros | <input type="checkbox"/> Modernidade | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |
| <input type="checkbox"/> Bares e lanchonetes | <input type="checkbox"/> História e tradição | |
13. Você considera que a reforma do Independência foi: () Excelente / () Boa / () Razoável / () Ruim / () Péssima / () Indiferente / () Não sei dizer
14. O que você acha da colocação de cadeiras nas arquibancadas: Excelente / () Boa / () Razoável / () Ruim / () Péssima / () Indiferente / () Não sei dizer

RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA

15. Você já presenciou alguma cena de violência dentro de estádios de futebol: Sim / () Não
16. **SE SIM, onde isso ocorreu: Dentro do Mineirão / () Dentro do antigo Independência / () Dentro do novo Independência / () Outro: _____
17. Você já presenciou alguma cena de violência no entorno ou no trajeto de estádios de futebol: Sim / () Não
18. **SE SIM, onde isso ocorreu: Mineirão / () Antigo Independência / () Novo Independência / () Outro: _____
19. Em relação aos xingamentos e cantos ofensivos nos estádios, você:
- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Canta e xinga, considerando isso positivo | <input type="checkbox"/> Não canta nem xinga e acha isso negativo |
| <input type="checkbox"/> Canta e xinga, mas não acha isso positivo | <input type="checkbox"/> É indiferente |
| <input type="checkbox"/> Não canta nem xinga, mas acha isso válido | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |
20. Você acha que a violência no futebol pode ser associada principalmente às torcidas organizadas: Sim / () Parcialmente / () Não / () Não sei dizer
21. No Independência, o que você acha da presença e atuação da polícia e dos demais agentes de segurança: () Excelente / () Boa / () Razoável / () Ruim / () Péssima / () Não sei dizer
22. Qual a sua sensação de segurança dentro do Independência: () Alta / () Média / () Baixa / () 1ª vez no estádio
23. Qual a sua sensação de segurança no entorno do Independência: () Alta / () Média / () Baixa
24. Qual a sua sensação de segurança no trajeto (caminho de casa até o estádio) para o Independência: () Alta / () Média / () Baixa
25. **Quais desses fatores diminuem sua sensação de segurança nos dias de jogos no Independência:
- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Grande público | <input type="checkbox"/> Jogo de grande rivalidade | <input type="checkbox"/> Meio de transporte inadequado |
| <input type="checkbox"/> Proximidade de torcedores organizados | <input type="checkbox"/> Ausência ou pouco policiamento | <input type="checkbox"/> Estacionamento ruim |
| <input type="checkbox"/> Dia de clássico | <input type="checkbox"/> Partida tarde da noite | <input type="checkbox"/> Outro: _____ |
- ***
26. Você aceitaria, em algum momento nas próximas semanas, ser contactado para participar de uma entrevista simples como uma continuação dessa pesquisa? Sim / () Não

Telefone para contato: _____ E-mail: _____

Assinatura ou rubrica: _____

Apêndice B – Roteiro de entrevista com os torcedores

Roteiro de entrevista

1. Qual é o seu clube de coração?
2. O que o levou a torcer por esse clube? (Discorra sobre isso.)
3. Qual é o símbolo mais importante do seu clube? Por quê?
4. Como você costuma adquirir ingressos para os jogos do seu time no Independência?
5. O que você acha dos cambistas? E dos sócio-torcedores?
6. Você odeia algum outro time? Por quê?
7. Você torce ou simpatiza com algum outro clube? Por quê?
8. Qual estádio você prefere: o Mineirão ou o Independência? Por quê?
9. Como você avalia as reformas nos estádios de BH para a Copa de 2014? (Fale especificamente do Independência.)
10. O que você acha da colocação de cadeiras no lugar das arquibancadas?
11. Você acha que o torcer em estádios de futebol é algo violento ou perigoso?
12. Quais fatores te deixam mais inseguro ao ir a um estádio de futebol?
13. O que você acha dos xingamentos e cantos ofensivos nos estádios?
14. Como você vê as torcidas organizadas?
15. Como você vê a atuação da polícia nos jogos de futebol?

Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido de participação dos torcedores nas entrevistas da pesquisa

Termo de consentimento livre e esclarecido de participação em pesquisa

Universidade Federal de Minas Gerais - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Termo de esclarecimento relativo à pesquisa de mestrado do pesquisador Marcos de Abreu Melo, orientado pelo Professor Doutor Silvio Ricardo da Silva

E-mail: mardeabreu@yahoo.com.br Website: <http://gefut.wordpress.com>

Telefone de contato: (31) 3409-2345 Celular: (31) 8792-6592

Prezado(a) torcedor(a), agradecemos a anterior contribuição ao preencher o questionário referente a pesquisa de mestrado intitulada “Experiência e paixão no futebol: relações estabelecidas por torcedores comuns de belo horizonte com o torcer, com a violência e com o novo estádio independência” do pesquisador Marcos de Abreu Melo, da Escola de Educação Física da UFMG.

Vimos agora, convidá-lo a participar da segunda fase da referida pesquisa, a entrevista. Esta pesquisa tem por objetivo verificar como o torcedor comum de Belo Horizonte se relaciona com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Estádio Independência. Tem como possíveis benefícios subsidiar políticas públicas relacionadas ao futebol, ao torcer e à violência em Belo Horizonte. A sua contribuição, torcedor(a) consiste em responder a uma entrevista com 15 perguntas relativas à temática da pesquisa. Esta entrevista será gravada em um gravador digital, terá duração aproximada de 30 a 40 minutos e posteriormente será transcrita para utilização na dissertação do referido pesquisador. Cabe ressaltar que a qualquer momento você poderá desistir de participar por qualquer motivo, sem nenhum ônus. É importante informar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo nenhum tipo de remuneração. É assegurado ao voluntário total sigilo sobre suas informações. Todos os dados aqui coletados serão utilizados somente para fins desta pesquisa. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas que surjam sobre a pesquisa e agradeço a contribuição.

Diante de tais esclarecimentos, eu, _____

_____, me proponho a participar como voluntário da presente pesquisa.

Data: ___ / ___ / ___

Assinatura do voluntário: _____

Assinatura do pesquisador: _____

E-mail: _____

Telefone / Celular: () _____